



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

JAYANE SANTOS GUIMARÃES

IGREJA INCLUSIVA: diversidade sexual e experiências religiosas



Araraquara-SP, 2017

JAYANE SANTOS GUIMARÃES

IGREJA INCLUSIVA: diversidade sexual e experiências religiosas

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa:

Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Alves de Toledo Bruns

ARARAQUARA – SP

Guimarães, Jayane Santos
IGREJA INCLUSIVA: diversidade sexual e
experiências religiosas / Jayane Santos Guimarães –
2017
133 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Maria Alves de Toledo Bruns

1. Diversidade Sexual. 2. Experiência Religiosa. 3.
Igreja Inclusiva. 4. Teologia Inclusiva. 5.
Fenomenologia. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JAYANE SANTOS GUIMARÃES

IGREJA INCLUSIVA: diversidade sexual e experiências religiosas

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa:

Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Alves de Toledo Bruns.

Data da defesa: 04/12 /2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alves de Toledo Bruns, Doutora em Psicologia Educacional

Docente e pesquisadora, Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto - SP), e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara-SP).

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Docente e pesquisador, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara-SP).

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Célia Regina Vieira de Souza-Leite, Doutora em Psicologia

Docente e pesquisadora, Centro Universitário Moura Lacerda (Ribeirão Preto-SP).

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta pesquisa às pessoas que (re) descobriam a palavra de Deus e hoje podem vivenciar suas práticas religiosas sem máscaras. Que este trabalho alcance muitas outras!

Agradecimentos

Mais uma jornada está chegando ao fim. Tento, em poucas palavras, agradecer a todos/as que fizeram parte desta caminhada. Primeiramente, agradeço a Deus, por nunca me desamparar, por ter me capacitado, e ter feito nascer em mim o desejo de trabalhar com o tema desta dissertação.

Agradeço ao meu pai, a minha mãe e a meu irmão, que sempre abraçaram meus sonhos e que sempre me apoiaram; eu amo vocês. Agradeço a minha companheira de vida Day, por estar comigo nos piores e melhores momentos. Meus dias se tornaram mais leves com você ao meu lado, amo você!

Agradeço a Maria Alves, pelas orientações e diálogos significativos. Foi um desafio, porém regado a muito aprendizado e conhecimento. Obrigada por ser uma orientadora ímpar! Aos/as colaboradores/as deste trabalho, minha eterna gratidão por terem dividido conosco, suas experiências religiosas.

Aos professores e professoras dos Programas de Pós Graduação em Educação Sexual e Educação Escolar da UNESP /Araraquara pelos diálogos construtivos.

Aos meus amigos e amigas de Sergipe, que mesmo a distância, me deram e me dão muita força, amo vocês, obrigada! Claudiene, minha eterna gratidão pelos conselhos e conhecimento compartilhado.

Aos meus amigos e amigas do mestrado, muito obrigada pela troca de conhecimento e de experiências. Amanda, Denise e Karin, minha eterna gratidão, por terem muitas vezes aberto as portas de suas casas para me receber. Drielly, João e Elânia, muito obrigada por estarem dispostos a ouvir meus desabafos.

A minha amiga Daniela, gratidão por sua capacidade de perceber minha aflição, e por sempre me ajudar. Você é meu anjo da guarda, amo você!

A minha afilhada Heloísa, o presente mais lindo que recebi em 2017, você sempre me proporciona momentos encantadores e que me ensinam muito. Dinda a ama demais!

Aos queridos amigos e amigas que conheci em São Paulo: Gisele (e família), Maique, Felipe, Larisse, Jamilla, Ícaro, Natália e João, obrigada por me proporcionarem inúmeros momentos de descontração. Agradeço, também, ao pastor André, que sempre tem uma palavra de motivação e que, em diversas situações, ajudou-me a seguir em frente.

Ronaldo, minha eterna gratidão pela troca de conhecimentos, dicas e por me ajudar sempre que precisei. À família Bosco, que desde o início, me acolheu tão bem, até que me sentisse parte de vocês, obrigada por tudo!

Se eu me esqueci de alguém, perdoem-me. Há muitos a agradecer.

Enfim, foi uma jornada árdua, mas cheia de surpresas, aprendizados e (des) construções, todavia “até aqui o Senhor nos ajudou” (1 Samuel , 7:12).

Resumo

A experiência religiosa é um fenômeno de destaque em toda a história da humanidade, e que perpetua na contemporaneidade. Todavia, mesmo com diversas mudanças paradigmáticas, ainda é comum que a maioria das instituições religiosas tradicionais compreendam a sexualidade unicamente através de sua finalidade reprodutiva, reforçando a visão cis-heteronormativa¹. Contudo, na década de 1960, nos Estados Unidos, surge a teologia inclusiva, através da pioneira Igreja da Comunidade Metropolitana, com uma visão diferenciada da teologia tradicional. Esta nova teologia vai ao encontro compreensivo das diversidades sexuais humana. Abordando os aspectos compreensivos alusivos à Igreja e sua relação com as diversidades sexuais humanas, esta dissertação corresponde às análises das falas de quatro colaboradores/as homossexuais (três homens e uma mulher), e uma mulher transexual, frequentadores/as de Igrejas Inclusivas e tem o objetivo de compreender as suas experiências religiosas. A partir do método qualitativo fenomenológico, foi possível desvelar o mundo-vida dos/as colaboradores/as a partir de um diálogo mediado pela seguinte questão norteadora: Fale para mim como tem sido sua vivência homoafetiva e sua prática religiosa desde sua infância, adolescência, fase adulta, ou seja, até o momento em que passou a conhecer e a frequentar a Igreja Inclusiva. Para as análises compreensivas das falas, ancoramos nos saberes de Mauro Martins Amatzuzi, acerca da fala autêntica e experiência religiosa. A partir das análises das falas, emergiram as seguintes categorias: (1) Nos horizontes da experiência religiosa na infância; (2) Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência; (3) Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta; (4) Nos horizontes da experiência religiosa inclusiva, e (5) Silenciamento das lésbicas. Compreendemos que, após as análises, a exclusão dentro de instituições religiosas tradicionais foi um dos principais motivos que contribuiu para o sofrimento e conflito subjetivos presentes na trajetória dos/as colaboradores/as, portanto, esta dissertação pretende

¹ Sistema que determina o gênero pelo sexo biológico

criar um diálogo construtivo com a finalidade de desencadear reflexões pertinentes na família, escola, mídia e na igreja a fim de desconstruir posturas homofóbicas e sexistas de modo a instituir uma ética da amorosidade, do respeito e da inclusão.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Experiência Religiosa. Igreja Inclusiva. Teologia Inclusiva. Fenomenologia.

Abstract

Religious experience is a prominent phenomenon throughout the history of mankind, and perpetuates it in contemporary times. However, even with several paradigmatic changes, it is still common for most traditional religious institutions to understand sexuality solely through its reproductive purpose, reinforcing the cis-heteronormative view. However, in the 1960s, in the United States, inclusive theology emerged, through the pioneering Church of the Metropolitan Community, with a differentiated view of traditional theology. This new theology goes to the understanding encounter of the human sexual diversities. This dissertation, which deals with the comprehensive aspects of the Church and its relation to human sexual diversity, corresponds to the analyzes of the statements of four homosexuals (three men and one woman), and a transsexual woman, attending Inclusive Churches, and the purpose of understanding their religious experiences. From the phenomenological qualitative method, it was possible to unveil the world-life of the collaborators from a dialogue mediated by the following guiding question: Tell me how has been your homoaffective experience and your religious practice since childhood, adolescence, adulthood, that is, until the moment he came to know and attend the Inclusive Church. For the comprehensive analyzes of the speeches, we anchor in the knowledge of Mauro Martins AmatuZZi, about authentic speech and religious experience. From the analyzes of the speeches, the following categories emerged: (1) In the horizons of religious experience in childhood; (2) On the horizons of religious experience in adolescence; (3) In the horizons of religious experience in the young adult / adult phase; (4) In the horizons of inclusive religious experience, and (5) Silencing of lesbians. We understand that, after the analysis, the exclusion within traditional religious institutions was one of the main reasons that contributed to the subjective suffering and conflict present in the trajectory of the collaborators, therefore, this dissertation intends to create a constructive dialogue with the purpose of triggering relevant reflections in the family,

school, media, and church in order to deconstruct homophobic and sexist attitudes in order to institute an ethic of love, respect, and inclusion.

Keywords: Sexual Diversity. Religious Experience. Inclusive Church. Inclusive Theology. Phenomenology.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Levantamento das Igrejas Inclusivas no Brasil.....	40
Quadro 2 – Perfil dos colaboradores. Dados com base no levantamento socioeconômico (ABEP, 2011)-.....	51

Sumário

Pré-Reflexivo: Caminho trilhado pela autora.....	14
Introdução	18
Capítulo 1: Nos horizontes das diversidades sexuais na interface com a religião.....	21
Capítulo 2: O que é Teologia	27
Capítulo 3: O resgate da fala autêntica por Mauro Martins AmatuZZi	41
3.1. A experiência religiosa na perspectiva de AmatuZZi	43
Capítulo 4: Pesquisa qualitativa na modalidade fenomenológica	45
4.1. A fenomenologia como ponto de partida	45
4.2. A entrevista fenomenológica como caminho	47
4.3. Caminho percorrido	48
4.4. Os percalços do caminho trilhado	49
Capítulo 5: Análises compreensivas das falas de LGTRANS	53
Colaboradora 1	54
Colaborador 2.....	71
Colaborador 3	79
Colaborador 4.....	91
Colaboradora 5	104
Capítulo 6: Diferentes olhares para o fenômeno: O lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS	118
Horizontes de compreensão do fenômeno : O lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS.....	121
Referências	123
Anexo A	129
Anexo B	130
Anexo C	133

Pré-Reflexivo

Caminho trilhado pela autora

Buscando situar o/a leitor/a que vai me acompanhar em direção aos trajetos que me levaram a escolher a temática de diversidade sexual na interface com a religião, apresento minha trajetória acadêmica, que me conduziu ao interesse do fenômeno: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS² como tema desta dissertação intitulada *Igreja inclusiva: diversidade sexual e experiências religiosas*.

Em 2010, ingressei no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e no ano de 2014 cursei a disciplina obrigatória chamada “Corpo, gênero e sexualidade” ministrada pela Profa. Dra. Claudiene Santos. Parte do conteúdo desta disciplina concentrava-se nos aspectos da diversidade afetiva e sexual na interface com corpo, gênero e sexualidade. No decorrer da disciplina, dediquei-me a atividades didáticas, tive contatos com textos específicos indicados pela docente e participei de eventos voltados para a sexualidade humana, o que fortaleceu o meu interesse em conhecer em profundidade temática das diversidades afetivas e sexuais.

Durante uma conversa com uma amiga sobre a homofobia vivida por homossexuais em instituições religiosas tradicionais, fui informada sobre a teologia inclusiva, que se sustenta na Bíblia, mas se diferencia de algumas outras por acolher a todos de forma igual. Conhecer a teologia inclusiva, juntamente com minhas experiências acadêmicas na área da sexualidade, despertou-me o desejo de cursar uma pós-graduação. Então, em uma conversa com a Profa. Dra. Claudiene Santos sobre meu interesse no mestrado, fui informada de que havia a pós-graduação *stricto sensu* em Educação Sexual, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), campus de Araraquara. Por este tempo, a professora Claudiene indicou-me a

² Lésbicas, gays e transexuais.

Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, que tive a oportunidade de conhecer em um encontro em Aracaju, em 2014.

Em seguida, viajei para a cidade de São Paulo para participar de atividades acadêmicas e tive a oportunidade de conhecer uma Igreja Inclusiva, localizada no centro da cidade, o que aumentou meu interesse pelo tema. Entrei em contato com a Profa. Dra. Maria Alves e falei sobre a simpatia que tinha pela temática, ela se entusiasmou e, após alguns encontros em Aracaju e orientações via Skype, começamos a desenvolver o projeto para a participação do processo seletivo do programa de pós-graduação em Educação Sexual da UNESP de Araraquara, para o segundo semestre de 2015.

Após concluir o curso de Ciências Biológicas, licenciatura, na UFS, no primeiro semestre de 2015, fui aprovada no programa de pós-graduação em Educação Sexual no segundo semestre de 2015, e as questões elaboradas durante a supervisão da professora Maria Alves foram: Como, quando e porque as Igrejas surgiram? O que mobilizou a criação destas Igrejas e como são as vivências religiosas de gays e lésbicas? Quais são os significados e sentidos que gays e lésbicas atribuem a sua religiosidade?

Estas, entre outras questões, aguçaram-me o desejo de pesquisar para compreender em profundidade o lugar da religião para gays e lésbicas, assim como me possibilitou conhecer a fenomenologia, abordagem escolhida pela docente para a realização de suas pesquisas.

Elegemos a metodologia qualitativa fenomenológica para elaboração deste projeto de pesquisa, até então intitulado: *Igreja inclusiva: vivências religiosas de gays e lésbicas*, e que foi submetido ao Comitê de Ética e pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Campus Araraquara, sendo aprovado em 31 de outubro de 2016 (ANEXO A).

Durante a execução do projeto, pudemos participar de eventos e apresentar trabalhos como: “A vivências de homossexuais na interface da religiosidade”³, “Vivência religiosa homoafetiva: um estudo de caso na perspectiva fenomenológica”⁴ e “A educação sexual clama por espaço: análise curricular das melhores universidades”⁵.

Após o exame de qualificação, realizado no dia 28 de julho de 2017, foi sugerido que a dissertação tivesse o título modificado, uma vez que, durante as entrevistas, nos informaram que pessoas transexuais e travestis também são frequentadores/as de Igrejas Inclusivas. Portanto, por englobar as diversidades sexuais, esta dissertação recebeu o título de: “Igreja inclusiva: diversidade sexual e experiências religiosas”.

Tais experiências proporcionaram-me uma visão mais ampliada acerca da religião, teologia, experiência religiosa, gênero e diversidades sexuais. Para a realização desta dissertação, elaboramos os seguintes eixos investigativos:

Capítulo 1 – Nos horizontes das diversidades sexuais na interface com a religião.

Neste capítulo, abordaremos temas relativos à religião na interface com as diversidades sexuais, a fim de elaborarmos um *corpus* de conhecimento que possa nos conduzir em direção a horizontes de compreensão do seguinte fenômeno: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS.

Capítulo 2 – O que é Teologia

Abordaremos, neste capítulo, o que é Teologia e como surgiu a Teologia Inclusiva, bem como sua relação com a comunidade LGBT⁶.

Capítulo 3 – O resgate da fala autêntica por Mauro Martins AmatuZZi

³ Guimarães, J.S ; Bruns, M.A.T. (2015) *A vivências de homossexuais na interface da religiosidade*. Apresentado na modalidade pôster no Congresso Ibero Americano realizado na UNESP de Araraquara/ SP em novembro de 2015

⁴ Guimarães, J.S; Bruns,M.A.T; Zerbinatti, J.P (2016) *Vivência religiosa homoafetiva: um estudo de caso na perspectiva fenomenológica* . Apresentado na modalidade oral do IV Congresso de Educação Sexual em Araraquara/SP em dezembro de 2016.

⁵ Guimarães, J.S; Bruns,M.A.T; Zerbinatti, J.P (2016). *A educação sexual clama por espaço: análise curricular das melhores universidades*. Apresentado na modalidade pôster do IV Congresso de Educação Sexual em Araraquara/SP em dezembro de 2016

⁶ A sigla LGBT refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Propusemos, neste capítulo, apresentar as contribuições deste autor, na interface do tema da religiosidade e experiência religiosa, em busca da compreensão do fenômeno por nós indagado: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS.

Capítulo 4- Pesquisa qualitativa na modalidade fenomenológica

Para conduzir-nos à compreensão do fenômeno estudado, apresentamos a abordagem fenomenológica, que nos permite uma análise ampla ao delinear o perfil dos/as colaboradores/as, através de suas trajetórias de vida.

Capítulo 5- Análises compreensivas das falas de LGTRANS

Neste capítulo, apresentamos os perfis dos/as colaboradores/as individualmente, bem como suas análises, formuladas a partir das categorias que emergiram de suas falas.

Capítulo 6- Diferentes olhares para o fenômeno: O lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS

Neste capítulo, expomos uma síntese compreensiva das convergências e divergências identificadas nas falas dos/as colaboradores/as e das reflexões que sugerimos em seus diversos aspectos existenciais.

Horizontes de compreensão do fenômeno: O lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS

Expomos, neste capítulo, os horizontes que se apresentam a partir das trajetórias de vida dos/as colaboradores/as e a suas experiências religiosas.

Após a apresentação dos eixos investigativos, passamos a apresentar a dissertação: *Igreja inclusiva: diversidade sexual e experiências religiosas*.

INTRODUÇÃO

Em busca do desvelamento acerca da própria existência, no decorrer dos séculos, homens e mulheres tentaram responder questões existenciais através de mitos. De acordo com Ribeiro (2015), nos primórdios da humanidade, rituais, registrados em pinturas rupestres desde há 45 mil anos, demonstravam a sistematização da espiritualidade do homem primitivo evidenciada com extrema riqueza. . Naquele momento, os astros, e elementos da natureza, dadas as condições de primitivismo da sociedade humana, eram divinizados.

Presume-se que a religião surgiu devido à necessidade natural do ser humano de esclarecer o seu mundo misterioso (Ribeiro, 2015). De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004), a palavra religião, que vem do latim *religare*, significa crença ou doutrina religiosa, cuja finalidade é cultuar divindade/s, por intermédio de cerimônias, escritos e práticas religiosas.

Segundo Ribeiro (2015):

 Não consta, na história da civilização, a existência de um único povo que não tivesse seus rituais e seus deuses; mais tarde, frequentemente, esses rituais eram também a origem ou estavam na base de práticas que favoreciam os rituais de colheita e, muitas vezes, eram provocadoras de guerras entre diferentes grupos. As religiões não eram ensinadas ou transmitidas de povo a povo, mas cada deus dava identidade ao seu povo; deuses que nasciam como fruto e reflexão das necessidades desse mesmo povo (p.15).

A religião surge a partir do momento em que o ser humano desenvolve a capacidade de dar nome as coisas, ou seja, ela emerge em um emaranhado de símbolos, sentimentos e rituais e, conseqüentemente, sendo um fenômeno construído por diferentes povos, diante de suas perspectivas, tende a expressar-se de diferentes maneiras, construindo seus próprios valores, regras e entidades (Alves, 2005).

É notório que a vivência religiosa é um fenômeno que permanece em evidência na contemporaneidade. Na sociedade ocidental, o cristianismo exerce forte influência nas esferas política, social, educacional e cultural, definindo, muitas vezes, o papel da prescrição moral, com mandamentos dogmáticos, controlando os comportamentos da sociedade, e, conseqüentemente, a normatização da sexualidade (Gebara, 2006).

Os cultos religiosos, em seus diversos matizes, operam sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Eles definem que corpo pode ou não realizar e/ou participar de seus segredos, de seus ritos. Impõem por meio da definição de quem opera o poder religioso/divino, se cabe à operação a um corpo de homem ou de mulher. (Silva, Parreira & Lissi, 2017, p.86).

A sociedade ocidental contemporânea vivencia um pluralismo religioso e, apesar de inúmeros conflitos, os assuntos relacionados às diversidades sexuais na interface com a religião, estão presentes de forma intensa nos últimos anos, bem como a inserção da comunidade LGBT na esfera religiosa, tornando-se necessário discutir tais aspectos de forma minuciosa (Silva, Parreira & Lissi, 2017).

É importante esclarecer que esta dissertação não tem como objetivo criticar os dogmas das Igrejas Tradicionais, mas compreender o fenômeno por nós indagado: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS. Situamos no contexto da contemporaneidade o nosso interesse em compreender as vivências religiosas de gays, lésbicas e transexuais frequentadores (as) de Igrejas Evangélicas Inclusivas.

Considerando que, o movimento teológico inclusivo obteve visibilidade na década de 1990, torna-se indispensável construir um diálogo a partir das ideias de diversos/as autores/as, para que possamos situar o/a leitor/a em nosso interesse de compreender o mundo-vida de gays, lésbicas e transexuais frequentadores/as de Igrejas Evangélicas Inclusivas.

Ressaltamos que, para as análises compreensivas das falas dos/as colaboradores/as, fazemos aporte nas reflexões de Mauro Martins AmatuZZi acerca da fala autêntica e experiência religiosa, e, desta perspectiva, convidamos o/a leitor/a a nos acompanhar no decorrer dos próximos capítulos.

CAPÍTULO 1

NOS HORIZONTES DAS DIVERSIDADES SEXUAIS NA INTERFACE COM A RELIGIÃO

Dando continuidade ao que foi exposto, de acordo com Gebara (2006), a sociedade contemporânea vive um momento de pluralismo teológico, caracterizado por diversos desdobramentos do estudo da religião. Segundo Natividade (2013):

Na entrada de um novo milênio, destacamos a complexidade das relações entre religião e sociedade, do ponto de vista de uma perspectiva dos direitos humanos. O surgimento de novos sujeitos de direitos e de novos fatos e eventos que transcorrem em contextos internacionais e locais sugerem que os debates se ampliam e instituições religiosas são convidadas a repensar valores, posicionamentos e atitudes (p.37).

A sociedade ocidental é fortemente influenciada pelas religiões cristãs, e, de acordo com Foucault (2008), a ferramenta de poder estabelecida pelo cristianismo, é chamada de “poder pastoral”, bem presente na atualidade, que corresponde ao poder que é exercido pelas instituições religiosas cristãs sobre as pessoas, e não sobre um território, e onde a ideia principal do pastor é a salvação do “rebanho”. Tal poder é individualizante, pois o pastor só pode dirigir o grupo religioso como um todo, se fizer acompanhamento individual com cada fiel. Os/as fiéis, numa forma de recompensar a dedicação do pastor, submetem-se às doutrinas religiosas, que correspondem a um conjunto de normas, onde estão incluídas as regulamentações dos corpos, dos desejos e prazeres da carne.

Em busca da salvação, os/as fiéis submetem-se à moral religiosa, que, com a orientação do pastor, segue normas consideradas válidas para alcançar a vida eterna em Deus (Silva, Parreira & Lissi, 2017). As regras relacionadas à sexualidade foram impostas pela Igreja Católica no período da Alta Idade Média, como uma maneira de controlar a sociedade

medieval, através de conceitos como céu, inferno, diabo e pecado, e pelo viés da alegação de que o sexo, praticado fora das regras então determinadas, seria pecaminoso. Tais imposições fizeram surgir um novo/a homem/mulher, reformado pelo cristianismo, construído a partir da culpa, e do medo de ir para o inferno (Souza, Silva & Oliveira, p.3).

Esta regulamentação continua presente até os dias de hoje. A sexualidade ainda é reduzida apenas à finalidade reprodutiva, e os prazeres do corpo são considerados pecados. De acordo com Silva, Parreira e Lissi (2017):

O corpo e sexualidade passam então a serem tratados com cautela, sem a marca daquilo que é de todo mal, mas que precisa ser disciplinado, controlado e, se necessário, combatido. Produz-se o dispositivo da sexualidade que molda e disciplina o corpo. Cabe ao pastor impedir o fracasso, a perda da salvação, como também cabe a ele a instauração da disciplina e controle dos corpos e da sexualidade. (...) A desqualificação do desejo, a insistência no papel reprodutivo da sexualidade e a exaltação da monogamia são altamente caros à sociedade ocidental e à moral religiosa cristã, que permanecem zelando por tais princípios a fim de que seja assegurado um tipo de sexualidade, corpo e gênero aceitáveis na convivência social (p.90).

Assim, desde a Idade Média até os dias atuais, a normatização sexual, monogamia e a sexualidade associada somente ao papel reprodutivo, desencadeiam a supremacia da heterossexualidade no âmbito religioso tradicional, e considera-se a homossexualidade e outras expressões da sexualidade humana como expressões da anormalidade.

A Heteronormatividade na interface com a homossexualidade

Até o final do século XIX, o instinto sexual era relacionado ao desejo de reprodução evidenciado por homens e mulheres. Contudo, este desejo passou a ser contestado, surgindo um novo padrão sexual, não somente relacionado à procriação, mas também ao desejo erótico.

Estes dois padrões sexuais embasaram os primeiros conceitos de heterossexualidade e homossexualidade (Katz, 1996).

O termo homossexual foi publicado, pela primeira vez, pelo jornalista húngaro Karl-Maria Kertbeny em 1864, como uma forma de defender homossexuais que estavam sendo perseguidos, contrapondo-se ao código penal alemão que condenava pessoas com orientação homoerótica à prisão⁷.

Posteriormente, em 1892, os termos heterossexual e homossexual foram publicados, em um jornal de medicina nos Estados Unidos, em um artigo de autoria do doutor James G. Kierman. Inicialmente, o significado da heterossexualidade não era relacionado a algo “normal” e/ou “bom” e sim à perversão, pois, em Kierman, tal termo associou-se às manifestações anormais dos desejos humanos. Já a homossexualidade estava relacionada a pessoas que possuíam a mentalidade do sexo oposto, sendo chamados/as de invertidos/as (Katz, 1996).

Ainda segundo Katz (1996), no ano seguinte, em 1893, Richard von Krafft-Ebing, professor de psiquiatria e neurologia, traz em seu livro, um novo significado para as palavras heterossexual e homossexual. O primeiro termo, reescrito como hetero-sexual, foi constantemente associado ao sexo normal e à procriação, e homo-sexual à perversão, pois não tinha finalidade reprodutora. A partir da década de 1920, surgem dois sexos distintos, onde o heterossexual é normal e o homossexual é imoral.

Segundo Nascimento e Alessandro (2010):

O dimorfismo fisiológico dos sexos (anátomo-biológico) teve grande impacto nos processos de subjetivação, no que diz respeito às

⁷ Fonte : <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/luizmott/mott1.html>

mudanças no trabalho, papéis sociais, no poder exercido sobre as mulheres e nos ideais de feminilidade e masculinidade, ou seja, se efetivou em práticas discursivas baseadas no machismo (domínio masculino), heterocentrismo (elege a heterossexualidade como centro) e na heteronormatividade (norma da heterossexualidade compulsória – onde se presume que todas as pessoas são heterossexuais) (p.228).

Embora os termos heterossexual e homossexual fossem publicados pela primeira vez no século XIX, a relação homem e mulher já era considerada a “ideal” pelos padrões cristãos impostos pela Igreja Católica na Idade Média, fazendo com que a homossexualidade fosse considerada pecado, pois não tinha finalidade reprodutiva, desencadeando, até os dias de hoje, preconceito e discriminação contra as diversidades sexuais humanas.

A homofobia, preconceito e discriminação no meio religioso.

A discriminação e preconceito contra pessoas de orientação sexual homoafetiva⁸ pode se manifestar de inúmeras maneiras: através de julgamentos morais, reafirmação de estereótipos, exclusões entre outras (Natividade, 2010; Natividade 2013).

De acordo com Junqueira (2007), a homofobia corresponde às emoções negativas em relação a homossexuais ou assim identificados/as, e surge constantemente nas falas das pessoas de diversos meios e segmentos sociais diariamente. A prática da homofobia é identificada em atos como aversão às relações homoafetivas e refutação às pessoas homossexuais e a qualquer assunto relacionado. Segundo Nascimento (2010):

O termo homofobia foi empregado pela primeira vez em 1971, mas apareceu nos dicionários de língua francesa em meados de 1990, onde é definido como a rejeição das homossexualidades, a hostilização sistemática à consideração aos homossexuais. Junto à xenofobia, o racismo ou

⁸ Orientação sexual diz respeito à atração afetiva e sexual do indivíduo.

antisemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como inferior ou anormal, ou seja, posicionando o outro como bizarro e estranho e não merecedor de sua participação cidadã em âmbitos públicos (p.229).

Assim, a homofobia é apontada como um grave problema social, passando a ser vista como um agente de “restrição de direitos de cidadania, como [agente] impeditivo à educação, à saúde, ao trabalho, à segurança, aos direitos humanos e, por isso, chega-se a propor a criminalização da homofobia. Abrem-se aí novas frentes de batalhas, fogos cruzados, possibilidades e paradoxos políticos” (Junqueira, 2007, p. 6).

No âmbito religioso, é comum que a homofobia desvele-se de modo sutil. Buscando a normatização da sexualidade, alguns/algumas líderes religiosos/as acolhem homossexuais nas Igrejas, porém propondo libertá-los do “homossexualismo” através de “exorcismos” ou “terapias”. Embora as atitudes de acolhimento sejam vistas como inclusão da comunidade LGBT, estas iniciativas religiosas podem ser caracterizadas como homofobia religiosa, que, tem como objetivo a normatização da sexualidade (Natividade & Oliveira, 2009). Segundo os autores:

A homossexualidade não é vista como uma identidade, mas como o sintoma de uma trajetória pessoal percorrida em ambientes que não correspondem ao modelo ideal da família cristã. Essas posturas pastorais de acolhida podem ser interpretadas como uma estratégia política higienista, que não atinge os sujeitos diretamente com a ameaça da morte, mas obstrui e antagoniza formas de exercício da vida consideradas indesejáveis. Diferem deste modo, dos tipos de homofobia que se expressam por meio da agressão física e verbal – operando através de reforço e exagero da norma heterossexual,

cujo efeito é a proliferação e a intensificação de discursos e práticas regulatórias que incidem sobre a diversidade sexual (p.130).

A homofobia religiosa, no entanto, não está limitada apenas às técnicas de acolhimentos pastorais, ela pode ser expressa em discursos de pessoas religiosas conservadoras, inferiorizando também as identidades de gênero⁹, como, por exemplo, travestis e transexuais (Natividade & Oliveira, 2009).

Corroborando a visão deste autor em relação à inferiorização das minorias sexuais, em setembro de 2017, o juiz federal da 14ª Vara do Distrito Federal Waldemar Cláudio de Carvalho, concedeu uma liminar que dá a possibilidade de psicólogos/as oferecerem tratamento de reversão sexual. Tal atitude foi movida por uma ação de 27 psicólogos/as, que acreditam na terapia de reversão sexual, ainda que estes procedimentos tenham sido proibidos pelo Conselho Federal de Psicologia desde 1999¹⁰.

Diante deste quadro de preconceito e exclusões da comunidade LGBT, um estudo religioso denominado “inclusivo” emerge do estudo religioso tradicional, englobando e respeitando todos os matizes sexuais, permitindo que as minorias sexuais possam vivenciar suas práticas religiosas, respeitando suas esferas afetivas e sexuais. Dessa trajetória retomamos o fenômeno: o lugar da religião, seu significado e sentido na vida de LGTRANS, e, no capítulo seguinte, faremos um panorama geral sobre o que é teologia, e, posteriormente o significado da teologia inclusiva.

⁹ Refere-se ao gênero com que o indivíduo se identifica, independentemente do sexo biológico.

¹⁰ Fonte: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/juiz-concede-liminar-que-permite-aplicacao-de-cura-gay-por-psicologos/>

CAPÍTULO 2

O QUE É TEOLOGIA

O significado de teologia e o surgimento da teologia inclusiva

A palavra teologia deriva-se do grego *theos*, que significa divindade, e, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004), corresponde ao estudo das questões divinas. Segundo Gebara (2006), a teologia cristã surge alinhando os dogmas cristãos, ou seja, sistematizando e aplicando coerência em todas as suas crenças e fundamentos.

As teologias são pensamentos sistematizados a partir de tradições orais, usos e costumes. São elaboradas por uma elite masculina reconhecida como autoridade e poder institucional. Estes vão se tornar, muitas vezes, os condutores das religiões e os conselheiros da comunidade em assuntos de consciência e convivência política e social (Gebara, 2006, p.25).

A religião, por muitas vezes, possui um papel de prescrição moral, com mandamentos dogmáticos, controlando os comportamentos da sociedade. Percebe-se que, nas religiões monoteístas patriarcais, os líderes religiosos que são designados para exercer o papel de ensinar a doutrina religiosa, são do sexo masculino, e, por muito tempo, o estudo teológico era voltado apenas para os homens (Gebara, 2006).

A tarefa que é dada aos homens que lideram uma instituição religiosa, faz com que eles sejam exemplos de boa conduta e moral para os membros da comunidade, sendo considerados, por muitas vezes, autoridade representante de Deus (Gebara, 2006). Contudo, esta é uma estratégia perigosa, e, segundo a autora (2006):

As pessoas crentes podem com isso se alienar de sua própria experiência, submetendo-se formalmente e materialmente ao que lhes chega dos poderes religiosos estabelecidos. Esta alienação em relação a nossa própria

experiência, sobretudo a experiência feminina, vai se manifestar de forma explícita na tradição teológica cristã, de forte tendência misógina, não só em seus conteúdos e simbologia, mas na forma de exercer a dominação das consciências e no exercício do poder religiosos (p.28).

Ao longo da evolução do cristianismo em diversas culturas, o papel dos teólogos cristãos se expressou de diferentes formas, ligando-se a grupos com influência social, desenvolvendo uma teologia mais próxima das instituições religiosas e de centros políticos (Gebara, 2006). Considerando que a teologia é o estudo da religião, e cada instituição religiosa realiza leitura e interpretação dos livros sagrados conforme a necessidade e interesse do grupo, podemos dizer que, também no cristianismo, não existe apenas uma teologia, mas diversas teologias, uma vez que são inúmeras as interpretações da Bíblia cristã.

A reflexão teológica atual toma rumos plurais, muitas vezes retomando conteúdos e conceitos inadequados para hoje. Voltamos aos demônios ou às entidades supraterras que são capazes de nos proteger, voltamos a práticas medievais e à centralização na figura de alguns líderes capazes de manipular as emoções do povo. A teologia já não reflete como antes. Muitas vezes, apenas repete um refrão consolador e preservador do *status-quo*. Tudo isto nos convida a repensar nossas convicções e a re-situar a dimensão religiosa de nossa vida à luz dos desafios de hoje (Gebara, 2006, p.59).

Deste modo, buscando compreender o fenômeno: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS, trazemos a seguir, o estudo da Teologia Inclusiva, que coloca em questão alguns significados e sentidos atribuídos à construção religiosa tradicional sobre a condenação da comunidade LGBT à luz da Bíblia.

A construção da teologia inclusiva

O preconceito contra a comunidade LGBT desponta especialmente no âmbito religioso cristão, o qual se fundamenta na literatura bíblica, ao alegar que as escrituras condenam qualquer expressão da sexualidade que fuja do modelo cis-heteronormativo. Tal preconceito é o alicerce para todos os outros preconceitos existentes contra as minorias sexuais (Feitosa, 2016).

Embora as igrejas cristãs convencionais apregoem o amor aos LGBTs, sua pregação acaba mutilando a identidade daqueles que não conseguem cumprir o padrão hegemônico. A influência do pensamento cristão tradicional ultrapassa a igreja institucional, pois até mesmo pessoas leigas recorrem à autoridade bíblica para justificar sua rejeição às minorias sexuais. (Feitosa, 2016, p.5)

As declarações preconceituosas raramente se baseiam em contextos que não sejam religiosos, e, normalmente, são fundamentadas em citações bíblicas. Todavia, os/as líderes de instituições religiosas se negam em retificar a situação, além de alegar que não são responsáveis pela perpetuação de tal preconceito, uma vez que baseiam seus discursos nas interpretações bíblicas tradicionais (Feitosa, 2016).

Até a década de 1950 não se questionava o porquê de a Bíblia condenar a homossexualidade. Todavia, em 1955, na Inglaterra, diante de um quadro de preconceito e exclusão de minorias sexuais em instituições religiosas, foi publicada uma obra intitulada *Homosexuality and the Western Christian* (Homossexualidade e a Tradição Cristã Ocidental), organizadas por médicos e clérigos anglicanos, tendo como principal responsável o teólogo Derrik Sherwin Bailey, que questionava a interpretação tradicional da Bíblia (Feitosa, 2016):

A Teologia Inclusiva, quando surgiu, seu propósito era desconstruir uma teologia anti-homossexualidade e possibilitar o acesso de gays e lésbicas à

vida da Igreja, mas também contribuir para a descriminalização de seus relacionamentos. Na teoria, a nova abordagem tinha como propósito promover a inclusão e a afirmação de pessoas homossexuais, já que o preconceito e a exclusão tinham origem em uma interpretação literalista das Escrituras. A TI (Teologia Inclusiva) lançou-se como uma abordagem de fato evangélica, já que o Evangelho não faz acepção de pessoas (Feitosa 2016, p. 91).

Embora a Bíblia seja um livro muito antigo, as atualizações e estudos baseados em seus textos mantêm sua contemporaneidade e, mesmo tendo sido preservada a riqueza e essência de suas histórias, é comum encontrar diversos termos atuais. Portanto, podemos dizer que há um processo onde a esfera cultural influencia as leituras e releituras dos textos sagrados, fenômeno denominado de história da recepção (Benatte,2007). De acordo com o autor:

Em sentido lato, a história da recepção pode ser definida como a história das apropriações e das interpretações sucessivas de um patrimônio cultural qualquer legado pela tradição num curso de longa ou muito longa duração. Em sentido estrito, a originalidade, singularidade e especificidade das recepções dos textos bíblicos - recepções consideradas isoladamente ou em série-constituem o objeto da história da recepção da Bíblia. O campo é muito mais amplo do que pode parecer à primeira vista. Como consequência dos impactos do pós-modernismo na historiografia, na teologia e nos estudos bíblicos em geral, a história da recepção da Bíblia (p.65).

Portanto, o estudo contextualizado por meio do método histórico-crítico, permite à teologia inclusiva uma diligência mais abrangente das escrituras sagradas, o que não anula ou diminui os princípios bíblicos, mas permite a organização de diversos grupos que foram marginalizados. (Feitosa, 2016).

A obra de Baley possibilitou uma leitura contextualizada da Bíblia, para que os homossexuais, ainda marginalizados e excluídos das instituições religiosas, fossem alcançados pelas escrituras, além de influenciar historicamente a legislação do país de Gales, que descriminalizou a homossexualidade na década de 1960, criou alicerces para a Igreja Anglicana reavaliar seu posicionamento em relação à homossexualidade, além de proporcionar auxílio a membros homossexuais de diversas denominações religiosas (Feitosa, 2016).

Nos Estados Unidos, em 1960, o teólogo Robert Wood, publicou sua obra *Christ and the homosexual* (Cristo e o homossexual), e foi o primeiro clérigo americano a apoiar o casamento homoafetivo e a propor à Igreja a inclusão da comunidade LGBT (Feitosa, 2016). Posteriormente, em 1968, na cidade Los Angeles, a Igreja Comunidade Metropolitana nasceu como a primeira Igreja Inclusiva no mundo. Troy Perry, seu fundador, foi expulso da Igreja que frequentava, por ser homossexual. Sentindo a necessidade de um local para cultuar Deus, criou a Igreja com o ministério voltado para inclusão da comunidade LGBT (Ferreira, 2016).

No Brasil, o primeiro grupo cristão voltado para a discussão da teologia inclusiva, surgiu em 1985, em Salvador/BA, e denominou-se Associação Cristã Homossexual do Brasil. Posteriormente, diversas obras foram publicadas, e influenciaram no surgimento de uma nova mentalidade bíblica e teológica acerca da homossexualidade (Feitosa, 2016).

Na década de 1990, a luta pela igualdade de direitos civis de minorias sexuais se intensificou no Brasil, assim como a luta contra a homofobia e a discriminação. Nessa mesma época a AIDS¹¹ estava em ascensão, então houve uma grande mobilização pela luta contra a doença. Ao longo do tempo, diante de todos esses acontecimentos e de uma visibilidade maior aos grupos menores, surgiu a questão do acolhimento e respeito aos grupos LGBT em

¹¹ AIDS é uma sigla que significa *Acquired Immunodeficiency Syndrome* – Síndrome da Imunodeficiência adquirida.

algumas religiões (Natividade, 2010). De acordo com Natividade e Oliveira (2013): O tema da exclusão da diversidade sexual pelas religiões despontou nesse contexto através da crítica à “homofobia”, supostamente presente na tradição cristã e à consequente vinculação de tal prática sexual ao tema do pecado, da “abominação”, da antinatureza (p.122).

Em 2002, a Igreja Acalanto foi fundada pelo pastor Victor Orellana, na cidade de São Paulo, e foi uma das pioneiras das Igrejas Evangélicas Inclusivas no Brasil. Em seguida, seu nome foi modificado para a Igreja Comunidade Cristã Nova Esperança. Atualmente, existem inúmeras denominações inclusivas espalhadas pelo Brasil, e a iniciativa de acolher o público LGBT rotulou, inicialmente, estas instituições de “Igrejas Gays”, sendo denominadas, posteriormente, como “Igrejas Inclusivas” (Natividade & Oliveira, 2013).

A teologia inclusiva emerge como uma abordagem bíblica enfatizando a inclusão de pessoas sem qualquer distinção, porém Natividade e Oliveira (2013), destacam duas linhas distintas de Igrejas Evangélicas Inclusivas:

Enquanto algumas se destacam por uma perspectiva mais fortemente ativista e pela veiculação de um discurso que valoriza a reinterpretação de textos bíblicos visando produzir uma teologia aos LGBT, uma teologia inclusiva, outras apelam a uma maior ênfase em elementos da vida religiosa, um discurso mais concentrado em formular modelos de uma “vida cristã”, explorando elementos cosmológicos e dos códigos de santidade (p.129).

Inicialmente, a teologia inclusiva aludia apenas à fé de gays e lésbicas, trabalhando na desconstrução das interpretações tradicionais que vão contra a homossexualidade, contudo, mais recentemente, todas as diversidades sexuais passaram a ser englobadas pela teologia inclusiva, sendo discutidos o acolhimento e respeito das demais identidades LGBT (Feitosa, 2016).

Argumentos bíblicos utilizados pela teologia tradicional para a condenação da comunidade LGBT na interface com a teologia inclusiva

Dentre os versículos bíblicos que fazem menção negativa às práticas homossexuais, não há alusões negativas ao sexo entre mulheres. É necessário contextualizar tais textos e considerar fatores históricos, sociais e culturais, para o seu correto entendimento, desviando-se de uma interpretação literal e fundamentalista (Feitosa, 2016).

Quando falamos da Bíblia, também precisamos entender que ela não é o único texto, mas uma coleção de textos inspirados, e não narrados por Deus. Cada texto de autoria diferente tem em si um pouco de seu autor, assim como da sociedade em que esse autor estava inserido. Isso parece ser óbvio, mas inúmeros leitores da Bíblia e um incontável número de pregadores violam esses princípios ao interpretar passagens bíblicas, fazendo de sua interpretação a verdade dos fatos, sem considerar as motivações do autor, seu contexto histórico e destinação do texto (Constantino, 2015, p.24).

Um dos desafios enfrentados pela população LGBT que legitima suas vivências na fé cristã é o conhecimento do que realmente a Bíblia traz acerca da sexualidade humana. (Feitosa, 2015). Apesar de inúmeras traduções da Bíblia trazerem a palavra homossexualidade em seus textos, como já foi mencionado anteriormente, tal termo foi publicado pela primeira vez no século XIX, pois não havia estudos sobre a homossexualidade como componente da natureza humana (Constantino, 2015).

Analisaremos, a seguir, algumas passagens bíblicas que são utilizadas para excluir a comunidade LGBT de instituições religiosas cristãs.

1 - A Criação do homem e da mulher

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente (Gênesis 2:7)

Almeida Corrigida Fiel ACF). Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam. (Gênesis 2:21-25 Almeida Corrigida Fiel-ACF).

Inúmeros teólogos tradicionais utilizam estas passagens bíblicas para deslegitimar o relacionamento homoafetivo, afirmando que a união heterossexual é o único modelo aceito por Deus. Contudo, tal relato, trata apenas do primeiro casal, não considerando outras relações humanas (Constantino, 2015).

2 - A destruição da cidade de Sodoma e o sexo entre homens denominado de “abominação”

Disse-lhe, pois, o Senhor: “As acusações contra Sodoma e Gomorra são tantas e o seu pecado é tão grave” (Gênesis 18:20 Almeida Corrigida Fiel-ACF).

As acusações contra estas duas cidades são relacionadas à prática da homossexualidade, devido à história de um homem, chamado Ló, que teve sua casa invadida pelos sodomitas com o intuito de violentar sexualmente seus hóspedes, que eram estrangeiros (Feitosa,2015).

E vieram os dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro e inclinou-se com o rosto a terra; E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de

vosso servo, e passai nela a noite, e lavai os vossos pés; e de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. E eles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite. E porfiou com eles muito, e vieram com ele, e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete, e cozeu bolos sem levedura, e comeram. E antes que se deitassem, cercaram a casa, os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, desde o moço até ao velho; todo o povo de todos os bairros. E chamaram a Ló, e disseram-lhe: Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos. (Gênesis 19:1-5 Almeida Corrigida Fiel- ACF)

Em outros livros bíblicos, é explicado o porquê de Sodoma ter sido destruída:

Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: Soberba, fartura de pão, e abundância de ociosidade teve ela e suas filhas; mas nunca fortaleceu a mão do pobre e do necessitado. (Ezequiel 16:49 Almeida Corrigida Fiel- ACF).

Mas em qualquer cidade, em que entrardes e vos não receberem, saindo por suas ruas, dizei: Até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos sobre vós. Sabei, contudo, isto, que já o reino de Deus é chegado a vós. E digo-vos que mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma do que para aquela cidade (Lucas 10:10 -12 Almeida Corrigida Fiel- ACF).

Embora estes versículos indiquem claramente que Sodoma foi condenada pela falta de hospitalidade para com os estrangeiros, entre outros delitos, o termo “sodomita” é utilizado desde o século XVII, e, nos dias atuais, diversos líderes de instituições religiosas ainda utilizam tal termo para referirem-se aos homossexuais.

O livro de Levítico traz referência direta à prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, como mostra o versículo: “Quando também um homem se deitar com outro homem,

como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles” (Levítico 20:13 Almeida Corrigida Fiel- ACF) .

Os estudos contextualizados indicam que tal prática não está relacionada com a homossexualidade, uma vez que a prática sexual entre mulheres não é citada no texto. Acredita-se que o sexo entre homens é citado negativamente na Bíblia graças à proibição do sexo passivo, a fim de preservar a masculinidade do homem israelita (Feitosa, 2015). A masturbação, também chamada de onanismo, era considerada um pecado igual ao da sodomia, visto que, tais relações não tem finalidade reprodutiva. Onanismo deriva-se do nome Onã, um personagem bíblico¹², e sua história está descrita em Gênesis:

Er, porém, o primogênito de Judá, era mau aos olhos do Senhor, por isso o Senhor o matou. Então disse Judá a Onã: Toma a mulher do teu irmão, e casa-te com ela, e suscita descendência a teu irmão. Onã, porém, soube que esta descendência não havia de ser para ele; e aconteceu que, quando possuía a mulher de seu irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência a seu irmão. E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou (Gênesis 38: 7-10 Almeida Corrigida Fiel- ACF).

Além disso, a palavra “abominação”, utilizada no Antigo Testamento, é traduzida do termo hebraico *toevah*, que na tradução literal refere-se aos rituais oferecidos aos deuses, considerados idolatria e, neste caso, os cultos à fertilidade de alguns povos desta época incluíam sexo entre homens (Feitosa, 2015).

De acordo com Natividade e Oliveira (2013):

Enunciar, por exemplo, que o “homossexualismo é uma abominação” implica defender a existência, a inteligibilidade e a materialidade de uma

¹² Fonte : <https://super.abril.com.br/ciencia/o-prazer-em-suas-maos/>

posição de pureza externa à homossexualidade, ocupada exclusivamente pela heterossexualidade. Assim, observamos que textos bíblicos são usualmente empregados para reiterar a ideia do “pecado”, recorrendo a interpretações da Palavra que se pretendem e reforçando uma lógica cultural que expressa o que estas iniciativas entendem como a tensão entre a “Lei de Deus” e a “Lei dos homens” (p.87).

3- A carta escrita por Paulo condenando a sodomia

Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro (Romanos 1:26, 27 Almeida Corrigida Fiel- ACF).

Considerando o contexto sociocultural e histórico de Roma, e aplicando regras de hermenêutica à interpretação bíblica, fica claro que as observações feitas pelo apóstolo Paulo não estão relacionadas às práticas homoeróticas contemporâneas e, sim, aos rituais de idolatria praticados pelo povo pagão, bem como às proibições perpetradas em Levítico, consideradas sodomia (Feitosa, 2015).

4- A condenação de “sodomitas” e “efeminados”

Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus (I Coríntios 6:10 Tradução da Bíblia Almeida Fiel- ACF).

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem

homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus (I Coríntios 6:9-10 Tradução da Bíblia Nova Versão Internacional – NVI).

Na perspectiva da hermenêutica, nas traduções bíblicas citadas acima, “efeminados” e “sodomitas” são termos utilizados desde o século XVI, que se referem aos homossexuais, uma vez que líderes religiosos tradicionais pregam que a cidade de Sodoma foi destruída pelo pecado da homossexualidade. Estas palavras são de origem grega, *malakoi* e *arsenokoitai*, respectivamente, que são traduzidas erroneamente (Constantino, 2015).

O termo *malakoi* significa literalmente “suave”, que, em diversos textos gregos, está relacionado à fraqueza, e não a prática homossexual. Já a palavra *arsenokoitai* é aparentemente relacionada à “pederastia”, prática comum na Grécia Antiga e considerada um ritual de passagem, onde um homem mantém práticas sexuais com um jovem, ou seja, não tem relação com as relações homossexuais (Constantino, 2015).

Como já foi citado no início deste capítulo, por intermédio da leitura histórico-crítica da Bíblia, é possível concluir que a proibição da homossexualidade não é o tema central da Bíblia Cristã, onde muitos dos seus ensinamentos abordam o amor e respeito ao próximo.

2.2. A Igreja CrisTrans¹³

Por muito tempo, algumas denominações religiosas inclusivas não incluíam em seus cultos os/as transexuais e travestis, impondo uma norma de gênero. Todavia, este quadro está transformando-se, as Igrejas Inclusivas estão intensificando seus estudos sobre as diversidades sexuais humanas a fim de quebrar barreiras e preconceitos.

De acordo com Valério (2015):

Transgênero refere-se a todo tipo de pessoa envolvida em atividades que cruzam as fronteiras socialmente aceitas pelo mundo no que diz respeito à conduta de

¹³ O termo é utilizado pelo autor Valério (2015) que se refere ao acolhimento de transexuais e travestis nas Igrejas Evangélicas Inclusivas

gênero. O termo transgênero busca cobrir um amplo espectro de comportamentos considerados transgressivos à disciplina imposta pelo dispositivo binário de gênero, que vão desde a simples curiosidade de experimentar roupas/calçados/adereços próprios do outro gênero até a firme determinação de realizar mudanças físicas através do uso de hormônios e cirurgias (p.53).

A sociedade impõe regras para o nosso corpo: como homens devem se vestir, como mulher deve se comportar etc. O transgênero transgride todas estas condutas. Ele vai além do que foi imposto, desvelando seu comportamento através de ações, pensamentos, palavras etc. A todos os sujeitos que vão contra as normas impostas pela sociedade, e não correspondem às expectativas sociais, podemos chamá-los de trans. Podemos dizer então, que Jesus Cristo, em Suas pregações e ensinamentos quebrantou toda a normatização criada pela sociedade judaica da sua época, seguindo apenas os mandamentos escritos na Bíblia, de forma que a população marginalizada fosse alcançada pelo Evangelho (Valério, 2015).

De acordo com autor, seguindo o versículo bíblico, “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34 Almeida Corrigida Fiel- ACF), a Igreja deve acolher a todos/as. Os preconceitos sofridos contra o público travesti e transexual ainda é mais marcante do que contra gays e lésbicas, isso porque o/a transexual não se enquadra na normatização de gênero.

Acolher quem transgride, é permitir que essas pessoas possam sentir-se plenas acerca de sua sexualidade e entender o amor de Deus, uma vez que Ele é um ser que esta disposto a transformar. O termo Igreja CrisTrans, particularmente, remete-se a uma Igreja transformadora, no sentido da radical inclusão, onde o “diferente” não se torna ameaça, e sim um fator que influencia no crescimento do conhecimento (Valério, 2015) .A Igreja Inclusiva nasce com esse intuito, o de transformar e acolher aqueles/as que foram marginalizados durante séculos. Realizamos um levantamento acerca das Igrejas Evangélicas Inclusivas no Brasil, em setembro de 2016; este levantamento totalizou 17 Igrejas Inclusivas presentes em

diversos Estados Brasileiros. A ferramenta utilizada para a pesquisa das Igrejas no Brasil foi o Facebook, devido à grande divulgação das Igrejas nesta rede social.

Quadro 1. *Levantamento de Igrejas Inclusivas no Brasil*

Nome da Instituição	Estados
Igreja Apostólica Bênção e Vida	MG
Igreja Apostólica Filhos da Luz	CE
Igreja Arena Apostólica	PR
Igreja Avivamento Inclusivo	SP
Igreja Batista Apostólica das Nações – Nova IBAN	SP
Igreja Comunidade Cidade de Refúgio	CE,DF,PR,RN,SP
Igreja Comunidade Cristã Nova Esperança	CE,ES,PE,RN,RS, SP
Igreja Cristã Conquista Plena	GO
Igreja Cristã Contemporânea	SP
Igreja Comunidade Metropolitana	AL,CE,MG,PB,SP, RJ
Igreja Inclusiva Apostólica Novo Tempo	RJ
Igreja Inclusiva Athos eVida	GO
Igreja Inclusiva Unidos em Cristo	GO
Igreja Iris	GO
Igreja Kairós Missão Pentecostal	PE
Igreja Ministério Vida	ES
Igreja Todos Iguais	SP

CAPÍTULO 3

O RESGATE DA FALA AUTÊNTICA POR MAURO MARTINS AMATUZZI¹⁴

Em seu livro, *O resgate da fala autêntica*, publicado primeiramente em 1986, e reimpresso, em segunda edição, em 2016, AmatuZZi fundamenta suas reflexões em autores como Merleau-Ponty, Martin Buber, Paulo Freire e Carl Rogers, que vão ao encontro dos nossos propósitos de fala.

Partindo da perspectiva de Merleau-Ponty (1908-1961), AmatuZZi (2016) expressa que:

A fala autêntica é aquela que formula pela primeira vez (no sentido fenomenológico e não cronológico do termo) e que opõe à expressão segunda, que será então uma fala sobre falas. É nessa fala primeira que, ao falar será o pensamento se fazendo no ato mesmo de falar. Será somente na expressão segunda que poderemos distinguir a fala de um pensamento que lhe seja anterior e que ela apenas traduza. A expressão segunda não é a fala no sentido mais pleno do termo (p.23).

Portanto, neste contexto, na fala autêntica, não há um pensamento anterior, há apenas a elaboração de uma intenção significativa. O pensamento, na fala original, se faz no ato da fala, onde o mundo é criado sob a perspectiva do sujeito. A fala ordinária é organizada a partir dos pensamentos já existentes na fala anterior, autêntica (AmatuZZi, 2016).

Ainda de acordo com AmatuZZi (2016), Merleau-Ponty refere-se ao sujeito que pensa, e não ao sujeito que sente, pois o sujeito pensante ainda não formulou seus

¹⁴ AmatuZZi é doutor em Filosofia da Educação pela UNICAMP (1988), estudou Filosofia e Teologia com frades franciscanos. É psicólogo formado pela PUC/São Paulo (1974). Atualmente é aposentado e atende como psicólogo. A escolha deste autor, para fundamentar a análise compreensiva das falas de nossos/as colaboradores/as ocorre devido a sua produção acadêmica louvável e por ser fenomenólogo renomado. Embora muitos trabalhos de AmatuZZi e seguidores/as estejam voltados para psicoterapia, focaremos a vivência no processo de análise e não em escuta terapêutica, pois trabalhamos com a trajetória de vida dos/as colaboradores/as.

pensamentos, elaborando-os na primeira fala (autêntica), já o sujeito que sente, fala de seu sentimento, analisando-o. Embora a fala autêntica desvele-se pelo sujeito pensante, é como sujeito falante que podemos compreendê-lo. De acordo com AmatuZZi (2016):

Na compreensão da fala de outra pessoa, comunicamo-nos não com um pensamento, mas com o sujeito falante e com o mundo que ele visa. Também o ato compreensivo não será uma operação do pensamento, mas na modulação sincrônica da existência (uma transformação do sujeito) (p.23).

Francisco (2015) corrobora, aludindo que, para Merleau-Ponty, mesmo a fala sendo um meio de comunicação que se constitui através da linguística, e apesar das palavras terem significado, a frase dará significados diferentes a estas palavras. A fala é o que produz o pensamento, mas, ao mesmo tempo, para que exista, e para que se construa, requisita um cogito anterior. Partindo desse pressuposto, dois tipos de falas emergem: a fala falada e a fala falante.

A fala falante é a primeira fala, ou seja, é o surgimento da intenção significativa de comunicação com o mundo. Uma vez que a fala falante emerge, ela torna-se velha, retornando através do mesmo sujeito, ou por outro, onde fala falante é a cultura fazendo-se e fala falada é o resultado (AmatuZZi,2016).

A fala banal (fala inautêntica) é um conjunto dos produtos culturais resultantes da fala falante:

[...] não envolve explicitamente a experiência primordial, não assume o falante (se bem que o defina apesar de tudo...), não engaja como pessoa no esforço de criação cultural, mas, apenas, poderíamos dizer, utiliza-o como indivíduo a serviço do sistema instituído. “A fala banal mantém a instituição da fala, não cria” (AmatuZZi, 2016, p.35).

Portanto, buscando compreender o fenômeno: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS, iremos discorrer sobre a experiência religiosa na perspectiva de AmatuZZi.

3.1 A experiência religiosa na perspectiva de AmatuZZi

No mundo contemporâneo, deduções ou elaborações teóricas já não são mais suficientes para acreditarmos em algo (AmatuZZi,2007). Segundo o autor (2007):

As ideias podem abrir caminhos, mas dar passos por esses caminhos é uma questão de experiência. As ideias podem também instituir descaminhos, sabemos disso. Há, sem dúvida, um trabalho grande e, às vezes, árduo a se fazer no mundo das ideias. Mas ele não substitui a experiência, a vivência direta; integra-se com ela, isso sim (p.8).

Na visão de AmatuZZi (2007), a palavra “experiência” possui diversas derivações e significa um conhecimento que foi adquirido após um contato sensorial com a realidade e está mais relacionada com o que sentimos, do que com o que pensamos.

Segundo AmatuZZi (2007):

A experiência produz significados. Esses significados são uma via de acesso ao real, neste sentido que lidar com eles permite ao ser humano a ampliação das possibilidades e da complexidade da ação, situando-a num patamar qualitativo de outra ordem em relação ao simples comportamento. Mas, esse acesso ao real pelos significados expressos é sempre limitado: há sempre mais na experiência vivida do que no significado que dela construímos (p.9).

Em alemão, existem duas palavras para referenciar o termo “experiência”. A primeira é *erfahrung*, que quer dizer o que foi aprendido e *erlebnis*, algo que foi vivido. O último termo tornou-se importante para a fenomenologia, pois “expressa o que nos é dado de forma

imediate, o que experienciamos, antes mesmo de termos refletido ou elaborado qualquer conceito mais preciso” (Amatuzzi, 2007, p.10). A fenomenologia consiste em desvelar o vivido do sujeito e, através dos questionamentos do/a pesquisador/a, reconstruir seus significados (Amatuzzi, 2007).

É importante ressaltarmos a diferença entre experiência religiosa e conhecimento religioso. O conhecimento religioso surge como constituinte da experiência. A experiência religiosa refere-se ao conhecimento adquirido na prática, é o conhecimento autêntico, único e exclusivo do sujeito (Amatuzzi, 1998).

Deste modo, experiência religiosa refere-se à experiência particular com algo misterioso e até então desconhecido, que se destaca das situações do dia a dia, que nos conduz a um tempo e espaço mitológico (Amatuzzi, 1998).

A experiência religiosa é um conhecimento direto, ou uma consciência direta, que não tem nada a ver com uma dedução racional ou uma crença teórica. (...) E o objetivo dessa experiência é o sagrado ou divino, portanto, tomados de forma englobante (Amatuzzi, 1998, p.4).

Tendo em vista a compreensão do fenômeno: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS, de acordo com Amatuzzi (2007), o método fenomenológico é o mais adequado para os estudos da experiência religiosa, pois o enfoque é a experiência do sujeito, o que vamos apresentar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4

PESQUISA QUALITATIVA NA MODALIDADE FENOMENOLÓGICA

4.1 A fenomenologia como ponto de partida

A fenomenologia surge no final do século XIX, e tem como pioneiro o filósofo Edmund Husserl. Sua origem dá-se da necessidade de Husserl encontrar “uma reflexão que resgatasse a experiência comum, que dissesse de quê a ciência está falando e como é essa realidade que se nos apresenta” (Amatuzzi, 2009, p.94).

Na visão de Leeuw (1933), a fenomenologia busca o fenômeno, ou seja, é o que se mostra em uma percepção, portanto não se trata de um objeto. Segundo o autor:

O fenômeno é, ao mesmo tempo, um objeto que se reporta ao sujeito e um sujeito que se refere ao objeto. Não se entende através disto que o sujeito sofreria uma usurpação por parte do objeto, ou vice-versa. O fenômeno não é produzido pelo sujeito; ainda menos corroborado ou provado por ele. Toda sua essência consiste em se mostrar, se mostrar a “alguém”. Tão logo esse “alguém” comece a falar do que se mostra, faz-se a fenomenologia (p.179).

A fenomenologia nos possibilita construir uma compreensão do fenômeno indagado, em suas especificidades. E, enquanto método, proporciona ao pesquisador a elucidação da trajetória de vida do/a colaborador/a, o que permite compreender os significados e sentidos atribuídos a suas experiências.

Sendo, portanto, a religião atribuída a uma experiência vivida pelo sujeito, conseqüentemente ela torna-se um fenômeno, capaz de desvelar-se.

A experiência vivida (na sua “reconstrução”) é um fenômeno. A revelação não o é; mas a resposta que o homem dá à revelação, o que ele diz do que é revelado, isto também é um fenômeno, permitindo concluir indiretamente que há a revelação (Leews, p.183, 1933).

Segundo Bruns (2011):

Quando o olhar instigante do pesquisador se dirige à busca da compreensão de um fenômeno, baseando-se na premissa de que o homem/mulher é sujeito e objeto do conhecimento e vivencia intencionalmente sua existência, atribuindo-lhe sentido e significado, ou seja, quando não há um ser escondido, uma realidade em si mesma, objetiva e neutra atrás das aparências do fenômeno [...], nesse momento, o paradigma fenomenológico está presente (p.72) .

Portanto, visando à compreensão do fenômeno por nós indagado, a metodologia qualitativa fenomenológica, irá nos conduzir ao processo de desvelamento de forma criteriosa do mundo-vida dos/as colaboradores/as.

A pesquisa qualitativa possibilita ao/a pesquisador/a inúmeras possibilidades de procedimentos, amparados por diferentes concepções. Contudo, todos os desdobramentos da pesquisa qualitativa visam a compreender com profundidade o que está sendo interrogado (Bicudo,2011). Isso permite ao/a pesquisador/a analisar de uma forma intrínseca os significados das relações humanas, que vão além de estatísticas, equações e dados matemáticos.

Logo, a pesquisa qualitativa nos possibilita desvelar a universalidade humana, onde o par fenômeno/percebido sugere que a qualidade é compreendida revelando-se na percepção do sujeito. Dentre as diversas manifestações, a abordagem qualitativa fenomenológica, permite trabalhar com os significados e sentidos atribuídos ao fenômeno (Bicudo,2011).

De acordo com Davi (2013):

Assumir uma estratégia qualitativa de pesquisa fenomenológica significa, antes de tudo, adotar como horizonte teórico e filosófico a existência, compreendida na experiência vivida. E na medida em que entendemos o

método, já como parte da reflexão sobre os fenômenos investigados, optamos por um caminho que valorize as características próprias dos colaboradores da pesquisa. Uma vez que o homem/mulher constitui-se numa subjetividade que pensa, sente e tem na linguagem a expressão da sua existência, compreender a experiência humana representa uma tarefa de extrema complexidade (p.55).

A análise fenomenológica nos possibilita revelar os significados atribuídos ao fenômeno indagado. Porém, é necessário que o/a pesquisador/a tenha a capacidade de não considerar como verdade absoluta os conceitos já existentes acerca do fenômeno a ser pesquisado, mas que veja os conceitos como “capazes de mudança em função dos fatos ou fenômenos que possam revelar-se” (Amatuzzi, p.24, 2011), pois os conceitos pré-existentes podem funcionar como filtros no momento da análise das entrevistas/depoimentos dos/as colaboradores/as (Holanda, 2011). Esta atitude é chamada de redução fenomenológica/*epoché*.

De acordo com Holanda (2011):

É a maneira de acessar o fenômeno tal qual ele é, não é uma “abstração” em relação ao mundo ou ao sujeito, mas – fundamentalmente na mudança de atitude (da natural à fenomenológica), que permite a visualização dos fenômenos como constituinte de uma totalidade (p.48).

4.2 A entrevista fenomenológica como caminho

De acordo com Amatuzzi (2011), faz-se necessário que o/a pesquisador/a facilite a fala do/a colaborador/a, uma vez que, em muitos casos, o fenômeno que está sendo pesquisado não foi acessado anteriormente. Portanto, a entrevista fenomenológica deve ser feita de maneira mobilizadora, haja vista que “as pessoas nunca tiveram oportunidade de efetivamente dizer sua experiência. Fazem-no pela primeira vez e, frequentemente, surpreendem-se com o que dizem” (Amatuzzi, 2011 p.21).

As entrevistas foram conduzidas por meio de uma questão norteadora, elaborada de forma que fosse compreendida pelo/a colaborador/a, buscando desvelar as vivências do sujeito, recorrendo à sua trajetória de vida. A decisão de chamar os sujeitos da pesquisa de colaboradores/as dá-se pelo fato de que a pesquisa fenomenológica não lida com a informação dada pelo sujeito, mas sim com a troca transformadora entre pesquisador/a – colaborador/a (Amatuzzi, 2011).

4.3 Caminho percorrido

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa- CEP da Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara/SP. A submissão do projeto ocorreu em 31 de outubro de 2016 e foi aceito em 7 de novembro de 2016 com seguinte número de processo : 113251/2016 (Anexo A). Assegurou-se, desta feita, o sigilo da identidade dos/as colaboradores/as. Todos os nomes citados neste trabalho são fictícios, assim como os nomes das Igrejas citadas pelos/as colaboradores/as.

Acesso aos/as colaboradores/as

Para acessar os/as colaboradores/as, utilizamos o método conhecido como bola de neve (ou *snowball*), que consiste no acesso a um/a colaborador que indica outro/a. Este método permite que a pesquisa tenha uma amostra heterogênea, que não é controlada pelo/a pesquisador/a, o que pode gerar resultados não esperados, pois não existe filtro na escolha dos/as colaboradores/as (Nicolaci-da-Costa, 2007). Os/as primeiros/as colaboradores/as a serem contatados/as, são chamados/as de “sementes”, dentro do perfil da pesquisa, e atuarão, posteriormente, como elos do contato entre o/a pesquisador/a e os/as próximos/as colaboradores/as (Vinuto, 2015). De acordo com a autora:

Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado (p.203).

Os critérios utilizados para o acesso aos/as colaboradores/as foram: participar de cultos em Igrejas Inclusivas localizadas na região Metropolitana de São Paulo/SP, ser gay ou lésbica, e maiores de 18 anos. Em relação ao número de tentativas de contato com os/as colaboradores/as, estabelecemos como critério três tentativas, no máximo. Seguindo o caminho proposto pelo método bola de neve, entramos em contato primeiramente com as “sementes”, que foram uma mulher e dois homens com orientação homoerótica. O contato foi feito por telefone e, posteriormente, as “sementes” indicaram cinco homens e quatro mulheres.

4.4 Os percalços do caminho trilhado

Todos/as os/as colaboradores/as indicados/as pelas sementes foram contatados através do WhatsApp, todavia quatro mulheres lésbicas aceitaram o convite e em seguida desistiram. Tentamos o contato três vezes com estas mulheres lésbicas, mas não obtivemos sucesso. Apenas um homem recusou-se a ser entrevistado. Devido à dificuldade de acesso às mulheres lésbicas, buscamos outra forma de contato, por intermédio do Facebook, onde mais quatro mulheres foram convidadas, contudo não obtivemos resposta. Entretanto, no percurso do acesso aos/as colaboradores/as, fomos informadas por um dos entrevistados da presença de mulheres transexuais e travestis na Igreja que frequenta. Então entramos em contato com duas mulheres transexuais e uma travesti, no entanto, apenas uma mulher transexual aceitou ser entrevistada.

Portanto, sete homens e nove mulheres com orientação homoerótica, duas transexuais e uma travesti foram contatados/as, dos quais apenas uma mulher lésbica, uma transexual e seis homens gays aceitaram ser entrevistados/as.

Uma vez aceito o convite, foi solicitado ao/a colaborador/a que assinasse o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Anexo B) e respondesse ao questionário

de critério de Classificação Econômica no Brasil da ABEP/2011 (Anexo C), a fim de delinear o perfil de nossos/as colaboradores/as. Nesse momento, o/a colaborador/a foi convidado a responder um questionário composto por: Nome, grau de escolaridade, idade no momento da entrevista, profissão, estado civil, número de filhos, nível socioeconômico, tempo que conhece e frequenta a Teologia Inclusiva e se já participou de algum retiro de cura espiritual devido à orientação homoerótica.

Após o/a colaborador/a responder às questões acima, convidamo-lo/a a realizar a entrevista compreensiva. A obtenção das falas deu-se a partir de uma entrevista compreensiva mediada pela seguinte questão: Fale para mim como tem sido sua vivência homoafetiva e a sua prática religiosa desde sua infância, adolescência, fase jovem adulta / adulta, ou seja, até o momento em que passou a conhecer e a frequentar a Igreja Inclusiva. Nesse momento, de maneira dialógica, a pesquisadora viabilizou um clima de conversa na qual, o/a entrevistado/a se sentisse à vontade para falar acerca de suas experiências e, caso se desviasse desse direcionamento, a pesquisadora retomava a pergunta inicial, de forma reelaborada, como por exemplo: Fale sobre sua trajetória de vida a partir da sua infância e como tem sido sua experiência religiosa atualmente.

De posse das falas dos/as colaboradores/as, submetemo-los à etapa seguinte da análise fenomenológica, da qual Bruns (2011) destaca quatro momentos:

No primeiro momento, as falas foram transcritas na íntegra e foram feitas leitura e releitura das falas, a fim de abranger o sentido do fenômeno indagado para posteriormente buscar os significados e sentidos atribuídos a ele. No segundo momento, após a releitura das falas, caminhamos para elaboração das unidades de significados, que são comuns a todas as falas dos/as colaboradores/as, mas não estão evidenciados, e são construídas pela pesquisadora no decorrer da análise. O terceiro momento consiste em agrupar as unidades de significados em categorias convergentes e/ou divergentes, transformando a linguagem

coloquial do/a colaborador/a em discurso compreensivo fenomenológico. O quarto momento equivale à síntese, que busca a compreensão da pesquisadora ao fenômeno estudado, a partir das convergências e divergências das unidades de significado.

Apresentamos, a seguir, o perfil dos/as colaboradores/as, construído através das informações disponibilizadas no questionário e na entrevista, a fim de possibilitar ao/a leitor/a melhor entendimento.

Quadro 2. *Perfil dos colaboradores. Dados com base no levantamento Socioeconômico (ABEP, 2011) - anexo C*

Colaborador/a	1	2	3	4	5
Data da entrevista	20/04/2017	02/05/2017	03/05/2107	07/05/2017	07/06/2017
Nome	Dandara	Miguel	Vinícius	Renato	Vanessa
Idade	26	24	32	35	52
Grau de escolaridade	Superior incompleto	Superior completo	Superior completo	Médio completo	Superior incompleto
Profissão	Auxiliar de cobrança	Desempregado	Profissional liberal	Auxiliar administrativo	Profissional liberal
Estado Civil	União estável	Solteiro	Casado	Relacionamento sério	Viúva
Filhos	Não	Não	Não	Sim	Não
Nível socioeconômico	C	C	B1	C	C
Participação de retiros de curas espirituais	Sim	Não	Sim	Sim	Sim

Conforme exposto no quadro 2, as entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e junho de 2017. Foram entrevistados/as uma lésbica, seis homens gays e uma mulher transexual. Contudo, no exame de qualificação realizado no dia 28 de julho de 2017, a banca examinadora sugeriu rever as entrevistas a fim de avaliar se as falas estariam se repetindo, utilizando, para isso, a ferramenta chamada de amostragem por saturação. A amostragem por saturação corresponde à inclusão ou remoção de entrevistas, que utilizam como critério a

perspectiva do/a pesquisador/a, se dados obtidos estejam redundantes (Fontanella, Ricas & Turato, 2008).

Portanto, seguindo esses critérios, foram mantidas nesta pesquisa, as falas de uma lésbica, uma mulher transexual e três homens gays. As idades dos/as colaboradores, no momento da entrevista, variaram entre 24 e 51 anos. Todos/as são evangélicos/as frequentadores/as de Igrejas Inclusivas e a maioria possui ensino superior incompleto e ensino médio completo. A questão da profissão, foi bastante diversificada e a maioria enquadra-se no nível socioeconômico C. Apenas um colaborador é nível socioeconômico B1. Somente um colaborador é solteiro, os demais são casados/as, em união estável ou estão em relacionamento sério, e apenas uma colaboradora é viúva. Apenas um colaborador não participou de retiros de cura espiritual. Passamos, a seguir, a apresentar as falas dos/as colaboradores/as, bem como as análises compreensivas feitas individualmente.

CAPÍTULO 5

ANÁLISES COMPREENSIVAS DAS FALAS DE LGTRANS

Neste capítulo, apresentaremos as falas dos/as colaboradores/as, sob a perspectiva do método fenomenológico, interpretadas pela perspectiva de Amatuzzi. Antes, porém, de passar para as análises individuais, exporemos abaixo, as categorias que emergiram após as análises compreensivas das falas.

Categoria 1 – Nos horizontes da experiência religiosa na infância – Nesta categoria, os/as colaboradores/as falam sobre suas experiências familiares na interface com as práticas religiosas tradicionais.

Categoria 2 – Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência – Nesta categoria, os/as colaboradores/as falam do surgimento de dúvidas religiosas na interface da sua sexualidade. Aqui, emergiu Subcategoria 1 - Sintomas depressivos na interface com as experiências afetivas e sexuais.

Categoria 3 – Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta – Nesta categoria, os/as colaboradores/as falam acerca das suas experiências na Igreja Evangélica Tradicional na interface com as experiências afetivas e sexuais.

Categoria 4 – Nos horizontes da experiência religiosa Inclusiva – Nesta categoria, os/as colaboradores/as falam acerca das suas experiências na Igreja Inclusiva na interface com as experiências afetivas e sexuais. Nesta categoria emergiu uma subcategoria: Subcategoria 2 - O amor ao próximo.

Categoria 5 - O silenciamento das lésbicas – Nesta categoria, tentaremos discorrer sobre a dificuldade de entrevistar as mulheres lésbicas.

Neste momento, passamos a apresentar as análises da trajetória de vida e os perfis dos/as colaboradores/as.

Colaboradora 1 - Dandara

Dandara tem 26 anos, nasceu no Nordeste e mora em São Paulo desde os dois anos de idade. Possui ensino superior incompleto, é lésbica e denomina-se evangélica; Trabalha como auxiliar de cobrança, é filha de pais heterossexuais e tem um irmão. O pai de Dandara não tem qualquer religião e a sua mãe é evangélica. Ela e o irmão foram educados seguindo a prática religiosa materna, desde criança. É pertencente à classe C e, no momento atual, vivencia um relacionamento estável com sua parceira Marcela, com quem compartilha sua prática religiosa em uma Igreja Inclusiva, localizada em São Paulo-SP.

Passaremos agora a apresentar, as falas de Dandara.

Categoria 1 – Nos horizontes da experiência religiosa na infância

Eu nasci em berço evangélico, porém fui criada com pais separados. A família do meu pai também é evangélica, porém já não “praticantes”, porque já não frequentavam mais a Igreja. E eu segui as práticas da minha mãe, então, eu frequentei a Igreja onde minha mãe foi obreira por mais ou menos seis anos . Eu tenho algumas lembranças dentro da Igreja, porque pra minha mãe fazer os trabalhos evangelísticos, eu tinha que ficar dentro da Igreja, pastores cuidavam de mim, outras obreiras, outros amigos da minha mãe de dentro da Igreja.

Como podemos perceber as crenças e valores religiosos, que lhes foram passados pela perspectiva materna, foram importantes para a sua prática religiosa. Amatuzzi (2000) destaca que os valores morais e tabus que são transmitidos através da perspectiva de membros responsáveis pelo seio familiar tornam-se fundamentais para o desenvolvimento da religiosidade do núcleo familiar. Muitas percepções e valores são passados pela mãe de

Dandara em sua infância, estas percepções e valores têm ressonâncias que afetam a compreensão sobre sua vivência afetiva e sexual, desencadeada a partir de sua adolescência e modificada com o tempo, como ela fala na categoria a seguir.

Categoria 2 – Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência.

Porém, eu lembro que ate mais ou menos 12 ou 11 anos continuei frequentando a Igreja que minha mãe frequentava, depois disso minha mãe passou a frequentar uma Igreja Renovada. E aí, já tenho memória do meu irmão participando dos ministérios, ministério infantil, dançando, cantando e eu não participava de nada porque, até então, eu não gostava, não queria me envolver, não sei por que só frequentava as aulas bíblicas de escolinha dominical. Aí, eu comecei a estudar à noite, ter contato com pessoas não evangélicas, não da Igreja, e aí, eu parei de ir pra Igreja, até os 16 anos quando eu conheci um rapaz e a gente começou a ter um relacionamento sério. Ele também era desviado, tinha frequentado a Igreja Evangélica em outro estado.

Embora ela não se envolvesse em atividades oferecidas pela Igreja, Dandara participava da escola dominical, que é o estudo da Bíblia oferecido pela Igreja. A religiosidade, portanto, é uma prática que passa a ser importante para vivência de Dandara.

Dandara seguia a religião da mãe, mas se afastou das práticas religiosas aos 15 anos, quando começou a conhecer novos horizontes a partir da sua vivência escolar, o que fez com que a colaboradora repensasse e interrompesse por um curto período, a sua prática religiosa. A escola possui um papel importante para a formação do sujeito, uma vez que o ambiente escolar se mostra como um espaço de múltiplas culturas facilitando as relações sociais, fazendo com que o sujeito comece a questionar o meio em que vive (Paiva, Nunes & Deus, 2010).

De acordo com Amatuzzi (2000), na adolescência, a religião tende a ser questionada, e pode “haver um abandono (provisório ou definitivo) da prática religiosa ou quase religiosa dos pais, justamente porque é dos pais” (Amatuzzi, 2000, p.45).

Ainda na fala de Dandara, é explícita a importância da prática religiosa, como se vê a seguir:

Aí teve certo momento que a gente tava ouvindo um testemunho de um cara, que ele foi bandido e tudo, e ele deu um testemunho de vida, como ele se converteu. Aquilo tocou a gente, e a gente passou a frequentar de novo a Igreja, juntos. Começamos pela Igreja onde eu já conhecia, participamos de ministério jovem e tudo mais, depois passamos também a frequentar essa Igreja Renovada, que minha mãe já ia lá. Eu tive mais experiência porque ele era músico, então me envolvi também com a música, com o grupo jovem.

Dandara vivenciou seu primeiro relacionamento amoroso com um rapaz, que possuía uma história de experiência religiosa semelhante à dela. Considerando que o desejo da busca espiritual era mútuo, Dandara retoma a suas práticas religiosas junto ao namorado, e procura a instituição religiosa que frequentou com sua mãe na infância, entretanto, desta vez, participando de atividades oferecidas pela Igreja, e, posteriormente, mudando de Igreja, acompanhando os passos da mãe. Conforme Amatuzzi (2000), a adolescência é a fase em que mesmo de forma não intencional, o indivíduo começa a organizar suas crenças, espelhando-se em pessoas que são consideradas referenciais.

E aí, já com 16 anos, pra 17 nessa Igreja foi uma pastora convidada pra pregar. Teve uma série de pregações com temas diferentes, toda semana era uma. E aí, ela era uma pastora e o ministério dela (não posso falar o nome, né, não vou falar o nome), ela fazia junto com a filha. A filha era intercessora dela nessas pregações, então ela ia pra várias Igrejas pregar. E aí, foi quando eu

conheci essa garota, filha dessa pastora. Nós viramos muito amigas, muito próximas mesmo, e aí eu comecei a me abrir com ela em relação aos meus sentimentos quanto às outras meninas. (...) Então eu lembro que eu falei pra ela que eu tinha vontade de ficar com uma amiga minha que desde a escola eu já tinha essas brincadeiras, porém eu nunca tinha feito nada, até porque eu achava errado, pecado e tudo mais.

As experiências religiosas de Dandara começam a intensificar-se, e a sua participação em eventos religiosos aumentam. Em um desses eventos, ela conhece e se aproxima da filha de uma pastora, e decide, pela primeira vez, revelar os seus desejos afetivos e sexuais. Nota-se, no discurso de Dandara, a culpa por se sentir atraída por mulheres.

Os ensinamentos veiculados pela religião fazem com que homens e mulheres sintam-se culpados pelos desejos sexuais que fogem do padrão cis-heteronormativo. De acordo com Amatuzzi (2000), o período da adolescência é o momento em que o sujeito repensa suas atitudes, bloqueando seus desejos e ponderando a moralidade das expectativas interpessoais.

Tal atitude faz com que Dandara busque ajuda, para assim tentar “curar” a sua homossexualidade, como mostraremos na subcategoria a seguir.

Subcategoria 1: Sintomas depressivos na interface com as experiências afetivas e sexuais.

E aí, ela [a amiga] começou me aconselhar. Apesar da mesma idade, ela já tinha mais experiências religiosas do que eu, que sempre fui criada no automático. E aí, ela começou me aconselhar e falando também, falando que tinha a ver com abuso que eu tinha sofrido na infância quase pré-adolescência, e ela começou a ligar esses fatores e eu comecei a me abrir muito com ela, ser muito amiga, ser muito amiga da mãe dela, a pastora. (...) assisti à algumas ministrações direcionadas a quem sofreu abuso, a quem tinha um pecado,

assim, que não conseguia se libertar. E varia, ministrações são direcionadas, então, pra droga, pra álcool... Várias coisas. E, em uma dessas ministrações, me levaram ao momento do abuso, porque eles diziam que era por causa disso que eu tinha esses desejos, e eles já me viam de uma forma masculinizada, enfim.

Na maioria das Igrejas Evangélicas Tradicionais, a homossexualidade, ou qualquer expressão sexual que fuja do padrão cis-heteronormativo, é considerado uma doença, ou possessão demoníaca, o que leva líderes religiosos/as a encaminhar pessoas LGBT aos retiros de cura espiritual. “O recurso a termos que exemplificam a cosmologia da batalha espiritual possibilita compreender a homossexualidade como “mal” externo que penetrou e pode ser expulso do corpo” (Natividade e Oliveira, 2013, p. 197). Embora esses retiros não sejam especificamente para “curar” a homossexualidade, existem as ministrações¹⁵ voltadas para a “cura” ou a expulsão do demônio que desencadeia o homoerotismo.

No caso de Dandara, a orientação sexual dela foi associada à violência sexual sofrida na infância. A violência sexual é caracterizado como uma conduta violenta praticada por um adulto ou por criança mais velha, que usa uma criança para sentir prazer sexual, que pode ser através da penetração, a indução da criança a tocar a genitália do/a abusador/a etc.(Bezerra, 2006).

Para muitos/as líderes religiosos, o estupro desencadeia a homossexualidade em mulheres, devido à misandria proveniente da violência sexual. A forma “masculinizada” de vestir-se e portar-se também é associada à violência sofrida.

Segundo Bezerra (2006), a homossexualidade é frequentemente associada à violência sexual sofrida na infância, sendo considerada uma “sequela”, que se desenvolve durante a fase infância/adolescência. Esta associação pode estar ligada ao fato de a criança ter sido

¹⁵ Direcionamento acerca de um assunto específico que é dado aos/as fiéis por líderes religiosos/as, baseado na Bíblia.

violentada pelo sexo oposto, causando um trauma e medo. Porém, no decorrer da fala, percebemos que esse não foi o caso de Dandara.

E, eu lembro que eu e a menina dormimos juntas, juntas assim, camas separadas uma do lado da outra, aí começamos assim, a dar mão... Algumas coisas assim... Trocar carinho, por a mão uma na boca da outra, demonstrando desejo. Já nesse retiro, e no seminário, eu tive que dormir na casa do futuro marido da mãe dela, enfim. Dormimos lá as três juntas no mesmo quarto, e aí, durante a noite, na madrugada, a gente se beijou. (...) Eu terminei o meu namoro e passei a frequentar essa Igreja Evangélica. (...) Fiquei mais próxima dela, aí, eu acho que a gente começou se relacionar mais, aí teve o beijo mesmo, já começamos a ficar sozinhas e tal.

Dandara tem a primeira experiência afetiva e sexual com a melhor amiga, também da Igreja Tradicional, ela, então, termina o namoro com o rapaz, e aproxima-se mais da amiga.

E aí, teve um belo dia que nós duas, por conta própria, sem falar pra ninguém, decidimos que aquilo era errado que a gente precisava se arrepender pedir perdão pra Deus e parar de fazer aquilo. Enfim, nos trancamos num quarto colocamos uma música, começamos a chorar e pedir perdão.

Movidas pelo sentimento de pecado, elas decidem não ter mais nenhum contato físico. Para elas, a oração foi importante para serem perdoadas e a religiosidade presente em ambas, fez com que sentissem culpa, pois cresceram na cultura em que a homossexualidade era pecado. Como já dissemos, a moralidade religiosa influenciou Dandara e a amiga a se arrependerem de terem tido uma relação que é condenada pelos/as líderes religiosos/as tradicionais.

Ela decidiu contar pra mãe dela que era pastora, essa pastora falou que era pra gente ficar longe, que tudo bem, que a gente tinha se arrependido, que

Deus tinha perdoado, mas era pra gente ficar longe pra terminar o processo de cura. Ela frequentava a mesma Igreja que eu, como eu disse, e dentro da Igreja, a gente já tava distanciada. A gente fazia parte do mesmo ministério, em que a gente dançava, e aí a pastora dessa Igreja ficou sabendo e começou a ter tratamento diferenciado comigo, porque na cabeça deles, hoje, né, lembrando, eu tinha induzido a menina, eu já era lésbica e ela não.

Dandara foi afastada das atividades da Igreja devido ao seu envolvimento com a amiga. Alguns/algumas líderes religiosos tradicionais acreditam que a homossexualidade pode ser induzida. No caso de Dandara, acreditava-se que homossexualidade dela era proveniente da violência sexual sofrida na infância, mas a orientação sexual da amiga foi por indução.

Como já foi dito anteriormente, as Igrejas Tradicionais Cristãs se fundamentam na interpretação da Bíblia, para direcionar suas atitudes e vivências. É comum que, a grande maioria das instituições cristãs refira-se à sexualidade humana apenas para a finalidade reprodutiva, onde o sexo, é permitido apenas após o casamento. As diversidades sexuais, então, são discutidas como “desejos da carne”, resultando no silenciamento dos diversos matizes sexuais humanos no meio religioso.

É, também falou que não era mais para eu me trocar junto com as meninas, eu fazia parte da dança, a gente tinha uma sala só para isso, para se preparar para o culto, e aí, eu já não podia mais me arrumar com as meninas, porque, pra eles, eu tinha desejo por todas, né, sendo que na época eu não via desse jeito, na época eu via que eu era apaixonada pela menina, eu só sentia vontade de ficar com ela, eu não via nenhuma menina diferente, eu não me sentia atraída por qualquer pessoa.

Para muitos/as líderes religiosos/as, a homossexualidade é associada à promiscuidade, o que faz, nesta perspectiva, com que o desejo seja aflorado, fazendo com que a pessoa deseje todas as pessoas do mesmo gênero.

Eu lembro que eu esfriei mesmo, parei de frequentar a Igreja, teve um momento que parei de frequentar, primeiro porque em casa, minha mãe reclamava muito que essa Igreja era longe e por causa dessas coisas que estavam acontecendo, eu estava me sentindo muito deprimida por que eu tava longe da pessoa. Ela se mudou, e aí eu fiquei frequentando sozinha a Igreja, depois de um tempo, ela voltou a frequentar minha casa, aí eu fui congregar junto com minha mãe. Com 17 pra 18 anos eu me batizei nessa Igreja.

A opinião da mãe em relação à Igreja que frequentava e o sentimento de tristeza afloraram devido ao distanciamento da amiga, o que incentivou Dandara a migrar para a Igreja da qual a mãe era membro e, em seguida, batizada nesta nova casa. .

Depois de dois meses que eu me batizei essa menina voltou, ela e a mãe dela voltaram, apareceram de novo na minha vida, e aí a gente ficou de novo, porém, dessa vez, a gente não falou pra ninguém que tinha feito de novo, mas a mãe dela, ainda pastora, falou que pra o processo de cura ser completo, a gente precisava conversar com minha mãe, minha mãe precisava saber. Aí, a gente sentou, nós quatro: eu, ela, a mãe dela e minha mãe, e ela contou pra minha mãe. Minha mãe teve uma reação muito explosiva na hora, se sentiu traída, chorou, falou que ia contar pra meu pai, pra família do meu pai e tudo mais, que isso era uma vergonha, que isso não era de Deus e tal, mas não aconteceu nada, a gente falou que tinha se arrependido, que já tinha acontecido há um tempo, e tudo mais.

No caso de Dandara, embora os pais fossem separados, é notável em sua fala, quando ela diz que a mãe ameaça contar ao pai sobre a sua orientação homoerótica, que a figura paterna se mostra de forma autoritária.

A fala da mãe, aqui, caracteriza-se como fala banal, que segundo Amatuzzi (2016), é conjunto dos produtos culturais resultantes da fala falante, ou seja, ela expressa tudo aquilo que aprendeu dentro da cultura cristã.

Além disso, nota-se que a mãe de Dandara tenta bloquear seus desejos afetivos sexuais quando ameaça contar para o pai e para família, associando a sua orientação homoerótica a um pecado do qual ela deve se envergonhar.

Os sintomas depressivos surgem devido à repressão sofrida por Dandara:

Minha mãe também determinou que eu ficasse sem encontrar com essa menina, sem nada. E aí, foi onde a gente se distanciou de verdade, é, ela foi embora para outro Estado, a gente já não tinha mais contato nenhum e eu entrei em depressão, fiquei muito, muito deprimida, muito. Eu ficava só em casa, fiquei muito mal com essa separação, porque eu já não aceitava mais, se eu já tinha passado pelo processo de cura que a Igreja tinha falado, o processo de distanciamento que a mãe dela pediu primeiro, eu não aceitava esse segundo distanciamento a pedido da minha mãe.

Após submeter-se aos rituais de cura espiritual, Dandara não compreendia porque precisava continuar afastada da amiga, e a separação foi um dos motivos para que os sintomas depressivos se revelassem. Embora a depressão não tivesse ligação direta com a rejeição da orientação homoerótica de Dandara, a doença foi associada à separação amorosa da amiga.

E foi aí que eu conheci uma célula¹⁶ perto da minha casa, que tinha reuniões toda terça-feira. E aí eu tive contato com o culto com pessoas que eu achava que eram mais parecidas comigo, pessoas que vieram de outras situações, mais jovens, com estilo mais despojado, sem essa coisa de tradição e tudo mais. Eu me tornei membro, me aprofundei mais em conhecimentos, participei de outro seminário de cura e libertação, já nessa Igreja eles associavam [a orientação sexual] ao abuso sexual, porém eles diziam que era uma possessão demoníaca. E aí eu participei desse seminário e tudo mais.

A semelhança entre Dandara e os membros desta nova Igreja permitiu-lhe intensificar suas experiências religiosas, porém ainda na busca contínua da “cura” da sua orientação homoerótica.

Por uns dois anos não tive relacionamento com ninguém, nem com homem nem com mulher, me distanciei de tudo. Tudo era Igreja, tudo era Deus e fiquei assim por dois anos.

Dandara dá continuidade a sua fala sobre a fase jovem adulta/adulta, como veremos na categoria a seguir.

Categoria 3: Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta:

Eu comecei a trabalhar, entrei numa empresa de telemarketing, e aí eu comecei a ter contato com gays e lésbicas assumidos. E esse povo assim, mais despojado, mais conhecedor do mundo, do que eu. Foi lá que eu conheci minha primeira namorada, conheci uma menina, porém ela não tinha nenhuma prática religiosa, ela não frequentava nenhuma Igreja, eu lembro que a única vez que ela entrou numa Igreja Católica foi em uma missa de sétimo dia de uma mãe de

¹⁶ Uma célula da Igreja pretende ser um espaço onde a vida cristã se desenvolve em pequenos grupos separados por idade e geografia.

um amigo dela . Ou seja, era o oposto do que eu vivia. E aí, por conta disso, eu tinha algumas barreiras, sempre achei que era errado, e eu pedi as contas nessa empresa depois de dois meses, porque eu achava que pedindo as contas, não indo mais trabalhar, eu não a veria mais e aí ia ser mais fácil pra eu voltar pra Igreja e tudo mais.

Dandara decidiu abdicar de seus desejos afetivos sexuais e se dedicou às práticas religiosas, na tentativa de se enquadrar no padrão cis-heteronormativo imposto pela Igreja Evangélica. Os conflitos internos e a descoberta de novos horizontes ao começar a trabalhar tinham feito Dandara assumir sua homoafetividade e abandonar parcialmente suas práticas religiosas.

Enfim, pedi as contas, mas não foi isso que aconteceu. Quando eu pedi as contas parece que a gente se uniu mais. Comecei vê-la mais, tivemos nossa primeira relação sexual, e ficamos dois anos nos relacionando, e aí eu já não ia mais pra Igreja, evitava pensar no assunto, no assunto de inferno, pecado e tudo mais... Só curtia a vida. Foi quando eu tive contato com bebida, com cigarro, com festas, balada, né, essa coisa que, até então, eu não conhecia, e isso já com vinte anos, eu não conhecia nada disso.

Diante de novas descobertas, Dandara afasta-se da Igreja e começa a ter novas vivências fora da instituição religiosa. Nessa fala, é evidente que, no percurso da busca da “cura” da homoafetividade, Dandara era motivada pelo pecado, e o medo do inferno. Como já foi citado no capítulo 1, esta característica, embora tenha uma presença marcante em nossa sociedade, emerge na Idade Média, quando a Igreja Católica impõe medo nos fiéis, com o intuito de controlar a sexualidade da população.

Fiquei com ela dois anos, comecei a namorar outra garota, essa já era de uma família também evangélica, de uma Igreja tradicionalíssima, e aí a gente

frequentou alguns cultos e também de outra Igreja, que também era a Igreja que eu frequentava anteriormente. Mas nada nos envolvendo, só para escutar mesmo a palavra, participar do culto e pronto, não chegamos a praticar nada e tal, só ia pra se sentir bem. Também tive um relacionamento de quase dois anos com essa menina.

A cultura heteronormativa era muito presente na vida de Dandara. Mesmo após iniciar outro relacionamento amoroso, sentia-se culpada pelos seus desejos e, para ir contra os sentimentos, afasta-se da namorada e do emprego.

Dandara, então, retoma suas atividades religiosas, porém de forma mais sutil, sem envolvimento com atividades da Igreja. Esta fala nos revela a importância da espiritualidade para Dandara, que, mesmo após assumir-se como homossexual e afastar-se da Igreja, ainda procura meios de vivenciar suas práticas religiosas. De acordo com Amatuzzi (2000), aqui não é mais possível sustentar uma postura religiosa diante da vida sem que ela seja baseada em uma experiência pessoal, mais crítica e refletida. Ainda segundo o autor (2000):

Essa é, pois, a idade em que a experiência pessoal do significado torna-se decisiva para o desenvolvimento. Não havendo isso, o sujeito pode ficar apenas com posições religiosas mais ou menos convencionais, ou então será levado a abandonar qualquer posicionamento explícito nesse campo (p.27).

É neste momento que a Igreja Inclusiva é apresentada à Dandara, que encontra possibilidades de retomar as suas práticas religiosas, como veremos na próxima categoria.

Categoria 4 :Nos horizontes da experiência religiosa Inclusiva

Eu lembro que eu conheci a Igreja inclusiva através de uma menina que trabalhou na primeira empresa comigo, e ela já era assumida lésbica, e aí, eu lembro que, pelo Facebook, eu vi que ela frequentava essa Igreja Inclusiva, que ela tinha se batizado nessa Igreja, e aí eu só acompanhava pelo Facebook. Só

que na minha cabeça ainda não entrava como que podia uma Igreja Evangélica, aceitar gays lésbicas, travestis transexuais e tudo mais.

Dandara resiste em conhecer a Igreja Inclusiva, uma vez que a teologia inclusiva confronta o tradicionalismo que ela vivenciou.

Surpreendi-me mais ainda, quando vi quem era a pastora dessa Igreja. Era uma mulher, assim, que desde quando eu era da Igreja Tradicional eu já a seguia, porque ela tinha uma pregação muito parecida com o que eu era. Porque ela pregava sobre que ela era ex-lésbica, que Deus tinha curado, tinha libertado, e eu gostava muito de ouvir as pregações dessa mulher. Quando eu vi que a minha amiga frequentava essa Igreja Inclusiva, essa Igreja era dessa pastora, que, por um tempo, tinha sumido. E aí que eu vi, como que fosse eu. Assisti a algumas entrevistas da pastora falando que ela não mentiu que, na época, ela pregava o que ela queria. Eu me vi muito na história dela, que tudo que a Igreja propôs pra fazer, que era pra curar, ou pra libertar dessa homossexualidade, dessa prática de pecado, que é o que dizem, e não teve êxito. Então, eu me identifiquei muito. Fiquei muitas vezes de ir visitar a Igreja, mas, nunca fui.

Ao conhecer a história da pastora, Dandara se identifica com sua trajetória de vida, o que a incentiva a conhecer a teologia inclusiva.

Antes de conhecer minha atual companheira, eu tava em uma época muito deprimente, muito depressiva dentro de casa. Tava solteira, desempregada, sem amigos, tava um tempo longe dos meus amigos, que moravam muito longe também da minha casa. E aí, o pastor da Igreja da minha mãe, que é uma Igreja Tradicional, ele foi lá na casa da minha mãe. Eu já fiquei surpresa porque a Igreja é grande, são muitos membros, e ele ter um

tempo pra ir à casa de um desses membros, enfim. Ele me chamou em um quarto e conversou comigo porque que tava daquele jeito e por que eu não me aceitava e tudo mais, porque apesar de ter vivido uns relacionamentos, já conhecer a comunidade LGBT, eu ainda não me aceitava, porque sempre pra mim, a Bíblia falava contra. E aí, ele pegou e falou do versículo de Romanos, onde fala que das mulheres e dos homens que mudaram o natural. Aí, ele falou assim: “você mudou ou você nasceu assim?”, aí eu falei: “eu nasci assim, eu tentei de tudo e nada deu certo. Eu nasci assim.” Ele falou: “então, quem tem que te mudar, é quem morreu por você, que é Jesus Cristo. Eu não vou falar nada e pastor nenhum tem que falar nada , você é muito bem vinda na minha Igreja.” Falou que diversas coisas positivas assim, que eu me surpreendi muito por ser um pastor de uma Igreja Tradicional, e aí passei a frequentar os cultos nessa Igreja. E aí comecei ser conhecida na Igreja, não tinha acesso é claro, a ministérios, trabalhos, mas comecei a dizimar, pagar dízimo nessa Igreja, ofertar nessa Igreja, e apesar de ir de boné, de uma forma assim mais masculinizada, sempre sabiam quem eu era, que era filha da irmã Júlia. O bispo sempre fazia questão de descer do altar, me cumprimentar falar comigo durante as pregações dele, ou seja, eu fui muito bem recebida, porém, é aquela história que nunca ia poder fazer nada, exercer um dom, um talento que Deus me deu dentro dessa Igreja.

Dandara sente-se acolhida por um pastor de Igreja Tradicional, embora não pudesse participar ativamente como membro da instituição. Sabendo da situação na qual Dandara se encontrava, o pastor da Igreja que sua mãe frequentava foi até sua residência para expor sua posição em relação a sua orientação homoerótica.

De acordo com AmatuZZi (2000), na fase jovem adulta, há uma necessidade predominante de afeto e estima. No caso de Dandara, ela sentiu-se acolhida pelo discurso inclusivo do pastor e retomou suas práticas religiosas na Igreja Tradicional que a mãe frequentava, mesmo sabendo que essa instituição religiosa possuía uma visão limitada sobre as expressões sexuais, o que a impedia de se envolver em atividades ministeriais.

Diversos/as líderes religiosos/as tradicionais alegam que aceitam e recebem a população LGBT em suas Igrejas, porém, por não se enquadrarem no padrão cis-heteronormativo, estes fiéis não podem participar de nenhuma atividade da Igreja, nem obter cargos ministeriais. Tal postura fundamenta-se em uma reflexão teológica oriunda da Bíblia: “Deus ama o pecador, mas abomina o pecado”.

Até realmente pisar dentro da Igreja, foram sei lá, uns dois, três anos, por aí. Aí eu conheci minha atual companheira, foi então que eu conheci a história dela, da Igreja e tal, ela conheceu a minha história... E, a princípio, ela começou a ir nessa Igreja desse bispo comigo, ele também a recebeu muito bem, a recebeu como a minha companheira, e, ainda hoje, vê a gente como um casal, chama pra aconselhar e tudo mais. Decidimos, juntas, ir pra Igreja Inclusiva. A gente foi em um culto de oração, então era só oração, não teve palavra, só teve uma palavra curta, mas só oração. Esse dia eu já fiquei muito feliz com o que eu vi, porque, ainda, na minha cabeça, não tinha como gays lésbicas e tudo orar a Deus e sem bloqueio nenhum, sabe, se sentindo totalmente amado, tendo certeza da sua sexualidade e certeza de que Deus as ama como elas são, que não precisa mudar isso, que o que precisa ser mudado são outras coisas. Eu já me encantei nesse dia da oração.

Com a possibilidade de descobrir novos horizontes de um viver integrativo na interface da sexualidade e religiosidade, a partir da teologia inclusiva, Dandara consegue

amadurecer sua religiosidade ao mesmo tempo em que pode compreender seu desejo e a si mesma.

Aí, a gente foi em outro culto, em um culto de quarta-feira, e aí sentimos algo diferente, aí as duas... Teve uma palavra que veio ao encontro mesmo do que eu tava sentindo, do que eu precisava. Foi ai que eu senti Deus de novo como eu sentia antes, como eu me sentia quando eu tava lá, na outra Igreja, totalmente longe de tudo, longe de relacionamentos, me sentido santa... Santa, assim, com santidade servindo a Deus sem nada que me amarrasse. E aí, esse dia, eu me senti assim também, e eu falei assim: “Caramba! Uma Igreja que me aceita, aceita minha sexualidade, vai aceitar ela como minha companheira e mesmo assim eu vou tá próxima de Deus.” Aí eu decidi voltar, então aceitei Jesus, o termo que a gente usa...Voltei pra Deus na Igreja Inclusiva, e aí, estou frequentando até hoje com a minha companheira, que também é muito satisfeita com isso .

Após uma experiência religiosa significativa, Dandara e sua companheira decidem firmar-se na doutrina inclusiva. Dandara consegue se aceitar e se religar transcendentemente sem culpa.

É percebido, na fala de Dandara, que a sua experiência pessoal com o divino torna-se mais importante do que a religiosidade. Segundo Amatuzzi (2000, p.46), “Por isso mesmo os conceitos religiosos, quando agora mediados por experiência e reflexão, tendem a aproximar religião e vida. Começa a haver uma integração que, se o desenvolvimento estiver sendo satisfatório, estará sendo trabalhada durante toda a vida adulta.”

Não julgo, não falo mal, não tenho pretensão nenhuma de falar mal da Igreja Tradicional, das Igrejas que eu passei, porque tudo que eu vivi até

conhecer a Igreja Inclusiva, tudo que eu ouvi na Igreja Tradicional, nas Igrejas Tradicionais que eu passei me serviu como sabedoria. Eu tive mais conhecimento da Bíblia, talvez, passar por essas Igrejas, tenha me levado na Igreja Inclusiva com mais amadurecimento, pensamento mais crítico quanto às palavras que eu escuto, quanto à doutrina que é colocada para as pessoas. Acredito, também, que esses tratamentos de cura e libertação não serviram pra curar minha sexualidade, porque talvez não era isso talvez não, não era isso que Deus queria curar em mim. Mas sim as outras coisas e questão de caráter, me ajudaram muito a perdoar na época o meu abusador, me ajudou de diversas outras formas, só minha sexualidade porque acredito que não era isso que Deus queria curar, porque também não é visto como doença, isso eu só tive conhecimento na Igreja Inclusiva.

Dandara afirma que não possui nenhum sentimento negativo em relação a nenhuma instituição tradicional que frequentou, embora tenha sofrido na Igreja Tradicional. Seguindo as definições de Amatuzzi (2016) sobre as falas banais, ouvidas por Dandara dos/as líderes evangélicos/as tradicionais, estas falas permitiram a ela desvelar a sua fala autêntica em relação a sua prática religiosa, o que lhe permitiu um viver religioso integrativo com sua orientação homoerótica.

Dandara continua sua fala acerca da sua experiência inclusiva:

No começo eu ainda tinha certo bloqueio com a Igreja Inclusiva, porque eu não acreditava, falava: “não, eles estão brincando!” Porque o que li foi diferente, o que li sobre a sexualidade, sobre falando um termo bem grosso mesmo, homossexualismo, dentro da Igreja Tradicional, é que era muito pecado, era aberração aos olhos de Deus, e que se a pessoa, ou ela era curada, virava hetero, ou ela fica longe de toda e qualquer relação pra ser um ministro,

ser alguém dentro da Igreja, se ela tivesse um companheiro ou companheira ela não poderia fazer. Agora, se ela não tivesse relação nenhuma, se colocasse longe de todo desejo, aí sim, ela poderia ser alguém. Na Igreja Inclusiva não, a gente vê todo mundo fazendo tudo e praticando o talento que Deus deu pra cada um. Eu acho que trabalho um bloqueio, porque muito que eu aprendi na Igreja Tradicional a Igreja Inclusiva confronta, mas de uma forma que me trás certeza; não só é isso, era isso que eu pensava antes, então esse senso crítico foi bom.

As experiências religiosas em Igrejas Tradicionais desenvolveram um senso crítico que permite que Dandara vivencie uma prática religiosa na interface com sua orientação sexual. De acordo com AmatuZZi (2000, p.45) “Não é mais possível sustentar uma postura religiosa diante da vida sem que ela seja baseada em uma experiência pessoal, mais crítica e refletida. Posições anteriores já não resistem às exigências do jovem adulto”.

Colaborador 2 - Miguel

Miguel tem 24 anos, é formado em Recursos Humanos, está cursando Direito, e atualmente está desempregado. É natural de São Paulo, filho de pais heterossexuais, tem dois irmãos, é gay e denomina-se evangélico; Foi educado pela mãe, que não possui nenhuma religião, porém foi influenciado pelos/as tios/as paternos, que tinham práticas religiosas em Igreja Católica, todavia, hoje frequenta uma Igreja Inclusiva, localizada no centro de São Paulo. É pertencente à classe C e, no momento da entrevista, está solteiro.

Passamos neste momento, a apresentar as análises das falas de Miguel.

Categoria 1 : Nos horizontes da experiência religiosa na infância

É, eu nasci na Igreja Católica, mais pela família do meu pai. Eu convivia mais nos finais de semana, mais com a família dele, então eles eram cem por cento católicos. Na minha família materna não tem tanto convívio na

Igreja, em questão de religião nenhuma. Então, conforme eu ia pra casa da minha tia, e eu ia pra Igreja com ela, com meus tios, meus primos eram catequistas, então continuei isso. E sempre, minha parte religiosa, sempre foi eu que quis ir atrás, minha mãe, meus avós nunca me orientaram a ir.

Como podemos perceber, a prática religiosa é importante para a vivência de Miguel, embora não possua nenhuma influência direta da mãe ou de outros familiares mais próximos, Miguel segue as práticas religiosas vivenciadas pelos tios/as e primos/as paternos/as. De acordo com Amatuzzi (2000), os valores morais e religiosos são transmitidos não só pelos pais, mas também por pessoas que são referenciais para o sujeito.

Concepções e valores são passados pelos líderes religiosos, e isso acontece com o colaborador Miguel em sua infância, afetando a sua compreensão sobre sua vivência afetiva e sexual, como relata na categoria a seguir.

Categoria 2 : Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência

Então fiquei na Igreja, fiz primeira comunhão, catequese, crisma, tudo por vontade própria. E, desde então, desde que eu me entendo, desde criança eu já percebia, “eu não sou igual, eu tenho desejo por homens”. Mas, como na Igreja Católica não é permitido, eu sempre vivi essa guerra comigo mesmo: “Não tá certo, não tá certo” e sempre buscando, alguma forma, algum meio de sair. Mas, nunca deixei de ter as práticas homossexuais, mesmo dentro da Igreja Católica.

Miguel sente-se inserido na doutrina católica, da qual os/as tios/as e primos/as são frequentadores/as. Percebe-se uma imersão nos valores da instituição religiosa, que condena a homossexualidade, o que faz Miguel tentar bloquear seus desejos sexuais, mesmo mantendo relacionamentos homoeróticos.

Aí fiz todos esses três sacramentos da Igreja e fiquei como catequista. Aí, nessa parte que eu entrei pra ser catequista foi onde eu me retraí mais ainda. Porque eu tinha que ensinar, então eu me reprovava mais ainda porque tinha que pensar ; “a Igreja não aceita, a Igreja não quer, então não vou viver isso”.

Os sacramentos citados por Miguel são rituais da Igreja Católica que têm como finalidade fortalecer a fé. A religião tradicional impõe a heteronormatividade, e qualquer expressão sexual que não esteja dentro do que foi atribuído é considerada anormal. Este severo quadro leva os/as fiéis a disporem respostas defensivas, como encobrir o desejo, com foi com Miguel.

E com essa batalha minha, eu sempre ia... Na Igreja Católica tem a confissão. Então eu ficava uma semana, e ia me confessar, ficava uma semana e ia me confessar, e ficava nessa parte.

Embora a doutrina católica condene a homossexualidade, Miguel continuou com suas práticas religiosas e seus relacionamentos homoafetivos, e encontrou na confissão, um meio de vivenciar sua religiosidade na interface com a sua sexualidade. Na Igreja Católica, acredita-se que confessar-se com padres e o cumprimento de penitências seja um meio dos pecados serem perdoados.

Eu contei pra um colega meu, uma pessoa próxima a mim, no dia que a gente tava na Igreja, indo embora, aí a gente falando de menininha, ele falando de menininha, aí eu falei ó, vou te falar a verdade, eu não gosto de menina, eu sou gay. Aí ele se assustou, primeiro ele disse, “ah eu te respeito”, e sempre ficava meio que me acompanhando, tipo assim, alguma brecha de me ajudar, pra mim sair dessa vida de homossexualismo. Sempre ficava no meu pé : “e aí

como você tá? E aí, tá em pecado?” Em pecado pra ele era : “você tá ficando com homem?” Aí eu: não, tô de boa, tô tranquilo.

Miguel fala que contou para um amigo da Igreja, e embora ele o respeitasse, havia uma preocupação da parte do amigo quanto a suas relações homoafetivas, mas no sentido de tentar normatizar sua orientação homoerótica.

A fala falada, de acordo com Amatuzzi (2016), é o resultado da cultura, portanto é observado que a fala do amigo de Miguel é a fala falada, uma vez que os questionamentos sobre seus relacionamentos são resultado da fala falante da doutrinação da Igreja Católica.

Tanto que nessa época da Igreja Católica, eu fazia parte de uma comunidade né, católica, e lá é, eles têm ideologia tal, aí você tem que entrar, participar de alguns grupos pra poder ficar na comunidade, e pra você participar você tinha que ter um orientador, um diretor espiritual pra você, e eu tive o primeiro, e no primeiro eu já abri o jogo, “ó a minha é assim, assim, assado , eu sou gay , me considero gay e gosto de homens.” Tanto que nesse processo, ele começou a me orientar, me deu um livro pra eu ler sobre sexualidade, falando que a sexualidade é reversível, você consegue reverter, então eu li, mas não mudou nada minha vida, amém.

Apesar de a Igreja Católica ter abandonado o rigor imposto no período da Inquisição, a doutrina católica ainda permanece severa, embora haja, atualmente, uma tolerância às diversidades sexuais (Valle, 2006). Essa postura pode ter incentivado o líder de Miguel a oferecer-lhe um livro que falava sobre a reversão dos desejos sexuais, mas como o nosso colaborador não possuía dúvidas em relação a sua orientação homoerótica, tal leitura não o influenciou. Apesar do primeiro líder religioso de Miguel querer a mudança de sua orientação sexual, o segundo líder religioso o entendeu e respeitou:

Fora ele eu tive mais dois acompanhadores, aí o segundo já era um colega meu, só que eu não tinha contado a ele, aí meu antigo orientador falou: “quer que eu conte pra ele?” Aí eu falei, “conta porque não tô a fim de contar, não.” Aí ele, beleza. Aí ele contou, e esse meu segundo acompanhador, tipo, ele meio que ajudava, mas ele não era uma pessoa que tentava me influenciar para sair dessa vida. Ele me respeitava, ele: “eu conheço gays que vivem muito bem, então não vejo em você um erro. E sim eu quero que você viva feliz, independente da religião ou não.”

O terceiro, eu chutei o pau da barraca e falei, não quero mais, que aí eu contei pra ele, e ele veio falar para mim assim: “vamos agora, então, a partir de hoje você começar a olhar pra mulher? Pra você desejar?” Aí eu falei: “então, eu olhar pra uma mulher é uma coisa, posso ver uma mulher linda e bela na minha frente e falar que ela é bonita pra você, mas que vai atrair alguma coisa, eu desejar ela, não vai ter chance nenhuma.”

A experiência com o terceiro líder religioso fez Miguel abdicar da Igreja. As posturas rigorosas de alguns/algumas líderes religiosos/as tradicionais e a falta de conhecimento das diversidades sexuais humanas fazem com que os fiéis saiam das Igrejas Tradicionais. Embora Miguel deixasse as suas práticas religiosas momentaneamente, a sua fala autêntica começa a revelar-se neste momento, onde ele assume a sua orientação sexual.

E dentro dessa comunidade eu tava fazendo um processo de ser consagrado, dá pra você ser padre, celibatário, e ter se consagrado, aí eu me consagrar ao terceiro grau que tem, que você segue todo o ritual de sua vida religiosa, mas, aí, no meu caso, como eu sou homossexual, eu ia ter que viver a castidade e abdicar da minha vida carnal para sempre.

O celibato foi instituído pela Igreja Católica para estabelecer a moral na Idade Média. Porém, essa prática se perpetuou na contemporaneidade. O celibato também é aconselhado para homens e mulheres com orientação homoerótica a fim de converter seus desejos sexuais (Jesus, 2005).

Miguel dá continuidade a sua fala, expondo sua fase jovem adulta.

Categoria 3: Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta

Aí, depois dos 21, o que aconteceu, eu comecei a sair, ia para as festas, balada e comecei a encontrar gente da Igreja, gente que eu educava. Aí eu disse, não, chega, não dá mais pra viver essa vida de falsidade dentro da Igreja. Aí eu fui e abandonei.

Miguel descobre novos horizontes, e começa a viver experiências fora da doutrina católica. E movido por suas vivências não condizerem com a doutrina religiosa católica, que ele ensinava, ele decide abandonar a Igreja. Seguindo a visão de Amatuzzi (2016) sobre a fala autêntica, o nosso colaborador desconstrói a fala banal construída no decorrer de sua vivência religiosa católica, tomando a postura da fala autêntica, a fala genuína em relação à sua orientação homoerótica.

Aí fiquei de 2011 até 2015, mais o ou menos, afastado da Igreja, ia só pra missa, porque eu não, eu não via o homossexualismo como erro, mas respeitava a Igreja Católica por não aceitar. Então eu não tenho nada contra a Igreja Católica, simplesmente eles não aceitam, não permitem a minha orientação, então preferi me afastar.

Em sua fala, ele diz que se aceita e respeita a posição da Igreja Católica quanto à reprovação da homossexualidade e decide apenas frequentar a missa, sem nenhum envolvimento com as responsabilidades ministeriais. De acordo com Amatuzzi (2000), na

fase jovem adulta, esta postura reflete a consciência de uma moralidade do sistema social, que, no caso, é a doutrina católica. O desejo de vivenciar uma religiosidade na interface com sua orientação homoerótica influencia Miguel a buscar instituições religiosas que o aceitem em todos os seus aspectos, como veremos na categoria a seguir.

Categoria 4: – Nos horizontes da experiência religiosa Inclusiva.

Quando eu já comecei a pesquisar alguma Igreja Inclusiva, a procurar alguma Igreja que aceitasse gay. Aí, eu comecei a pesquisar e comecei a ver. Aí eu achei. Aí eu fui. Aí, nessa primeira vez que eu fui, eu gostei, e fiquei.

A importância da experiência religiosa para Miguel, incentivou-o a buscar uma instituição religiosa que o recebesse em todos os seus aspectos.

Ai até tem alguns colegas meus que são católicos que não aceitam, dizendo que não é certo, “ah por que você ficou lá? Você ficou lá só porque você é gay e eles aceitam?” Não, acho que se fosse só por isso não tinha ficado.

As falas banais dos amigos de Miguel, que frequentam a Igreja Católica, fizeram com que eles questionassem a vivência autêntica de nosso colaborador, devido a sua orientação homoerótica.

Eu vi lá, uma ideologia não né, um evangelho, que é o mesmo que eu acreditava, mas que inclui a todos, independente de sua orientação sexual, independente da sua vida. Então eu vi lá que eu poderia viver o Miguel homossexual, sem máscara, sem que todo mundo me julgasse, “ah você é da Igreja, mas você é gay?” Não, vivo uma realidade minha, sou gay, sou aceito por todos. E primeiro que eu acho, é você mesmo se aceitar, então foi uma parte que quebrou uma barreira minha, que eu tinha na Igreja Católica e indo pra Igreja Inclusiva quebrou esse sofisma, que é, eu tava errado, agora eu acho, eu acho não, né, eu vivo o Miguel, de verdade né, perante Deus, perante a

religião, uma religião que não prega a religiosidade que mata, que é a letra, mas sim que é cristo, que salva, independente da sua aceitação, da aceitação do povo ou não.

A teologia inclusiva também permitiu que Miguel pudesse ter novos horizontes em relação a sua homossexualidade, parando de associar sua orientação homoerótica ao pecado, como era apresentado na Igreja Católica. De acordo com Amatuzzi (2000), ao abrir-se para novas experiências, o sujeito não sustenta mais a postura religiosa adquirida nas fases anteriores, assumindo uma nova postura, a partir dos novos conceitos religiosos na interface da experiência.

Eu sou assumido pra minha mãe, para meus familiares tem um ano e meio. Eu me assumi pra minha mãe, já tinha saído da Igreja Católica, mas eu não tava indo pra Igreja Inclusiva, eu contei pra ela e pra minha tia uma vez, aí minha tia disse: “ah, beleza, eu já desconfiava”, aí minha mãe ficou meio em choque e falou assim: “ah, eu tinha minhas dúvidas”. Mas elas, super de boas, me apoiaram e tudo. Ela [mãe] não me incentiva a ir pra Igreja, mas também não critica, ela é neutra. Tipo: “é sua vida, tudo que você fizer e for bom pra você tá ótimo pra mim.”

Miguel expõe que assumiu sua orientação homoerótica há pouco tempo e tem o apoio dos familiares. O preconceito contra a comunidade LGBT muitas vezes inicia-se no momento em que o sujeito assume sua sexualidade que diverge do padrão cis-heteronormativo, transformando um lar que era pra ser acolhedor, em um ambiente contornado de agressões verbais e/ou físicas. O apoio da família proporciona conforto e acolhimento ao sujeito homossexual, diminuindo seu risco de desenvolver doenças como a depressão, proveniente de questões internas relacionadas à aceitação e ao preconceito.

As experiências religiosas na instituição tradicional despertaram em Miguel o desejo de ajudar pessoas que passaram/passam por situações semelhantes à que ele enfrentou como veremos na subcategoria a seguir.

Subcategoria 2: O amor ao próximo

E como eu sempre trabalhei na Igreja, lá eu vejo uma forma de me doar pra uma coisa que eu acho verdade, e pra que muitos outros consigam também alcançar essa liberdade, porque tenho hoje amigos que são de Igrejas Católicas, Evangélicas, mesmo que não aceitam por causa da religião. Então, eu vejo neles, através da minha vida a possibilidade deles alcançarem. Eu amo a Igreja que eu tô hoje por causa disso, porque eu posso ser um sinal de luz no meio da guerra, não por causa da sua religiosidade, que você não vai viver você vai se reprimir. Sou batizado há três meses, faço parte da diaconia da igreja há dois meses.

A experiência da sua homossexualidade na interface da religiosidade incentivou Miguel a desenvolver trabalhos dentro da Igreja, no intuito de ajudar outras pessoas que passaram ou estão passando por situações semelhantes àquela que ele vivenciou. A sua fala autêntica, aqui, revela-se, mostrando o seu desejo de ajudar o próximo através de suas experiências religiosas.

Colaborador 3 – Vinícius

Vinícius tem 32 anos, filho de pais heterossexuais, tem dois irmãos e sua prática religiosa não teve influência familiar. É formado em Marketing e é profissional liberal. Seu nível socioeconômico é B1, é gay e denomina-se evangélico. Reside na cidade de São Paulo, é casado e compartilha suas práticas religiosas com seu parceiro Yuri, em uma Igreja Inclusiva localizada na cidade de São Paulo, da qual faz parte do grupo de pastores. A seguir, a análise das falas de Vinícius.

Categoria 1 : Nos horizontes da experiência religiosa na infância

Eu venho de uma família muito pobre, muito humilde, a minha mãe sofria de uma depressão crônica e o meu pai também era um alcoólico crônico. Então era muito turbulenta minha vida. E, uma vez, eu muito novinho, de oito pra nove anos, tinha uma Igreja numa garagem no fundo da minha rua. E foi ali que eu tive meu primeiro contato com Deus, o primeiro encontro com Deus, sozinho. Então, eu não tinha Bíblia, porque na época, a Bíblia também não era barata como é hoje. Como eu era de família pobre, nem Bíblia eu tinha.

Vinícius fala que seu primeiro contato com a religião foi através de uma experiência marcante na infância, em uma Igreja próxima à residência que morava. A sua família, nesse período, passava por problemas, a mãe tinha depressão e o pai sofria de alcoolismo, porém a sua prática religiosa era muito importante, o que fez com que ele começasse a frequentar e conhecer a Igreja Evangélica sozinho.

De acordo com Mota (2005):

Mesmo que a criança não viva em um ambiente familiar religioso, ela terá contato com a religiosidade em seu contexto social e desenvolverá mecanismos de relacionamento com a realidade obtida. Ela toma para si, sem questionamentos racionais, todas as crenças e valores que lhe são propostos, principalmente pelas pessoas que lhe são chegadas e estimadas (p.26).

Como diz Vinícius: A vivência religiosa desde a infância sempre foi muito difícil, porque desde muito jovem eu sempre soube da minha sexualidade e vivia dentro da Igreja com aquele peso de ser abominável, de ter um possível espírito, uma possível pomba gira. E isso tudo me machucou demais. (...) Aí nós nos mudamos de

casa, eu comecei a frequentar uma Igreja. Fiquei um tempo, sozinho, minha família não ia, eu ainda era menino e ia sozinho para a Igreja.

Segundo AmatuZZi (2000), na etapa do/a menino/a que corresponde dos sete aos 12 anos, a necessidade predominante é de proteção e acolhimento, portanto os problemas enfrentados pela família de Vinícius podem ter despertado o interesse dele em conhecer a Igreja Evangélica Tradicional.

Além dos problemas enfrentados pela família, Vinicius expõe que já sabia sobre a sua sexualidade desde criança, e que a religiosidade que viveu desde a infância o impedia de enfrentar seus desejos afetivos e sexuais com naturalidade. A suas práticas religiosas foram vivenciadas apenas por ele, e, com o tempo, foi adquirindo conhecimento e participando diretamente das atividades da Igreja.

A sua fala autêntica (AmatuZZi, 2016), aqui, já é desvelada, contudo é motivo de sofrimento. Mostraremos, na categoria a seguir, as dificuldades de Vinícius em esconder sua homossexualidade dos membros da Igreja Tradicional que frequentava na adolescência.

Categoria 2: Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência

E com o tempo eu fui amadurecendo, participando mais do coral, do louvor, só que sempre passando por aquelas situações difíceis né, é, de brincadeiras, porque você querendo ou não, você sempre da uma quebradinha de mão (risos), por mais que você queira mascarar , não tem jeito.

Vinícius fala da dificuldade em esconder sua sexualidade na Igreja e das situações que enfrentava por conta da sua orientação homoerótica. Como já foi citado no capítulo 1, a homofobia religiosa pode revelar-se de inúmeras formas e no caso de Vinícius, a reprodução de estereótipos o fez passar por diversas situações de discriminação, pois na Igreja Tradicional o machismo é presente (Natividade, 2009).

Então sempre passava por constrangimento e eu sempre tive aquele peso, poxa Deus, eu queria tanto ter uma família, queria tanto ter filho, tanto ter um poodle né, tipo, aquela família tradicional, dois filhos e um poodle. Eu queria muito, e eu achava que era impossível.

Vinícius, naquele momento, não possuía conhecimento acerca da união homoafetiva e da teologia inclusiva, o que o impedia de entender que poderia vivenciar seus planos familiares na interface com a sua homossexualidade. Seguindo as definições de Amatuzzi (2016) acerca das falas, a fala banal de Vinícius, ou seja, o conjunto de preceitos religiosos aprendidos e reproduzidos por ele, o impede de expressar a sua fala autêntica acerca da sua homossexualidade.

Depois de um tempo comecei a participar de uma Igreja que existe até hoje (...). E, depois dessa época, essa Igreja teve uma grande divisão era uma Igreja muito grande, frequentada por muita gente de alta sociedade, diretores de banco, e eu trabalhava dentro dessa Igreja. Eu trabalhava no departamento infantil, na assessoria, na secretaria, então sempre trabalhei nesse meio. Quando houve a divisão de Igrejas, dessa Igreja surgiram mais de dez Igrejas, a partir dessa divisão. E o pastor do departamento infantil, no qual eu trabalhava, também foi um dos que saiu nessa divisão e fundou um novo ministério. E eu o acompanhei nesse ministério, foi o ministério que fiquei por sete anos, mais ou menos, até eu ser excluído.

Segundo Amatuzzi (2000), na fase da adolescência, existe uma necessidade predominante de participação e afeto, o que fez Vinícius participar ativamente de atividades ministeriais na Igreja, porém ele foi excluído da última Igreja Tradicional que frequentou como veremos na categoria a seguir.

Categoria 3: Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta

É na fase jovem adulta, que Vinícius tem sua primeira experiência homoafetiva:

Eu tinha 21 pra 22 anos, era um menino que nunca tinha beijado ninguém, nunca tinha ficado com ninguém, transado então, nem pensar, né, totalmente, os hormônios a mil por hora. Imagina um menino de 22 anos e totalmente curioso, né, pela sexualidade porque era algo que era um tabu tão grande que eu nunca tinha vivido, eu nunca tinha tido liberdade pra conversar com alguém, nunca nenhum líder meu chegou pra mim assim e disse: “Vinícius, você é gay?” Porque eu não teria problema em falar: eu sou. Não, eles me mandavam pra um curso [tipo de ritual de cura e libertação], eu acreditava. Nem curso foi que eu falei assim, “nossa, nesse eu vou ser liberto.” Porque eles fazem um ritual assim, que você coloca uma musiquinha de fundo, e eu acreditava, e infelizmente não acontecia.

Vinícius deixa claro, mais uma vez, que não tinha dúvidas sobre sua homossexualidade. Seguindo as definições de Amatuzzi (2016) sobre a fala, podemos dizer que é explícita a fala autêntica do nosso colaborador acerca de seus desejos afetivos e sexuais, porém a formação religiosa que ele teve durante a sua trajetória de vida fez com que essa fala autêntica fosse sobreposta pela fala falada, a fala que ele construiu dentro das instituições religiosas.

Na Igreja em que frequentou muitos anos, Vinícius nunca teve oportunidade de conversar com ninguém sobre sua orientação homoerótica, mas, de forma indireta, seus líderes religiosos recomendavam cursos e retiros, os quais tinham, entre outras finalidades, a “cura” da homossexualidade. De acordo com Natividade (2009, p.128), “O ‘preconceito’ e a ‘discriminação’ contra homossexuais manifestam-se de formas muito plurais: silêncios, posicionamentos contrários, recusa de direitos, julgamentos morais, reprodução de estereótipos, exclusões mais diretas e outras mais veladas”. Vinícius fala que, de fato, acreditava nesses rituais vividos nas Igrejas, porém nenhum deles obteve resultado.

E eu, na época tinha o MSN, e tava conversando no MSN com um menino que eu tinha conhecido na internet. Era a única forma de eu matar minha curiosidade, de eu me aproximar de outro menino, porque dentro da Igreja era impossível. O pastor pediu pra um rapaz que trabalhava com informática pegar as minhas conversas do MSN, e simplesmente, numa sexta feira à tarde, ele pegou essas conversas, imprimiu, me chamou na sala dele, no gabinete pastoral e falou assim: “Me diz o que é isso?” E eram todas as conversas que eu tinha tido com o menino.

A ausência da Educação Sexual no cotidiano escolar, religioso e familiar faz com que o sujeito busque respostas acerca da sua sexualidade e experiências por outros meios. No caso de Vinícius, resultou na busca por meio de uma rede social. A doutrina rígida e a ausência de diálogos em relação à sexualidade, fez com que ele não tivesse experiências afetivas e sexuais até a fase adulta.

O líder religioso, que já sabia da sua orientação homoerótica, foi invasivo a ponto de conseguir as conversas particulares de Vinícius. Como já foi dito anteriormente, de acordo com Natividade (2009), a homofobia religiosa não se limita às doutrinas ou aos rituais que propõe a “cura” da homossexualidade, ela pode apresentar-se de forma mais explícita, como foi no caso de Vinícius que teve suas conversas particulares expostas.

Apesar de eu sempre ter, saber da minha sexualidade, e ter esse peso religioso de achar que era pecado, existia esse peso de eu achar que era pecado, que era uma pomba gira, mas com Deus eu tinha muita paz. Tanto que eu, em todos os lugares que a gente ia ministrar louvores, ministrar palavra, Deus sempre operou maravilhas. A gente ministrava louvores em vários lugares, e a palavra, e tinha testemunhos de pessoas curadas, de vidas restauradas, as pessoas queriam ir pra Igreja pra ficar perto da gente, porque se sentiam bem perto da gente. Então, ao mesmo tempo em que eu

tinha esse peso religioso, eu tinha paz com Deus. O próprio Deus não me apontava em nada.

Embora Vinícius se autocondenasse devido a sua orientação homoerótica, ele deixa claro que a sua experiência religiosa torna-se mais importante. Vinicius dá continuidade a sua fala acerca do conflito entre a sua homossexualidade e a sua prática religiosa tradicional:

E uma vez eu cheguei a questionar Deus: “Poxa, Deus, porque que eu faço de tudo para o Senhor me curar, e não sou curado?” Só que acho que a tormenta, o peso é tão grande, que a gente não consegue ouvir cem por cento a voz de Deus. A gente ouve mais o peso da condenação do que a voz de Deus. E uma vez eu consegui ouvir a voz de Deus. Eu perguntando, “Senhor porque, Pai, o Senhor não me molda, o Senhor não me muda, eis me aqui o vaso, Pai, quebra o vaso.” Não sei quantas vezes eu pedi pra Deus quebrar o vaso, e ai Deus falou pra mim claramente. “Eu não mudo o que você tá pedindo pra mudar, não tem nada pra ser mudado”. (...) Então existiam mudanças para serem operadas em mim, mas não sexual. A minha sexualidade Deus já conhecia e isso não me condenava. Só que por ouvir tanto [as pregações religiosas], eu me sentia condenado.

Vinícius fala que sempre esteve em conflito em relação a sua homossexualidade na interface com sua prática religiosa. Conforme a definição de Amatuzzi (2016) sobre as falas, Vinícius deixa a sua fala autêntica emergir, despindo-se da fala banal, a fala que foi construída pelas doutrinações da Igreja Evangélica Tradicional. Para ele, a sua experiência da meditação religiosa é de extrema importância, o que o fez buscar pela normatização da sua sexualidade. Vinícius, então, percebe que não há nada de errado com a sua homossexualidade e passa a conhecer a teologia inclusiva, como mostraremos na categoria a seguir.

Categoria 4 : Nos horizontes da experiência religiosa Inclusiva

Em 2010, quando conheci a Teologia Inclusiva, eu já tinha passado por processos de cura, eu já tinha passado por jejum, oração, monte¹⁷, todo tipo de coisa de você imaginar, acreditando, e eu ainda pensava comigo “Meu Deus, acho que essa minha pomba gira é muito forte porque não sai nunca.” E em 2010, quando conheci a Teologia Inclusiva eu ainda tinha uma limitação muito grande em acreditar na interpretação da Teologia Inclusiva. Tanto que já existiam Igrejas Inclusivas, líderes, e eu não conseguia ouvir e acreditar na ministração de nenhum deles. Então eu tinha uma limitação muito grande para ouvir e acreditar, até porque nós já tínhamos passado por diversas situações tristes, então eu não queria mais essa ligação com Igreja nenhuma, mesmo conhecendo a Teologia Inclusiva, eu não queria mais contato nenhum com Igreja.

Vinícius fala que as situações de preconceito e discriminações sofridas por ele nas Igrejas Evangélicas Tradicionais, fizeram-no desistir de frequentar alguma Igreja. E mesmo após conhecer a Teologia Inclusiva tinha dificuldades em acreditar em um Evangelho que acolhesse o ser humano em todos os seus aspectos, pois a cultura cristã tradicional na qual estava inserido ainda era bastante expressiva em sua vida.

Como já foi dito no Capítulo 2, a Teologia Inclusiva, através de um estudo contextualizado por meio do método histórico-crítico, permite a participação de pessoas LGBT em cultos, respeitando-as em todas as suas esferas.

E aí nós iniciamos as células, com isso nós começamos a postar os vídeos na internet e eu vi que não seriam só células, porque existiam tantas pessoas que precisavam ser resgatas. Foi aí que nós iniciamos o Ministério Inclusivo, com reuniões em casa. Então nós começamos de início na nossa casa, e eu fazia as ministrações, ao

¹⁷ Prática exercida por muitos/as cristãos/as, que, a fim de ter uma experiência transcendental com Deus, onde os/as fiéis acampam em serras e montes para orar e adorar a Deus.

mesmo tempo eu gravava e postava no Youtube. E a demanda de procura acabou sendo muito grande. E grande parte da procura era de pessoas que tinham passado pela mesma situação que eu. Ou foi excluído da Igreja, ou foi excluído de casa, ou o pastor falou que não devia, que foi excluído do grupo de louvor, ou do grupo de dança.

Apesar das dúvidas, Vinícius decide, por conta própria, criar as chamadas células, que, segundo a visão de algumas Igrejas Cristãs, são reuniões que não se limitam a templos religiosos, e são feitas em casas, ambientes abertos etc. Estes encontros foram filmados e divulgados. Percebendo que o público que o procurava tinha história semelhante a sua, amplia sua visão, na intenção de expandir a visão inclusiva, para a pessoas que sofreram de forma semelhantes a ele.

Como exposto na subcategoria a seguir, é visível o desejo de Vinícius de ajudar o próximo.

A espiritualidade sobrepõe-se à religiosidade de Vinícius. Segundo o texto do teólogo Teilhard de Chardín, a espiritualidade corresponde à experiência transcendental que não segue nenhuma doutrina, e a religiosidade corresponde apenas às práticas religiosas oriundas da doutrina cristã tradicional.

Subcategoria 2: O amor ao próximo

Com o tempo, Deus foi trazendo a minha mente, quantas pessoas que já se foram, morreram acreditando que não eram amadas por Deus? Privadas desse amor? Nos anos 1980, naquele surto de HIV/AIDS , onde muitos morreram achando que estavam sendo castigados por Deus, por viverem a vida que era pra eles, por viverem a sexualidade deles, a natureza deles. (...) E o Senhor começa a te mostrar, olha aí esse precisa, aquele precisa, tem várias pessoas internadas em hospitais, que também podem morrer a qualquer momento achando que Deus não as ama, então existe um trabalho a ser feito, existe um resgate.(...) esse é o desejo de nosso coração, né, que

nós possamos resgatar o nosso povo, resgatar muitos, também, que estão dentro da Igreja, e estão mortos [espiritualmente]. (...) A nossa responsabilidade com o ministério, o desejo do meu coração é que nós sejamos inclusivos a ponto de incluir também irmãos em situação de rua, irmãos discriminados pela prostituição, irmãos discriminados pelas drogas... (...) O desejo do nosso coração é que possamos também ser Igreja para esse pessoal, que nós possamos também ser Igreja sem preconceito para aquelas prostitutas, e as travestis que ainda são prostitutas. Hoje, a gente vai para um jantar em São Paulo perto da República, que é oferecido para travestis e transexuais, e muitas travestis ainda são prostitutas. Eu não vou lá para falar para elas assim: “Olha, minha querida, enquanto você não sair dessa vida de prostituição, Deus não estará contigo.” Não! Eu levo a palavra, eu levo amor, eu levo a graça. E eu creio que o quanto eu levar de Deus a partir de mim, e eu conseguir passar para elas aquela sementinha de Deus que foi deixada, aquela sementinha vai germinar, vai fazer com que a prostituição seja algo que ela mesma vai entender: “Isso não é para mim, esse não é o meu caminho.” Então, a gente não chega com condenação, a gente chega com amor, com a graça e o desejo de resgatar. Esse é um trabalho que pouquíssimas Igrejas querem, mesmo as Inclusivas.

Vinícius deixa bem claro em sua fala, o seu desejo de ajudar o próximo, e fala sobre seu trabalho com travestis, transexuais e pessoas em situação de rua. Como líder religioso, ele não se preocupa apenas em apresentar o Evangelho Inclusivo ao público LGBT marginalizado, mas também se preocupam com as questões sociais que abrangem todos os indivíduos.

Existe uma dívida da Igreja, eu digo não da Igreja Inclusiva, mas Igreja em si né, a Igreja toda, com LGBTs, com transexuais, com travestis... A gente vive um tempo, hoje, até as próprias Igrejas inclusivas têm preconceito com travestis e

transexuais. Então, agora, existem Igrejas Inclusivas que é só pra gays e lésbicas. Bissexuais, travestis e transexuais é outra história. Então, existe um trabalho a ser feito, de conhecimento, de conscientização, pra que a Igreja Inclusiva não cometa o mesmo erro que a Igreja Tradicional tem cometido há tanto tempo. A gente não pode ser um povo que se diz inclusivo, e só incluir aqueles que são convenientes pra gente. Existem também, aqueles que querem incluir gays, lésbicas, porque sabem que existem muitos gays bem-sucedidos, muitas lésbicas bem-sucedidas, então existem aqueles que têm esse interesse, que veem a comunidade LGBT não como uma comunidade que precisa ser resgatada pra Deus, para o amor de Deus. Tem aqueles que são grandes lobos. Então a gente tem que orar pedir o discernimento a Deus, a direção de Deus, pra que nós sejamos verdadeiramente a diferença.

Nesse trecho de sua fala, Vinícius fala de uma situação preocupante: a normatização binária no meio cristão inclusivo. Como já foi dito no Capítulo 2, por muito tempo algumas Igrejas Inclusivas não incluíam em seus cultos pessoas transexuais e travestis. Porém, com a intensificação dos estudos teológicos inclusivos, este quadro está se transformando, respeitando as diversidades sexuais humanas e quebrando barreiras e preconceitos.

De acordo com a definição de Amatuzzi (2016), em relação às falas, neste momento Vinicius, então, desvela sua fala autêntica, vivenciando a sua sexualidade na interface com a religião inclusiva. A sua experiência na Igreja Inclusiva despertou-o para ajudar pessoas que passaram pela mesma situação de preconceito e exclusão na Igreja Tradicional.

O desejo de nosso coração é que as pessoas sejam curadas, em relacionamentos, casamentos, eu falo de casamento e tenho muito orgulho, porque, pensar que o casamento que fizemos hoje pode durar, que daqui a dez anos vai ser uma referência, pra jovens, de relacionamento bem sucedido, de casamento

abençoado, de casamento debaixo da presença de Deus, não é verdade? Então porque que as pessoas falam: “ai, ser gay é pra viver sozinho, ser gay é uma vida de solidão.” Eu já ouvi isso, meu próprio pai já falou assim: “filho, não tenho problema com você ser gay, mas os que eu conheci a minha vida inteira, é uma vida de tristeza, de solidão.” Porque era a única coisa que era oferecida para o nosso povo. Nós não podíamos casar, nós nem acreditávamos que Deus nos amava. Então nós não podíamos estruturar nosso relacionamento em Deus, em amor e em graça. A gente estruturava os nossos relacionamentos naquilo que o mundo oferecia. Por isso que a grande maioria tem relacionamentos frustrados e tristes.

Até o ano de 2013, os relacionamentos homoafetivos eram deslegitimados perante a lei, e em alguns estados não eram reconhecidas as uniões estáveis entre pessoas do mesmo gênero. Contudo, em maio de 2013 a partir da Resolução n. 175/2013, o casamento homoafetivo no Brasil foi regulamentado¹⁸. O casamento homoafetivo ainda é proibido e considerado pecado pelas religiões cristãs tradicionais, fazendo com que as uniões homoafetivas não sejam consideradas, de fato, um relacionamento, o que remete a uniões infelizes, instáveis e promíscuas. Retomando a fala de Vinícius:

Eu costumo falar nas ministrações para o pessoal: “Estamos lidando com pessoas feridas.” Não existe uma Igreja Inclusiva, por maior e mais estruturada que seja, por mais organizada que seja, em que todos estejam curados. Foram tantos anos de paulada e feridas em cima de feridas, que o pessoal só vem se machucando. Então, a Igreja está ferida. Então nós somos como Elias; construímos muros de Jerusalém. Então nós estamos aí construindo esses muros. Creio que nós somos pedras fundamentais para essa reconstrução para que o Senhor trabalhe. Acredito que a última coisa que precisa para Jesus voltar seja isso, o resgate do nosso povo, o resgate

¹⁸ Fonte: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/84740-lei-sobre-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo-completa-4-anos>

daqueles que foram marginalizados. Talvez a gente evangelize todo o nosso povo, e Jesus volte: “Tá vendo filhos, era isso que faltava.” Eu creio nisso.

Vinícius reforça sua fala sobre ajudar o próximo. Deixa claro, também, que as Igrejas Inclusivas são formadas por um público que sofreu homofobia religiosa por muito tempo e que precisa ser ajudado de forma cautelosa. Ele acredita que toda essa população marginalizada durante séculos precisa ser alcançada pelo Evangelho, para que, assim, a promessa feita para os cristãos/as, seja cumprida. De acordo com Amatuzzi (2000), é na fase adulta que a experiência religiosa amadurece, consolidando o que se viveu na fase anterior.

É percebido, aqui, que a fala autêntica (Amatuzzi, 2016) de Vinícius está totalmente desvelada, sua espiritualidade e experiências transcendentais superaram a sua fala banal, ou seja, a fala amparada no conjunto de regras das doutrinas cristãs durante toda sua vida.

Colaborador 4 - Renato

Renato tem 35 anos, reside em São Paulo há 23 anos e é natural de uma cidade do Nordeste. Foi educado pela mãe e pela tia e tem dois irmãos. Tem ensino médio completo, trabalha como auxiliar administrativo é pertencente ao nível socioeconômico C, é gay, denomina-se evangélico e possui uma filha de seis anos. É pastor de uma Igreja Inclusiva localizada na cidade de São Paulo, onde vivencia suas práticas religiosas com o noivo Pedro.

A seguir, as análises das falas de Renato.

Categoria 1 : Nos horizontes da experiência religiosa na infância

Então, eu nasci né na Igreja Evangélica. Era uma Igreja muito rígida. Então, eu fui criado assim, eu não podia ver televisão, eu não podia jogar, tudo era pecado, tudo. Era difícil ter uma alguma coisa que não era pecado. Então, se eu tinha crises relacionadas a outras coisas simples, como usar uma bermuda, eu já achava que era pecado. Jogar futebol, ver televisão, eu já me

sentia acusado em pecado, eu chorava e pedia perdão a Deus quando eu via uma novela. Agora, imagina, eu sabendo que eu tinha atração por pessoas do mesmo sexo? A confusão e o sofrimento que eu vivia na minha infância? E, desde que eu me conheço por gente, eu sempre senti isso, sempre.

Renato fala da educação rígida que teve quando era criança. Em muitas Igrejas Tradicionais, é comum a proibição de alguns tipos de vestimentas, esportes etc., e ele sentia-se condenado por exercer algumas dessas práticas e, por isso, as evitava. De acordo com Amatuzzi (2000), a criança, até os seis anos de idade, evita tomar certas atitudes com receio da punição. Renato fala também que foi na fase da infância que ele percebeu a sua orientação homoerótica. A doutrinação evangélica tradicional em que foi educado desencadeou o medo de pecar, o que fez Renato entrar em conflito acerca da sua homossexualidade.

E eu fui criado só pela minha mãe, e ela era muito rígida, muito rígida mesmo, e eu nunca contei, nunca tive coragem de contar. Porém, eu era uma criança muito revoltada devido a isso, devido a toda essa pressão psicológica, esse sofrimento. Então, eu tinha muitos problemas psicológicos e emocionais.

Eu brigava muito, entrava em casa revoltado.

A religião imposta pela família influencia a visão crítica da criança e o seu desenvolvimento. Renato, então, vivenciando uma religiosidade rigorosa, a qual não permitia expressar-se, nem divertir-se como gostava, começou desenvolver problemas psicológicos e tornou-se agressivo, revoltando-se contra a família. Seus problemas intensificaram-se quando ele resolve se abrir para um amigo, como veremos na categoria a seguir.

Categoria 2: Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência

E eu lembro que quando eu tinha 12 anos eu resolvi me abrir para um amigo meu, eu contei para ele e ele era meu líder e ele era gay também, né,

sofria da mesma forma que eu, só que ele era meu amigo, ele era mais velho que eu e eu contei para ele sobre mim. Aí, ele falou que se eu não contasse para o meu pastor, ele contava. Aí eu fui e contei para o pastor, só que eu tava apaixonado pelo filho do pastor, e eu tinha dado um beijo, um selinho no filho do pastor. Só que aquele selinho para mim já era o pecado, eu já estava, já era sabe?! Estava na perdição. Aí eu fui, e contei isso para ele. E a Igreja, ela era muito rígida. E eu cantava nos grupos, eram grupos de adolescentes, cantava louvores e, na época, lembro de que eu fui para o banco [...], e o filho do pastor sofreu horrores também. Eu acabei contando sobre ele e a gente se separou. Então, eu, naquele momento, ali, né, que eu esperava receber ajuda, esperava receber amor, mesmo que fosse uma ajuda para eu deixar de ser gay, né, porque eles não tinham nada para ajudar. O que eles fizeram foi me desprezar. “Agora você não pode fazer mais nada dentro da Igreja”, e eu falei assim: “Eu vou fazer um teste, eu vou parar de ir na Igreja para ver se alguém vem atrás de mim.”

Renato tenta buscar ajuda conversando com um amigo sobre a sua orientação e sobre a experiência homoafetiva com o filho do pastor de sua Igreja. Porém, ele é obrigado a contar para o pastor. Ao descobrir a orientação sexual de Renato, seu líder religioso, numa forma de punição, proíbe-o de participar das atividades pastorais. Como as Igrejas Tradicionais consideram a homossexualidade um pecado, é comum que os líderes religiosos, punam e desprezem pessoas LGBT.

Renato fala que esperava receber ajuda para lidar com a sua orientação sexual, contudo, foi desamparado pela liderança da instituição religiosa que frequentava. Tais atitudes levaram Renato a desenvolver depressão e uma tentativa de suicídio, como mostra a subcategoria a seguir.

Subcategoria 1: Sintomas depressivos na interface com as experiências afetivos sexuais

Três meses e ninguém foi atrás de mim. E esses três meses, eu parei de estudar, sai da escola, e eu fiquei trancado no quarto com depressão. E, para piorar a situação, voltando um pouquinho, antes disso, eu tentei suicídio. Então, tentei me matar, eu me entupi de remédios, não só por causa disso, mas porque eu era bem perturbado, né, brigava demais. Então, eu achava que eu era o problema da minha família, da minha casa. Então, eu decidi dar um fim na minha vida. Para piorar a situação, a minha mãe, né, ela decidiu vir para São Paulo pois nós morávamos no Nordeste e ela falou: “Olha, filho, eu preciso ir, e eu vou levar o seu irmão mais velho, porque você não vai conseguir trabalhar, você só tem 12 anos e ele já tem 16 anos. Então, ele vai arrumar emprego, e vai ser melhor para a gente.” Então ela vendeu tudo. Os móveis, a casa, tudo. E me deixou junto com meu outro irmão, na casa da minha tia. Minha tia era muito rígida, então piorou mais ainda a situação, né. E eu fiquei três meses sem sair, preso dentro de casa. E para piorar a situação, eu só tinha meu irmão e minha mãe mandou buscar o meu irmão, e eu fiquei sozinho com essa minha tia. Aí, eu fiquei muito mal, e foi quando eu fiquei com esquizofrenia, né, que é aquela doença, acho que você conhece. Você começa a achar que todo mundo tá falando de você, você começa ouvir vozes... Então minha tia queria me dar remédio, eu não aceitava.

Inúmeros fatores levaram Renato a tentar suicídio, desenvolver depressão e posteriormente a esquizofrenia. O conflito por ser homossexual imerso em uma cultura rígida, onde não podia expressar sua sexualidade, nem seus desejos, o afastamento das atividades que exercia na Igreja e, posteriormente, a mudança da mãe. A falta do acolhimento materno influenciou a acentuação da doença.

Graças a Deus esse sofrimento durou apenas dois anos, e acabou. Foi quando minha mãe veio me buscar, e ela me trouxe aqui para São Paulo. Quando eu cheguei aqui em São Paulo, era como se eu tivesse saído do inferno e chegando no céu. Não por causa da cidade, mas pelo sofrimento que eu vivi, pela repressão que eu vivi lá. Era um inferno para mim. E aqui eu fui acolhido pela minha mãe. Então, eu recebi o amor que eu precisava. E aí eu comecei a melhorar um pouco, aí melhorei, mas eu lembro que eu saía muitas noites na rua chorando, né, saía muitas noites na rua pensando na minha sexualidade, sem ninguém para conversar, porque eu já tinha um trauma de ter falado, de ter contado.

A presença da mãe ajudou Renato a enfrentar a depressão e a esquizofrenia. Porém, seus conflitos acerca da sua sexualidade continuavam, principalmente por ter perdido a confiança em desabafar com alguém. Renato, neste momento, busca pela cura e a normatização da sua sexualidade, como mostra a fala seguinte:

Aí aconteceu que eu fiquei um tempo em uma Igreja, e achava que eu não me libertava... Porque lá, não fazia nada por mim e realmente não fazia, porque eles não tinham nenhum tipo de libertação de nada para essa área. E quando eu comecei a ir em outras Igrejas que tinha, eu fui muito ajudado, sem contar nada sobre mim. Aí eu não sei se a coisa complicou mais, a confusão ficou mais na minha cabeça, ou se foi melhor, porque assim, depois de ter sido liberto de tudo, porque me achava um monstro, eu achava que eu tinha demônios, eu me olhava no espelho, eu chorava só de olhar para mim, tudo isso foi resolvido nessa Igreja com esse acompanhamento, tudo se resolveu.

Renato busca ajuda para normatizar sua sexualidade em outra Igreja, pois acreditava que estava possuído por alguma entidade demoníaca. Após passar por decepções ao desabafar sobre sua homossexualidade, Renato fala que buscou ajuda, mas não expôs sua orientação

homoerótica para os líderes que o acompanhavam. Ele fala que a depressão e a esquizofrenia foram resolvidas, embora sua homossexualidade não tivesse sido curada como era desejado.

O desejo de estar em uma religião, faz com que gays, lésbicas, travestis e transexuais busquem a normatização da sua sexualidade por meio destes rituais de cura e libertação que líderes religiosos tradicionais oferecem. As falas banais (Amatuzzi, 2016) destes sujeitos, construídas através das falas de líderes religiosos, proporcionam sofrimento por não poderem expressar, de fato, suas falas autênticas, o que leva ao desenvolvimento de doenças psicológicas e até ao suicídio.

Antes da Igreja Inclusiva eu só vivi perturbação na minha vida sentimental. Era tudo perturbado, era tudo bagunçado... Até porque eu achava que era pecado, então entrei no mundo da promiscuidade, eu vivi coisas terríveis... Eu não tenho vergonha de falar, porque eu pensava assim, “se é pecado ter alguém, então...” A maioria pensa assim, eu acompanho pessoas, até pastores de Igrejas convencionais que pensam assim, se é pecado, então vou fazer tudo, então eu aprontei muito e foi muito difícil me livrar disso foram alguns anos para sair da prostituição foi muito complicado para eu aprender a ter uma vida normal.

Renato fala que não aceitar sua orientação homoerótica fez com que ele conhecesse o universo da prostituição e da promiscuidade. Em muitos casos, pessoas que fogem do padrão cis-heteronormativo adotam esta postura, pois acreditam que já estão condenadas, e abandonam suas práticas religiosas entrando em contato com todas as práticas que são consideradas pecados na Bíblia, como os vícios, prostituição e promiscuidade.

Seguindo a visão de Amatuzzi (2000), a adolescência é uma fase de experiências provisórias, onde o desafio é tornar a indefinição em uma definição permanente, através da

descoberta de uma verdade subjetiva mais intensa. Portanto, a busca intrínseca por mudança fez com que Renato buscasse uma instituição religiosa diferente da que ele frequentava, como mostraremos na categoria seguinte.

Categoria 3: Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta

Devido à educação rígida que teve, baseada na doutrina religiosa cristã, Renato fala do trauma na fase jovem adulta:

Eu tinha 19 quando eu saí da Igreja Tradicional e não voltei nunca mais até hoje. Sai com muita mágoa, muito ódio, não suportava ouvir falar de Igreja Tradicional, de crente de saia, de cabelão, pregava contra... (...) Para você ter uma ideia, depois que eu fui liberto de tudo, (...) eu voltei lá não tenho nenhum problema, mas, eu saí com muita mágoa e depois eu fui até pedir perdão lá para o pastor por essas mágoas que eu tinha, porque você tem que liberar perdão, a gente não pode carregar essas mágoas, porque isso te atrapalha. Então eu tive outra decepção com essa pastora que ela não teve estrutura ela não soube me ajudar, porque foi quando eu já era líder de jovens eu já tinha sido ungido a evangelista com vinte anos, e foi quando eu falei assim: “tem retiro espiritual que promete a mudança completa na vida. Eu vou lá sim ! Se nada mudar na minha vida, eu deixo de ser cristão . Não quero nunca mais saber de Igreja.”

Foi quando eu fui, eu desisti dos meus Ministérios, desisti de tudo, foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida, foi ficar um ano sendo ministrado. Eu fiquei de banco nessa Igreja sendo apenas ministrado. Para você ter uma ideia, eu não contei nada sobre minha vida, sobre minha vida pessoal, sobre Ministério, nada... Ficava lá, entrava, chorava isso aí eu não falava com ninguém. Fui nesse Retiro aí, depois eu comecei a ser ministrado ser

acompanhado, ser discipulado... Aí eu cheguei para o pastor e falei, “pastor, é assim, Deus me restaurou aqui”, não contei sobre minha sexualidade para ele, jamais!

A busca pela cura continuou, mas Renato esconde sobre a sua sexualidade. Então ele decide abdicar das suas atividades religiosas para participar de rituais que visam a cura em todos os aspectos. A fala banal, construída através dos discursos religiosos ouvidos por Renato, faz com que sua fala inautêntica esteja presente (Amatuzzi, 2016).

E aí eu consegui nessa Igreja, e eu tinha 23 anos quando eu comecei a pastorear nessa Igreja. E, aí, com 25 anos eu me apaixonei por um missionário que ele veio congregar junto na igreja, cheguei ordenar ele a pastor, mas nós achávamos que era pecado. Ele me levou a conhecer ministérios específicos que trabalhavam com libertação, e aí começou, eu comecei a contar e aí já tinha saído da prostituição. Depois, a gente decidiu parar para ir buscar ajuda, mas ninguém conseguiu ajudar a gente, fiz de tudo que você possa imaginar. Eu fui encaminhado para as melhores pessoas como a Maria, que ela é *top* nessa área de libertação, principalmente nessa área de homossexualidade. Então, ela me ministrou pessoalmente e foi através da vida dela que Deus me mostrou, lógico que ela não sabia disso, mas Deus me mostrou e ele tem uma obra comigo para trabalhar com homossexuais, com LGBT .

Na realidade, saindo de lá eu saí eu percebi que eu não tenho demônio nenhum. Ela faz um teste de endemoniamento, é como você tá aqui na minha frente, ela pediu para repetir tudo que ela fazia e, no final, ela mesma constatou que Deus estava na minha vida. E ela falou da obra que Deus tinha na minha vida. Depois que eu passei pela Maria, eu decidi buscar conhecimento, eu já

tinha ouvido falar e eu decidi estudar também, né, só que sobre a teologia inclusiva.

Renato torna-se pastor e apaixona-se por um missionário que visitou a sua Igreja. Através dele, conheceu outros meios de tentar normatizar sua sexualidade. Os dois se envolveram, mas logo se arrependeram e decidiram buscar os rituais de libertação. Renato fala que passou por diversos testes e, no final, percebeu que não havia problema algum com a sua orientação homoafetiva.

De acordo com Amatuzzi (2000), após uma experiência significativa, a postura religiosa antiga não se sustenta mais. A partir do momento que Renato percebe que a sua homossexualidade não acontece devido a uma possessão demoníaca, a sua fala autêntica (Amatuzzi,2016) vem a tona e o faz buscar o conhecimento acerca da teologia inclusiva.

A gente teve um relacionamento de oito anos bagunçado e dois anos que foi certo, mas não funcionou (...).Tive esse relacionamento, né, que foi muito perturbado também, porque quando eu queria buscar a teologia inclusiva, eu queria estudar, ele não queria (...) Só que assim, ele não queria, mas a gente ficava (...).Aí passou tudo isso aí o que aconteceu nesse meio tempo da confusão que ele não aceitava, e eu fui na Igreja Inclusiva que não existe mais essa Igreja, né. Eu gostei, mas muita gente tem uma imagem da Igreja Inclusiva que é uma bagunça, que pode tudo, né. Então eu tinha as ideias também, e eu ficava fuçando assim, para ver se realmente era... Então eu cheguei a perguntar pra algumas pessoas, né, eu vi seriedade, mas também encontrei pessoas que não tinham seriedade, né. Tanto é que a Igreja nem existe mais. E eu perguntei para uma determinada pastora o que ela achava, porque meu ex era bissexual e perguntei o que ela achava sobre isso, se ela

aprovava esse tipo de relacionamento. E ela falou: “olha, eu não faria isso, porque eu não tenho estrutura para fazer isso, mas se você consegue, eu não vejo problema.” Então eu falei, nunca mais eu piso nessa Igreja. Aí não voltei.

Renato fala que se interessa em conhecer a teologia inclusiva, porém seu companheiro, com o qual teve um relacionamento complicado, não queria, mas isso não o impediu de conhecer uma Igreja Inclusiva. Embora tivesse gostado da Igreja Inclusiva que visitou, após uma pergunta feita para uma pastora inclusiva, Renato decidiu não voltar mais à Igreja.

Seguindo as definições de Amatzuzi (2016) em relação às falas, embora Renato buscasse conhecer mais sobre teologia inclusiva, a sua construção cristã tradicional, ou seja a sua fala banal, ainda era muito presente, e as dúvidas sobre a seriedade do Evangelho inclusivo foram surgindo.

Aí eu passei muito tempo sem querer mais, então não quis estudar mais, parei. Aí, depois de um tempo, eu voltei a estudar de novo, aí eu conheci com ele uma Igreja, essa Igreja existe ainda hoje. Deram em cima dele, então a gente voltou brigando, então foi muito complicado eu consegui ver. Eu tentava ir, mas não consegui. Aí, no meio de tudo isso, a gente acabou decidindo que ia se casar com mulheres. Ele tinha decidido ficar noivo, ele ficou noivo, me deixou e eu falei: “Se não é ele, eu não quero mais ninguém.” E minha melhor amiga também tinha se separado. Aí estavam os dois carentes, melhores amigos, e ela falou: “Olha, vou te fazer uma proposta. A gente se dá super bem, vamos casar vamos ficar juntos. E você não precisa ter relação comigo, você não precisa ter nada comigo, a gente só vai se cuidar um do outro.” Eu carente do jeito que eu tava, ela era minha melhor amiga, eu não queria saber de homem, não queria mais saber de ninguém, eu queria ele... Ele ia noivar. Aí

eu falei: “Tá bom, então.” Mas não foi bem assim, né. Ela acabou engravidando antes do casamento (risos), que foi outra luta na minha vida. Porque eu já era pastor, e foi um escândalo na Igreja, e outro sofrimento para minha vida.

Renato conhece outra Igreja Inclusiva, porém devido a uma experiência ruim, ele decide não buscar mais a teologia inclusiva. Após o seu companheiro noivar com uma mulher, ele volta a ser pastor e casa-se com a melhor amiga que engravidou antes do casamento, o que refletiu negativamente na Igreja em que era líder.

Aí, depois de tudo isso, eu casei, dois anos casado, e a gente não se desligou, eu dele. Porém, ela [esposa] sabia de tudo que eu passava, ela era minha melhor amiga, então eu chorava. Então esses dois anos foram anos de choro de sofrimento, dela e meu (...). Aí eu criei coragem de me separar. Ela tava na Igreja, minha mãe também era viva nessa época. Sentei com minha mãe, falei toda verdade para minha mãe. Conteí , chorei , minha mãe ficou sem falar comigo, só chorava durante uma semana mais ou menos ...Não falava, só chorava, chorava, chorava. Aí eu entrei em depressão de novo, eu já era pastor, casado e cheguei até a pensar em tirar a minha vida de novo, porque a minha mãe sofrendo tanto daquele jeito...

Renato fala que, mesmo casado, não se desligou do ex-companheiro e, por isso, depois de dois anos de casado, ele decide se separar e contar para a mãe sobre a sua orientação homoerótica. A mãe de Renato reagiu de forma negativa e tal atitude contribuiu para que os sintomas da depressão voltassem.

Infelizmente, as situações vividas por Renato são comuns entre pessoas LGBTs, no meio cristão. A divergência existente entre a diversidade sexual e as normas religiosas e o

silenciamento da própria sexualidade, a fim de continuar com as práticas religiosas, desencadeiam inúmeros sintomas, como depressão, pensamento suicida, isolamento etc.

Mas aí eu fiz o seguinte: eu decidi orar, buscar a Deus e pedi para minha mãe, para eu ensiná-la a teologia inclusiva e junto com minha ex, que ainda estava casado com ela, loucura, né, (risos) e a gente sentou juntos e eu expliquei tudo. Eu sempre fui muito transparente, nunca gostei de enganar ninguém. Aí, já em 2013, eu subi no púlpito da Igreja, todo mundo já sabia que eu tava me separando, e já tinha saído muita gente, (...) e eu falei para a Igreja, a Igreja lotada, falei assim: “A partir de hoje, eu tenho uma palavra de Deus para pregar para vocês.” E eu preguei a teologia inclusiva, preguei o amor de Deus, porque Deus ama os homossexuais, Deus ama e falei: “A partir de hoje nós somos uma Igreja Inclusiva (risos), quem quiser ficar aqui, quem quiser aceitar...”, só que eu não falei de mim, né, eu falei da visão da Igreja. As pessoas já desconfiavam, né.

Após contar para a mãe sobre a sua orientação sexual e a separação, Renato, que já era pastor de Igreja Tradicional, decide ensinar à mãe sobre a teologia inclusiva para, posteriormente, instituir a teologia inclusiva na sua Igreja.

Neste momento, seguindo as definições de Amatuzzi (2016), a fala banal reproduzida por ele durante toda a sua trajetória religiosa começa a ser desconstruída, dando lugar a sua fala autêntica, onde ele se permite viver sua sexualidade na interface com a religião, embasando suas práticas religiosas na teologia inclusiva. Porém, a decisão não foi fácil para Renato, como veremos na categoria seguinte.

Categoria 4 : Nos horizontes da experiência religiosa Inclusiva

Aí saíram algumas pessoas, mas ficaram umas dez pessoas. Aí, em seguida, a minha separação, aí saiu mais umas cinco. Ficaram cinco pessoas (...). Nós assumimos, quando nós nos assumimos aí saiu todo mundo, ficou só eu e ele e meu irmão, que falou para mim que tava do meu lado. Minha mãe falou para mim que ela entendia, concordava com tudo que eu falei, mas que ela não ia ficar na Igreja.

Após transformar sua Igreja Tradicional em Igreja Inclusiva e assumir o relacionamento com o companheiro, Renato perde todos os fiéis que frequentavam sua Igreja. Isso aconteceu devido à visão da teologia tradicional de que a homossexualidade é pecado.

Não sabia que era tão difícil evangelizar. Hoje, o maior preconceito não são os evangélicos que têm com a gente, são os próprios gays. A maior dificuldade que eu sofro, hoje, a maior perseguição não é da Igreja, é muito raro ter um evangélico que me xinga... Tem, e tem muitos, mas assim, no evangelismo, o que tem de gay que me manda para aquele lugar. Muitos desviados que já foram evangélicos, é uma revolta muito grande que eles têm, muita resistência. Mas eu não desisto.

Após instituir a teologia inclusiva em sua Igreja, Renato começa a expandir o seu trabalho e diz que sente mais dificuldade em apresentar o Evangelho para a comunidade LGBT. A Igreja Tradicional, ao longo dos séculos, marginaliza todas as pessoas que fogem do padrão cis-heteronormativo. Muitos saem de suas Igrejas com mágoas e traumas, e dificilmente se abrem para novas experiências religiosas.

Eu estou aí desde 2013 acreditando, e eu sei que eu vou conquistar o meu objetivo, eu tenho uma visão grande do que Deus vai fazer na minha vida. Não foi em vão tudo que eu passei. Eu sei que, assim, a partir de 2013, quando

eu tirei a máscara, quando eu decidi assumir quem eu era minha vida mudou, transformou... Eu passei a viver realmente a vida que Jesus conquistou na cruz.

A cultura cristã tradicional imposta na educação de Renato refletiu até a sua fase adulta. Após inúmeros conflitos, traumas psicológicos, vivendo sua vida afetiva e sexual à margem de sua vida religiosa e após diversas buscas pela “cura”, Renato decide impor a sua fala autêntica (Amatuzzi, 2016). Segundo Amatuzzi (2000,p.46):

A vivência de relação com as realidades a que se referem os significados últimos, se for autêntica, tende a se expandir no meio, criativamente, o que leva a um sentimento de integração maior. Essa vivência poderá fazer a pessoa se sentir instrumento de um desígnio maior, e assim também perceber os outros ou os acontecimentos, numa forma diferente de relação com eles.

Colaboradora 5 - Vanessa

Vanessa é uma mulher transexual de 51 anos, natural de uma cidade do norte do Brasil, mora em São Paulo há 23 anos e é viúva. Denomina-se evangélica, é filha de pais heterossexuais, tem dois irmãos, tem ensino superior incompleto e trabalha como profissional liberal. O pai de Vanessa se apresenta como ateu e sua mãe é católica. É pertencente ao nível socioeconômico C e atualmente frequenta uma Igreja Inclusiva na cidade de São Paulo.

Categoria 1 : Nos horizontes da experiência religiosa na infância

A minha história começou os nove anos, dentro da Igreja Evangélica Tradicional porque naquele momento a minha mãe já estava percebendo que minha sexualidade estava aflorando, né. E ela já não tinha mais controle... Ela até tentou diversas coisas que não deram resultado, né, tipo me ameaçou diversas vezes, me levou para uma um abrigo de crianças, tento me colocar lá,

dizendo assim: “Se você não parar de ser desse jeito, eu vou ter que te internar aqui, e eu não quero isso.” Mas eu tenho como parar para o quê? Que eu nem sabia o que era? Então ela achou que o melhor caminho seria me entregar na Igreja onde eu pudesse, não ser internada, ou interna, como eles chamavam, mas onde eu pudesse ir para a escola e, talvez, sob a orientação do pastor, nas orientações da Igreja, ela tinha a esperança de que eu ia mudar. E ela me entregou... E dali eu só saía para ir para casa e para a escola. Mas o resto período todo ficava naquela Igreja, que era, que eu considero a minha Igreja mãe.

Vanessa expõe como conheceu a Igreja Tradicional. Embora a mãe fosse católica, ela foi apresentada à Igreja Evangélica aos nove anos pela mãe, que utilizou a instituição religiosa como recurso para resolver as expressões de uma criança trans. A mãe de Vanessa acreditava que, por intermédio da doutrinação evangélica, a ajudaria a seguir o padrão cis-heteronormativo. A mãe de Vanessa ameaça deixá-la em um orfanato, caso ela não mudasse as suas expressões trans. Esta fala nos mostra a fala banal (Amatuzzi, 2016) da mãe, ou seja, discursos construídos com base nas doutrinas cristãs tradicionais.

Vanessa diz que passava maior parte do seu tempo na Igreja, e por isso considera fundamental a Igreja que fundamentou seus valores. Segundo Amatuzzi (2000, p.45):

A religião começa a se expressar, agora, através de histórias que condensam seu sentido. Falhas na experiência da iniciativa e da ousadia, dificultam o acesso ao sentido das histórias e uma posterior identificação do adulto através da inserção em uma tradição. Nessa idade, embora já possa ir havendo uma apropriação do sentido das narrativas que expressam o sentido último, esse significado se refere ainda, provavelmente, a realidades externas.

A sua experiência religiosa na interface da sua sexualidade foi desenvolvendo-se, bem como seus horizontes, como mostraremos na categoria a seguir.

Categoria 2 : Nos horizontes da experiência religiosa na adolescência

Vanessa continua a sua trajetória de vida, falando sobre a sua experiência na Igreja Evangélica Tradicional:

E eu fui crescendo, eu fui conhecendo os irmãos e irmãs, me aproximando e me identificando, não pela questão sexual, não me atraíam, mas achava que eram pessoas que, igual a mim... Mesmo comportamento. E aquilo me levava mais a ficar mais ali, constante no trabalho. E acabei sendo secretária da Igreja, acabei sendo do grupo de jovens, líder do coral... Coisas de pessoas que tavam mais atuantes. E eu tava lá o tempo todo, era meu primeiro amor [a Igreja], então você quer fazer tudo o tempo todo. Então aos 16 me batizei nas águas, logo em seguida no Espírito [Espírito Santo] e fui seguindo até os meus vinte anos, só que percebi algo estranho tipo, tinha aqueles eventos , conferências.

A semelhança que Vanessa encontrou entre ela e as outras pessoas que frequentavam a mesma Igreja permitiu que ela se envolvesse nas atividades ministeriais e que se submetesse ao ritual do batismo. O primeiro amor que Vanessa menciona refere-se ao amor pela Igreja.

Seguindo as definições de Amatuzzi (2016), acerca das falas, a fala banal construída na esfera religiosa, baseada em fundamentos bíblicos, oculta a sua fala autêntica, ou seja, a sua fala genuína a respeito da sua sexualidade, uma vez que ela ainda não tem conhecimento de sua transexualidade. A ausência da educação sexual no âmbito escolar, religioso e familiar faz com que os sujeitos se desenvolvam sem entender a própria sexualidade e incapazes de discutir e se questionar sobre seus desejos.

É notável, na fala de Vanessa, a sua dificuldade em expressar-se, e ela começa a perceber que o seu comportamento é diferente em relação ao das outras pessoas, como veremos na categoria a seguir.

Categoria 3: Nos horizontes da experiência religiosa na fase jovem adulta/ adulta

Vanessa dá continuidade a sua trajetória de vida, falando sobre a sua exclusão dentro da Igreja.

Só que eu percebi algo estranho, e por quê? Aqueles eventos e conferências, porque a Igreja que frequentava era de bairro, mas nós tínhamos uma sede mesmo, aconteciam os eventos, e nunca que me chamavam. Tinha aqueles seminários, né, que eles preparavam os jovens pastores e jovens líderes da Igreja, e eu nunca fui convidada para aquele lugar, entendeu? E eu vi que tinha muito jovem ali, mas eu nunca fui convidada. Eu era secretária do pastor, e eu via tudo, mas eu percebia que eu não tinha lugar, que eu não tinha oportunidade, mas aquilo não ficava evidente, até chegar o primeiro momento em que convidaram o coral da nossa Igreja para estar presente no evento da sede. E eu fiquei toda feliz, porque eu imaginei que eu ia cantar no púlpito da sede, né? E qual foi minha decepção? Semanas antes a sede mandou um cantor oficial da sede para liderar o coral. E aquilo me magoou profundamente, porque eu sabia que tinha alguma coisa errada, eu não sabia o que era exatamente, mas eu sabia que tinha alguma coisa errada. Só que ninguém me falou nada, mas, eu percebi que o motivo de terem me tirado do coral, era pela minha sexualidade, pelo meu jeito, por que sempre diziam que eu era muito feminina, as pessoas faziam questão de destacar isso.

Vanessa, com o tempo, consegue entender que a sua transexualidade é o motivo para que ela fosse ela excluída dos eventos. Mesmo participando das atividades da Igreja, os seus

líderes religiosos a impediam de participar dos eventos de grande porte. A atitude do pastor de Vanessa, ao colocá-la como sua secretária, mostra uma postura transfóbica, na medida em que ele tenta escondê-la e afastá-la das atividades da Igreja. Como já foi dito no capítulo 1, a homofobia/transfobia religiosa pode surgir com nuances de diferenças, que variam de desde indicações de retiros de cura espiritual, até a segregação e exclusão (Natividade, 2009).

Quando eu tomei conta de que era isso realmente, isso que tava acontecendo, aí eu me entristeci tanto ao ponto de sair da Igreja. E daí foi que começou tudo, eu tava num lugar cômodo, e aí começou uma luta, né? Uma grande luta de me encarar [assumir a sexualidade], de me aceitar e ocupar o meu espaço na sociedade. E esse é um período muito triste para mim, porque agora eu tava sem Deus.

Quando Vanessa percebe que é excluída dos eventos devido a sua transexualidade, ela decide sair da Igreja. Segundo ela, foi o período em que ela começou a assumir a sua identidade de gênero, porém acredita estar sem Deus por ter saído da Igreja e por achar que é pecado assumir a sua identidade. A Igreja, desde a Idade Média, visa doutrinar a população fazendo com que as práticas religiosas tornem-se mais importantes do que a espiritualidade. Vanessa, ao sentir-se sem Deus, mostra a sua fala banal, que foi construída baseada nas crenças religiosas que lhes foram ensinadas.

Até esta fase, a sua fala autêntica (Amatuzzi, 2016), era oculta e, após as experiências negativas, a sua fala banal dá lugar à fala autêntica.

E agora tudo é pecado para mim. Para você ter ideia, eu tentei o suicídio três vezes. Por sorte, a minha mãe sempre chegou na hora H, por sorte, por Deus, né. A minha mãe sempre chegou e me resgatou e me tirou daquela situação. E eu fui lutando durante esse período, até me encarar, me aceitar e agora eu tenho outra situação: eu estava do outro lado, totalmente adverso da

Igreja, e eu tinha que lutar para tentar sobreviver na fé sendo quem eu era. Eu percebi que tudo estava acontecendo em torno da minha sexualidade e era algo que eu não sabia, que não era. A minha primeira experiência foi aos vinte (sexualidade), foi aí que eu passei a tentar entender, me entender, me aceitar lá naquele lugar. Mas, na realidade, eu não sabia, até então, quem eu era. Eu tava totalmente voando na questão sexual. Aí com 23, mais ou menos, foi que me resolvi assumir para família... Assumir o que, né, que eles já sabiam. Mas o importante de tudo foi eu me assumir, eu me aceitar.

O rompimento com a Igreja, para Vanessa, foi uma situação difícil, o que a levou a tentar o suicídio três vezes. A falta de conhecimento sobre assuntos que envolvessem corpo e sexualidade, fez com que, por muito tempo, Vanessa sustentasse a sua fala banal (Amatuzzi, 2016), baseada em crenças religiosas, até a sua identidade começar a desvelar-se.

A doutrinação da Igreja Evangélica Cristã faz com que a fala autêntica (Amatuzzi, 2016), de Vanessa ficasse oculta, dando espaço a sua fala banal, o que fez com que ela tentasse o suicídio, por não conseguir “enquadrar-se” no padrão cis-heteronormativo.

Foi a maior dificuldade para mim. Eu sabia que eu era uma pessoa que não estava nos padrões da sociedade, mas era muito difícil você aceitar isso, e foi todo um processo muito lento, muito dolorido. E aí, logo depois, eu tive um relacionamento com rapaz, fiquei com ele três anos e meio, que na minha cabeça tava que eu tinha que casar, que eu tinha que ter pelo menos um cidadão só para mim, só comigo. Com 24 para 25 anos eu voltei a tentar me encaixar dentro de uma Igreja, eu sempre ia, mas eu não queria me envolver e aos 25 eu comecei a procurar a Igreja para me envolver, aí eu vi que eu não tinha mais chance, tipo assim, de me encaixar novamente. Porque, agora, a minha situação

tava mais clara, mais definida. Eu estava mais feminina e a Igreja não me aceitava nunca, jamais. Fui para várias denominações e cada uma que eu pensei que ia ser fácil eu não conseguia, porque sempre vem aquelas pessoas tentar expulsar o espírito da pomba gira, dizendo que era espírito feminino que se apossou de mim. E eu dizia: meu amor aqui só tem um espírito, que é o Espírito Santo, não tem outro espírito. E assim foi a minha vida toda.

Vanessa começa a se encontrar e a perceber que ela não se encaixava no padrão cis-heteronormativo. Em seguida, tem a sua primeira experiência amorosa com um rapaz, fazendo com que ela sinta-se na obrigação de casar. Este sentimento pode estar relacionado à valorização do casamento nas instituições evangélicas tradicionais.

Apesar de ter se afastado da Igreja, Vanessa ainda tinha vontade de voltar a suas práticas religiosas, porém, após a sua transição, a situação começa a se esclarecer externamente, a sua transformação a impede de se recolocar em uma posição religiosa novamente. Nas tentativas de reaproximação com a religião é acusada de ter espíritos de pomba gira em seu corpo. Comumente, as Igrejas Tradicionais Cristãs associam as diversas expressões sexuais do ser humano com possessões demoníacas (Natividade e Oliveira, 2013).

E depois eu vim para São Paulo, com 28 anos, continuei com o mesmo problema, logo quando eu cheguei aqui tentei me fixar em outra Igreja. Até belo dia eles descobrirem que já não era só eu, que tinha um grupo com gays e lésbicas. Eles descobriram e nos expulsaram, eles expulsaram todo o grupo, o pastor, em púlpito, expulsou a gente, daí eu continuei a caminhada. Todas as denominações eu conheço, praticamente todas. E, em todas, eu sempre ouvi muito falar de que a verdade era que o Evangelho inclusivo era uma seita, desde o primeiro momento que foi lançado eles sempre falavam que era uma seita. Então eu tinha certa resistência.

Vanessa decide se mudar para São Paulo aos 28 anos. A busca por uma Igreja na qual pudesse vivenciar suas práticas religiosas não cessou, e, após chegar à capital de São Paulo, começou a frequentar uma Igreja Tradicional juntamente com outras pessoas que eram gays e lésbicas. Porém, quando descobertos pelo pastor, foram expulsos. De acordo com Natividade (2009), a visibilidade é uma das formas de expressão da homofobia religiosa.

Vanessa fala que já conhecia a Igreja Inclusiva, porém estas eram chamadas de seitas. Neste momento, ela expõe a sua fala secundária (Amatuzzi, 2016) reformulada com base no que já foi dito. Os/as líderes evangélicos/as tradicionais criticam pejorativamente a imagem das Igrejas Inclusivas, o que faz com que muitas pessoas tenham resistência a conhecer, de fato, a Igreja Inclusiva. Dando continuidade a sua trajetória de vida, é na fase adulta que Vanessa passa a frequentar a Igreja Inclusiva:

Então eu tinha certa resistência né, ao Evangelho inclusivo, até cinco anos atrás por situação de trabalho, eu acabei caindo na galeria aqui no centro, em que eu conheci um rapaz que era pastor de Igreja Inclusiva. E ele me convidou pra ir à Igreja dele, eu tinha falado para ele que eu tinha experiência em Igrejas Tradicionais, que frequentava Igreja Tradicional, na época eu tinha voltado [para a Igreja Tradicional], aí como é mais fácil o acesso, como tem muitas, eu preferia assim. Mas sempre ficava lá nos fundos, não me envolvia mais, não colocava mais a cara na frente. As coisas sempre aconteceram porque eu tentava me aproximar do trabalho de jovens sabe, dos grupos. E aí eu descobri que ficando no fundo era o lugar mais cômodo para levar adiante a minha fé.

Vanessa, então, conhece um pastor de Igreja Inclusiva, com quem compartilha sua experiência e fala que frequentava a Igreja Tradicional, porém, que se sentava no fundo da

Igreja para evitar situações constrangedoras. É bem explícito na fala de Vanessa, o quanto a comunidade LGBT é marginalizada, principalmente travestis e transexuais, por causa da transformação visual. A sexualidade, enquanto característica sutil, é suportável para instituições religiosas tradicionais, mas quando se revelam suas diferenças, tornam-se um problema, sendo “empurrados/as” para os fundos, onde ninguém possa vê-los/as.

Apesar destas experiências negativas, Vanessa decide conhecer a Igreja Inclusiva e surpreende-se, como mostraremos na categoria a seguir.

Categoria 4 : Nos horizontes da experiência religiosa Inclusiva

E aí quando ele me convidou para ir conhecer a Igreja Inclusiva, eu aceitei imediatamente. E, aí, no início da reunião achei interessante, foi um rapaz que me atendeu. Ele foi fazer abertura, e ele mudou totalmente no púlpito, já não era mais como ele tava na frente, ele tomou outra postura. E começou a reunião, e quando ele começou, ele começou com a oração foi puro fogo do céu descendo, envolvendo aquelas pessoas que estavam ali, e eu fui me envolvendo, e eu digo: “Meu Deus do céu! Era tudo isso que eu precisava, era tudo isso que eu queria na minha vida!” Chorei, foi emoção. Muito forte aquilo tudo que eu voltei a sentir. Naquele momento eu me senti como se eu tivesse lá na minha primeira Igreja, só que de uma forma totalmente diferente. Eu digo: “Não é possível isso não!” Mas foi bárbaro, foi tremendo aquele culto, foi demais! Foi o retorno. Eu estou me controlando aqui para não chorar porque é emoção muito forte que você sente, porque eu estava sendo acolhida de fato na minha fé, naquela minha relação com Deus, fortalecendo a minha relação com Deus, eu já sabia que agora eu tinha um porto seguro. E aí eu digo: “Daqui em diante eu não largo nunca mais esse Evangelho inclusivo, esse Deus inclusivo.”

Vanessa, após anos tentando encaixar-se em alguma denominação cristã, tem a oportunidade de conhecer a Igreja Inclusiva. Ela retoma a sua prática religiosa, e relembra a sua vivência na primeira Igreja, e isso faz com que ela se emocione e sinta novamente qual o verdadeiro significado de sua prática religiosa. Segundo Amatuzzi (2000), no momento em que os conceitos religiosos são intercedidos pela experiência e pela reflexão, eles aproximam a religião do vivido, fazendo com que, agora, seu desenvolvimento religioso seja satisfatório.

Nunca mais eu vou sair, para me tirar só se me expulsarem e ainda assim vai ser difícil de me tirar hein! E, aí, mais o culto que ele me convidou para ir, novamente eu fui. E aí teve uma pastora que foi usada em profecia, ela me separou no púlpito e ela disse: “Eu tenho uma grande missão para você. Agora você não tem mais desculpa.” Porque antes eu tinha aquela desculpa de que ninguém me aceitava em outras Igrejas, e ela disse: “Então agora você não tem mais desculpa e eu tenho uma grande obra que vai mudar o rumo da sua vida, e eu vou colocar essa obra na tua mão.” Aí eu digo, “meu Deus do céu, o que será que vai acontecer com a minha vida?” Eu pensei que a grande missão era eu voltar para minha cidade natal e agora evangelizar as pessoas dessa forma, dizer para elas... Era tudo que eu queria, era compartilhar e dizer para elas que esse Deus que condenava as pessoas, que a gente tinha essa visão, que a gente tinha essa ideia de que condenava, ele não condena. Na realidade ele está de braços abertos para todos e isso era tudo que eu queria fazer.

Vanessa sente-se acolhida pelos membros da Igreja Inclusiva, e decide ser frequentadora. Em sua fala, ela demonstra o desejo de propagar a mensagem que chegou para ela, que é de um Deus acolhedor.

Depois, por outra situação, conheci lá na galeria uma amiga minha trans, que queria frequentar a Igreja. Aí eu falei: “Então vamos lá para o centro”, porque ela é trans, eu sou trans, então a gente tem alguma coisa em comum. E ela começou a frequentar comigo e nós começamos a nos lançar na reunião participar de tudo, aí me convidaram para cantar no louvor e, aí, quando ela veio comigo eu já passei para ela, já fui fazer outra coisa. Então, aí a gente tinha coisas para fazer, e a gente era aceita do jeito que a gente era, e não tinha cobrança nenhuma, nem nada. (...) Aí, logo em seguida, o pastor da Igreja me chamou para entregar um ministério, que era para alcançar o único exclusivamente à vida de travestis e transexuais. Ali eu vi o que Deus tava fazendo na minha vida, e eu jamais esperava que era essa missão. E eu digo: “Meu Deus do céu, tem um trabalho terrível pela frente porque a gente bem sabe o que a gente passa, o que a gente sofre, as nossas vivências, as nossas frustrações...” E a gente sabe da nossa necessidade também de Deus, porque tem muitas pessoas que passaram pela mesma coisa que eu passei. A maior parte, se você conversar bem com elas, a maior parte passou pelo que eu passei. Às vezes, não se manteve na fé, se desencaminham da fé, por um motivo por outro. Mas tem aquela experiência, então eu tinha agora essa missão de resgatar essas pessoas. Mas também é muito difícil você trazer essas pessoas para perto de Deus, porque, hoje em dia, a maior parte tá na droga e na prostituição.

A prática religiosa de Vanessa aos poucos vai se restabelecendo, quando ela consegue um cargo na Igreja com o principal objetivo de alcançar travestis e transexuais com a mesma mensagem com que ela foi alcançada. Ela ressalta a dificuldade de acessar esse público, pois a maioria está nas drogas e na prostituição, devido aos traumas e às dificuldades enfrentadas

por assumir a própria identidade. Porém, ela deixa claro em sua fala o desejo de ajudar o próximo, como mostraremos na subcategoria a seguir

Subcategoria 2: O amor ao próximo

Logo no início que essas pessoas chegavam com fome, então eu dava café com bolacha no início das reuniões, e, depois, eu passei a servir o jantar, sem pedir dinheiro da Igreja. Então eu passei a dar o jantar. Porque se você vir na Bíblia, tudo que Jesus fez tá muito envolvido com comida, com alimento, com acolhimento e isso para mim faz parte, entendeu? Isso faz parte de mim mesma. E pela Bíblia também, pela palavra... Então eu passei a fazer isso e esse jantar, não para ser uma forma de atrair as pessoas para essa reunião, mas para ser uma forma de acolher, e até mesmo pela necessidade que algumas têm, não todas, mas que algumas têm. Outra coisa que eu fiz questão foi de abrir para todos, para todas as pessoas. Porque se o Evangelho é inclusivo, então esse ministério também tem que ser aberto para todas as pessoas.

É percebido que nesse momento, a fala autêntica (Amatuzzi, 2016), de Vanessa foi revelada; ela expressa genuinamente a sua experiência religiosa na interface com a sua sexualidade. Ela começa um trabalho social, inicialmente voltado para travestis e transexuais. Primeiramente, ela organizava umas reuniões religiosas oferecendo alimento. Em seguida, vendo as necessidades de cada uma que ia participar, começou a organizar um jantar. Vanessa fala que esse trabalho social abrange a todos/as, pois a sua visão de evangelho é inclusiva, portanto foi necessário liberar o jantar para todos/as, além das travestis e transexuais.

Percebe-se que o movimento inclusivo, na maioria das vezes, relaciona-se às questões sociais, às necessidades que o outro ser humano possui. À Igreja, como instituição importante

e de influência em nossa sociedade, é requisitado que esteja atenta às questões políticas, econômicas, sociais e ambientais e midiáticas.

Categoria 5 - Silenciamento das lésbicas

Como já mencionamos no capítulo 4, tivemos dificuldades para entrevistar mulheres lésbicas frequentadoras de Igrejas Inclusivas, e, conseguimos apenas a fala de uma mulher lésbica. O/a leitor/a pode estar se questionando neste momento: “Porque as mulheres lésbicas se negaram a falar sobre sua experiência religiosa?”, “quais os motivos que levaram ao silenciamento das lésbicas?”. Nesta categoria, iremos expor nossa tentativa de revelar hipóteses sobre o silenciamento de mulheres lésbicas acerca da sua orientação sexual na interface com a religião.

As religiões cristãs são fortemente marcadas pela presença e liderança masculina. Em algumas instituições cristãs, as mulheres não têm direito a função pastoral, função atribuída somente ao homem. De acordo com Woodhead (2002):

Embora o gênero possa ser invisível nas grandes teorias de sociologia da religião, por bem mais de um século tem sido visibilizado claramente pela teoria feminista. E na falta de teorias alternativas de dentro do estudo da religião, a abordagem feminista tem tido uma enorme influência em como as pessoas abordam o tópico: mulheres e religião. Sua abordagem mais simples, tanto no caso liberal, quanto no marxista, sugere que a religião é patriarcal, planejada por homens, executada por homens, legitimando interesses masculinos, e subjugando mulheres material e ideologicamente (através da falsa consciência) (p.1)

Embora haja intensas discussões sobre as relações de gênero e inúmeros avanços em relação ao papel da mulher na sociedade contemporânea, há muito para ser conquistado acerca dos direitos das mulheres nas esferas políticas, sociais, culturais e religiosas. No

âmbito religioso é comum inúmeras denominações religiosas aceitarem mulheres como pastoras, cantoras, entres outras funções pastorais, todavia não é comum encontrar uma Igreja em que a sua liderança principal seja uma figura feminina.

O machismo presente nas instituições religiosas faz com que as mulheres sejam silenciadas, inclusive acerca de sua sexualidade. Grande parte das mulheres lésbicas que frequentam Igrejas Inclusivas tiveram experiências religiosas em Igrejas Tradicionais. Podemos, então, associar, a título de hipótese, o silenciamento das lésbicas, observado neste estudo, a um resquício oriundo destas experiências religiosas anteriores, onde, comumente a mulher não só não possui espaço, mas também tem sua sexualidade silenciada.

CAPÍTULO 6

DIFERENTES OLHARES PARA O FENÔMENO: O LUGAR DA RELIGIÃO E SEU SIGNIFICADO E SENTIDO NA VIDA DE LGTRANS

Neste capítulo, apresentamos uma síntese compreensiva das convergências e divergências identificadas nos significados e sentidos das falas dos/as colaboradores/as.

No total de cinco colaboradores/as, a não ser pelo colaborador Vinícius, todos convergiram para a influência religiosa familiar na vivência na infância. As práticas religiosas exercidas por pessoas que foram consideradas referenciais por nossos/as colaboradores/as influenciaram a escolha da religião no decorrer de suas vivências. A não ser pelo colaborador Miguel, todos/as os/as outros/as colaboradores/as tiveram acesso a Igreja Tradicional por influência materna.

Embora os símbolos religiosos possam ter algum significado para o sujeito nessa fase da vida, “as coisas significadas por eles são provavelmente vivenciadas ainda como externas, e carregadas de poder sobre ela” (Amatuzzi, 2000, p.45).

Os resultados da pesquisa convergem no quesito vivência na adolescência, a não ser pelos colaboradores Vinícius e Renato, que se distanciam das instituições religiosas após novos horizontes de conhecimento, porém, mantendo as práticas religiosas com menos frequência. A busca pela adequação nos padrões religiosos também é presente em todas as falas, e, de acordo com Amatuzzi (2000), é na adolescência que o sujeito busca se enquadrar na moralidade imposta pelas relações interpessoais significativas.

Exceto pelos colaboradores Miguel e Renato, todas as falas convergem quando o tema é a busca pela cura da orientação homoerótica em ritos de cura espiritual, ainda que estes não sejam rituais voltados somente para a “cura” da homossexualidade. Estes rituais são oferecidos em forma de “acolhimento” pela Igreja Tradicional, para frequentadores/as que

fogem do padrão cis-heteronormativo, busquem a “normatização” de seus desejos afetivos e sexuais (Natividade, 2009).

Todos/as o/as colaboradores/as convergem no item vivência jovem adulta/adulta, quando falam que respeitam as instituições religiosas tradicionais que frequentaram. Embora tenham sofrido preconceito, em suas vivências, nossos/as colaboradores/as reconhecem a importância da experiência religiosa nas instituições tradicionais, seja para o crescimento pessoal, seja para o crescimento espiritual. Todos/as também mantiveram práticas religiosas em Igrejas Tradicionais, mas não houve envolvimento com eventos e/ou cargos ministeriais.

Todos/as os/as colaboradores/as convergem quando a categoria é vivência inclusiva, na qual a descoberta de novos horizontes de uma vivência religiosa na interface com a sexualidade através da teologia inclusiva, permitiu um amadurecimento religioso e, ao mesmo tempo, a autoaceitação, em seus aspectos sexuais. Exceto nas falas de Dandara e de Renato, todos/as os/as colaboradores deixam claro o desejo de ajudar outras pessoas que vivem/viveram a mesma experiência de não aceitação em Igrejas Tradicionais.

Como foi exposto no capítulo 4, das nove mulheres lésbicas que contatamos, apenas Dandara aceitou ser entrevistada. Portanto, considerando que a maioria das mulheres lésbicas que frequentam Igrejas Inclusivas, já teve experiências religiosas nas Igrejas Evangélicas Tradicionais, indagamos a seguinte questão: podemos interpretar que este silenciamento pode estar relacionado ao machismo vivido nas Igrejas Tradicionais, onde a sexualidade feminina é silenciada?

Assim, a teologia inclusiva surge devido à dificuldade das pessoas LGBT exercerem suas práticas religiosas nas instituições religiosas tradicionais. Portanto, esta trajetória de compreensões em relação ao fenômeno: o lugar da religião e seu significado e sentido na vida de LGTRANS, além de nos possibilitar a ampliação de horizontes acerca das diversidades afetivas e sexuais na interface com a religião, nos chamou à atenção para a

necessidade de diálogos significativos acerca da homofobia religiosa sofrida pela comunidade. Neste momento, convidamos o/a leitor/a para nossos horizontes de compreensão após a realização dessa pesquisa.

**HORIZONTES DE COMPREENSÃO DO FENÔMENO:
O LUGAR DA RELIGIÃO E SEU SIGNIFICADO E SENTIDO NA VIDA DE
LGTRANS**

Pode-se observar que a exclusão que acontece nas instituições religiosas tradicionais é um aspecto vivenciado de modo doloroso pelos sujeitos que não se enquadram no modelo tradicional afetivo e sexual. De modo contrário à exclusão, as Igrejas Inclusivas, surgem como um espaço religioso de tolerância, e podem tornar-se fator determinante na vida de sujeitos que obtém na experiência religiosa aspecto importante para sua vivência. Pelo viés das Igrejas Inclusivas, é possível viver uma religiosidade que integre todos os aspectos da vida humana. Esta pesquisa nos permitiu compreender e interpretar os significados e sentidos que nossos/as colaboradores/as dão as suas experiências religiosas, e expor ao/a leitor/a, horizontes de experiências de sofrimento pela exclusão vivida devido à orientação homoafetiva, devido à cis-heteronormatividade que as instituições religiosas tradicionais incorporaram em sua práxis religiosa. Percebe-se que ainda há um déficit em relação aos trabalhos envolvendo este tema, sendo necessária a intensificação de estudos sobre as diversidades sexuais na interface com a religião. Por isso, que na fenomenologia, utilizamos o termo “horizontes”, porque o conhecimento não possui um fim, ou seja, a pesquisa fenomenológica possibilita novos horizontes de conhecimento.

E, para dar visibilidade e alcançar a população em geral, visualizamos a publicação de um livro a partir dos resultados dessa dissertação. Também, está em fase de elaboração uma cartilha explicativa, onde, será elucidada a abordagem da teologia inclusiva e as Igrejas Inclusivas no Brasil, além de publicação artigos científicos em revistas com Qualis A e B. Portanto, como horizontes de compreensão, nota-se que a teologia inclusiva acolhe e possibilita à prática religiosa de pessoas LGBT's que foram marginalizadas em Igrejas Tradicionais. Como já foi exposto na Introdução, ressaltamos que essa dissertação não tem o

intuito de criticar os dogmas cristãos, mas expor para a população em geral, principalmente para a comunidade LGBT, que é possível vivenciar as práticas religiosas sem máscaras, bem como a criação de novos diálogos, nas esferas familiar, escolar e religiosa, a fim de desconstruir posturas homofóbicas e sexistas, perpetuando o amor e o respeito pelas diversidades afetivas e sexuais.

REFERÊNCIAS:

Alves, R.(2005). *O que é religião*. São Paulo-SP: Brasiliense.

Amatuzzi, M. M.(2016). *O resgate da fala autêntica na psicoterapia e na educação*.
Campinas - SP: Alínea

Amatuzzi, M. M. (2000). O desenvolvimento religioso: Análise de depoimentos. *Revista estudos de psicologia: PUC-Campinas*, 17(3),43-66. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v17n3/05.pdf>

Amatuzzi, M. M. (2000). O desenvolvimento religioso: Uma hipótese psicológica. *Revista estudos de psicologia: PUC-Campinas*, 17(1),15-30. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v17n1/02.pdf>

Amatuzzi, M. M (2007). Experiência: um termo chave para a Psicologia. *Memorandum*, 13, 08-15. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/amatuzzi05.pdf>

Amatuzzi, M. M. (1998). A experiência religiosa. Estudando depoimentos. *Estudos de Psicologia*, 2, 3-27.

Amatuzzi, M. M(2011). “Pesquisa fenomenológica em psicologia” In: Bruns, M. A. T & Holanda, A. F. (orgs.) *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e perspectivas*.
Campinas-SP: Alínea.

Benatte, A. P.(2007). História da leitura e história da recepção da Bíblia. *Oracula*. 03(5). São Bernardo do Campo-SP.

Bezerra, M. M. S (2006). Abuso sexual infantil - criança X abuso sexual. Recuperado de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0299.pdf>

Bíblia Almeida Corrigida Fiel. Recuperado de: <https://www.bibliaonline.com.br/>

Bíblia Nova Versão Internacional. Recuperado de: <https://www.bibliaonline.com.br/>

Bicudo, M. A. V. (2011). “A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos”. In Bicudo, M. A. V (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. 1ªed. São Paulo-SP: Editora Cortez.

Bicudo, M. A. V. (2011). “Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica”. In: Bicudo, M. A. V. (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica*. 1ªed. São Paulo-SP: Editora Cortez.

Bruns, M. A.T. (2011). “A redução em Hurssel e a Possibilidade de Superar Impasses da Dicotomia Subjetividade-Objetividade”. In: Bruns, M. A. T & Holanda, A. F. (orgs.). *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e perspectivas*. Campinas-SP: Alínea

Chardin, T. (1988). *O fenômeno humano*. São Paulo-SP: Cultrix.

Constantino, E. (2015). “A Bíblia à luz do amor de Deus”. In: Santos, A.A.S. (org.) *Panorama Homoafetivo: Perspectivas cristãs de inclusão LGBT*. Rio de Janeiro-RJ: Metanoia.

Davi, E. H. D. (2013). *Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti. Tese de doutorado*. USP /Ribeirão Preto-SP, Brasil.

Francisco, L. (2015). *A problemática da linguagem em Merleau-Ponty: a fala falada e a fala falante. Dissertação de mestrado*. UFSC/ Florianópolis-SC, Brasil.

- Feitosa, A. (2015). “Sete respostas objetivas às ‘provas’ bíblicas contra a homossexualidade”. In: Santos, A. A. S. (org.) *Panorama Homoafetivo: Perspectivas cristãs de inclusão LGBT*. Rio de Janeiro-RJ: Metanoia.
- Feitosa, A.(2016). *Teologia Inclusiva*. Brasília-DF: Oásis.
- Ferreira A.B.H. (2004).Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª.ed. São Paulo, Positivo.
- Ferreira, M. L. C. (2016). Homossexualidade e a Igreja Inclusiva no estado de Goiás: Igreja Caminho da Inclusão – um estudo de caso. *Dissertação de Mestrado*. PUC-Goiás, Goiânia-GO, Brasil.
- Fontanella, B. J. B. ; Ricas, J. ; Turato, E. R (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad.Saúde Pública*. 24(1). Rio de Janeiro-RJ
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população. Curso dado no College de France (1977-1978)*. São Paulo-SP: Martins Fontes.
- Gebara, I. (2006). *O que é teologia*. São Paulo-SP: Brasiliense.
- Holanda, A. F. (2011). “Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico”. In: Bruns, M. A. T & Holanda, A. F. (orgs.) *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e perspectivas* .Campinas-SP: Alínea
- Jesus, F. W. (2006). Notas sobre religião e (homo)sexualidade: "Igrejas Gays" no Brasil. 26ª. *Reunião Brasileira de Antropologia*. Recuperado de http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2006/fatima%20weiss%20de%20jesus.pdf.



- Junqueira, R. D. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas*, Natal-RN, 1(1).
- Leeuw, G.V. (1933). A religião em sua essência e suas manifestações: Fenomenologia da Religião. Epílogo. *Revista abordagem gestalt*, 15(2), 179-183. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n2/v15n2a14.pdf>
- Mota, S. G. (2005). As fronteiras da fé na criança: Descobrimo as relações sócio-religiosas da espiritualidade infantil. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Universidade Metodista de São Paulo-SP, Brasil.
- Natividade, M.(2010). Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Revista Religião e Sociedade*, 30(2), p.90-121.
- Natividade, M. & Oliveira, L. (2013). *As novas guerras sexuais. Diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro-RJ: Garamond.
- Natividade, M. (2013). Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. *Revista Latitude*, 07, (1), p. 33-51.
- Natividade, M. & Oliveira, L. (2009). Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, salud y sociedad - Revista Latino Americana*, 2, p. 121-161.
- Nascimento, N. & Alessandro, M.(2010). Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? *Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social*, Marzo-Sin mes, pp. 227-239.

- Nicolaci da Costa, A. M. (2007). O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), p.65-73. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000100009>.
- Paiva, N. S. G.; Nunes, L. G. A. & Deus, M. F. (2010). A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. *Olhares e Trilhas*, 11(11), pp. 85-96.
- Katz, J. N. (1996). *A invenção da hetero sexualidade*. Rio de Janeiro – RJ: Ediouro.
- Ribeiro, J. P. (2015). “Religião e Psicologia”. In: Holanda, A. F. (org). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. Campinas-SP: Alínea.
- Silva, E. P. Q.; Parreira, F. L. D. & Lissi, C. B. (2017). “Sexualidade e religião-reflexões que cabem à educação escolar”. In: Ribeiro, R. C. & Magalhães, J. C. *Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade*. Rio Grande-RS: Ed. da FURG.
- Souza, M.O.,Silva,F.M. & Oliveira,V.M.S.(2014). O Corpo na Idade Média: entre representações e sexualidade. *IV Congresso sergipano de história*. Aracaju-SE. Recuperado de: http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1408115356_ARQUIVO_OCorpo naIdadeMediaentreprerentacoesesexualidade.pdf
- Valério, C.(2015). “CrisTrans: Pessoas Cristãs que transgridem o binarismo de gênero (masculino-feminino)”. In: Santos, A. A. S. (org.) *Panorama Homoafetivo: Perspectivas cristãs de inclusão LGBT*. Rio de Janeiro-RJ: Metanoia.
- Valle, E. (2006). A Igreja Católica ante a Homossexualidade: Ênfases e Deslocamentos de Posições. *Revista de Estudos da Religião*, 1, p.153-185.

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Revista Temáticas*, 22(44), p. 203-220

Woodhead,L. (2002). Tradução : Pereira,D. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. *Revista de Estudos da Religião*, 1, p.1-11

Anexo A

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA														
- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA														
<p>Título da Pesquisa: Igreja inclusiva: vivências religiosas de gays e lésbicas Pesquisador Responsável: Jayane Santos Guimarães Área Temática: Versão: 1 CAAE: 61516216.6.0000.5400 Submetido em: 31/10/2016 Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara Situação da Versão do Projeto: Aprovado Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável Patrocinador Principal: Financiamento Próprio</p>														
														
				Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_805751										
- DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA														
<ul style="list-style-type: none"> ↳ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Pendência Documental (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Documentos do Projeto <ul style="list-style-type: none"> ↳ Comprovante de Recepção - Submissã ↳ Cronograma - Submissão 2 ↳ Folha de Rosto - Submissão 2 ↳ Informações Básicas do Projeto - Subm ↳ Outros - Submissão 2 ↳ Projeto Detalhado / Brochura Investigad ↳ TCLE / Termos de Assentimento / Justif ↳ Apreciação 2 - UNESP - Faculdade de Ciêr ↳ Projeto Completo 	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Tipo de Documento</th> <th>Situação</th> <th>Arquivo</th> <th>Postagem</th> <th>Ações</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="5" style="height: 100px;"> </td> </tr> </tbody> </table>				Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações					
Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações										

Anexo B**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara/SP

Programa de Pós Graduação em Educação Sexual

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Anuência do entrevistado)

(De acordo com a Resolução nº 466/2012 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde - Brasília - DF)

Nome da pesquisa:

Igreja inclusiva: vivências religiosas de gays e lésbicas¹⁹.

Pesquisadora Responsável: Jayane Santos Guimarães

Orientadora: Professora Doutora Maria Alves de Toledo Bruns

Senhor/a Colaborador/a:

Sou Jayane Santos Guimarães, aluna do Programa de pós Graduação *stricto sensu* em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - Campus de Araraquara-SP, RA 192634-1 e orientanda da Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - Campus de Araraquara-SP, e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Depto. De Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP - Campus de Ribeirão Preto–SP. O objetivo desta pesquisa é elucidar e compreender as vivências de práticas religiosas de homens e de mulheres homoafetivos/as. Acreditamos que esta pesquisa possa esclarecer os motivos que levaram homens e mulheres homoafetivos/as a

¹⁹ Título inicial da pesquisa, modificado após orientação da banca de qualificação.

deixarem de frequentar as práticas religiosas nas suas igrejas e a passarem a frequentar a Igreja Inclusiva criada por gays e lésbicas. Por isso, estamos convidando-o/a a participar desta pesquisa. Sua participação consistirá em aceitar ser entrevistado/a por mim, Jayane, respondendo à seguinte questão: 1 - Fale para mim como tem sido sua vivência homoafetiva e a sua prática religiosa desde sua infância, adolescência, fase jovem adulta/adulta, ou seja, até o momento em que passou a conhecer e a frequentar a Igreja Inclusiva.

Informamos que sua entrevista será gravada e, após a transcrição, será apagada e o conteúdo das entrevistas será utilizado somente para esta pesquisa e trabalhos que dela se desdobrarão, e asseguramos o sigilo de sua identidade. Você não será submetido a nenhum risco físico e/ou psicológico durante a entrevista, assim como não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar desta pesquisa, contudo, informamos para sua ciência, que diante da ocorrência de um eventual dano cabe o direito à indenização. Reiteramos que os benefícios desta pesquisa visam ampliar os campos de conhecimentos das diversidades afetivas e sexuais, relações de gêneros e sexualidade, que ocorre nas instituições religiosas inclusivas. Quero lhe dizer, também, que me coloco ao seu inteiro dispor para todos os esclarecimentos necessários e dúvidas através do e-mail jayguimaraes@yahoo.com.br ou pelo telefone (011) 94718-5509.

Jayne Santos Guimarães, aluna do Programa de pós Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP- Campus de Araraquara/SP. E-mail: jayguimaraes@yahoo.com.br .
Celular: (11) 94718-5509.

Prof. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP- Campus de Araraquara/SP, e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Depto. De Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP - Campus de Ribeirão Preto – SP. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida USP/CNPq. E-mail: toledobruns@uol.com.br.

CERTIFICADO DE CONSENTIMENTO

Eu (nome do entrevistado/a) _____

RG nº _____, após tomar conhecimento das informações referentes a minha disposição em participar desta pesquisa, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar deste estudo, declarando conhecer os termos da pesquisa.

- 1- Minha participação é totalmente livre e espontânea;
- 2- O local e o horário da entrevista a ser realizada serão por mim escolhidos;
Em hipótese alguma minha identidade será revelada, sendo meu nome substituído por um fictício, ou por um número;
- 3- A qualquer momento que desejar, posso: interromper, não responder a algumas perguntas ou desistir da entrevista, sendo prontamente atendido;
- 4- Minha desistência não repercutirá em qualquer forma de retaliação ou discriminação;
- 5- É garantido pela pesquisadora que não terei gastos extras por participar desta pesquisa.

Tenho ciência do exposto acima e autorizo minha entrevista como parte dos dados da pesquisa: *Igreja inclusiva: vivências religiosas de gays e lésbicas.*

São Paulo, _____ de _____ 2017.

Assinatura do/a entrevistado/a:

Anexo C

QUESTIONÁRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA

SISTEMA DE PONTOS

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Vídeocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	2
Colegial completo / Superior incompleto	3
Superior completo	5

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	30-34	1
A2	25-29	5
B1	21-24	9
B2	17-20	14
C	11-16	36
D	6-10	31
E	0-5	4

Fonte : www.abep.org

Roteiro para construção do perfil dos/as colaboradores/as

1. Nome
2. Idade
3. Idade em que conheceu a igreja/Teologia Tradicional
4. Estado civil (casado (a) / parceiro (a))
5. Há quanto tempo conhece a Teologia Inclusiva?
6. Há quanto tempo frequenta a Igreja Inclusiva?
7. Filhos
8. Escolaridade
9. Profissão
10. Irmãos
11. Nível socioeconômico
12. Participou de algum retiro de cura espiritual, devido à orientação sexual?